D-ARTE Londrina

Edição #8
julho/2020



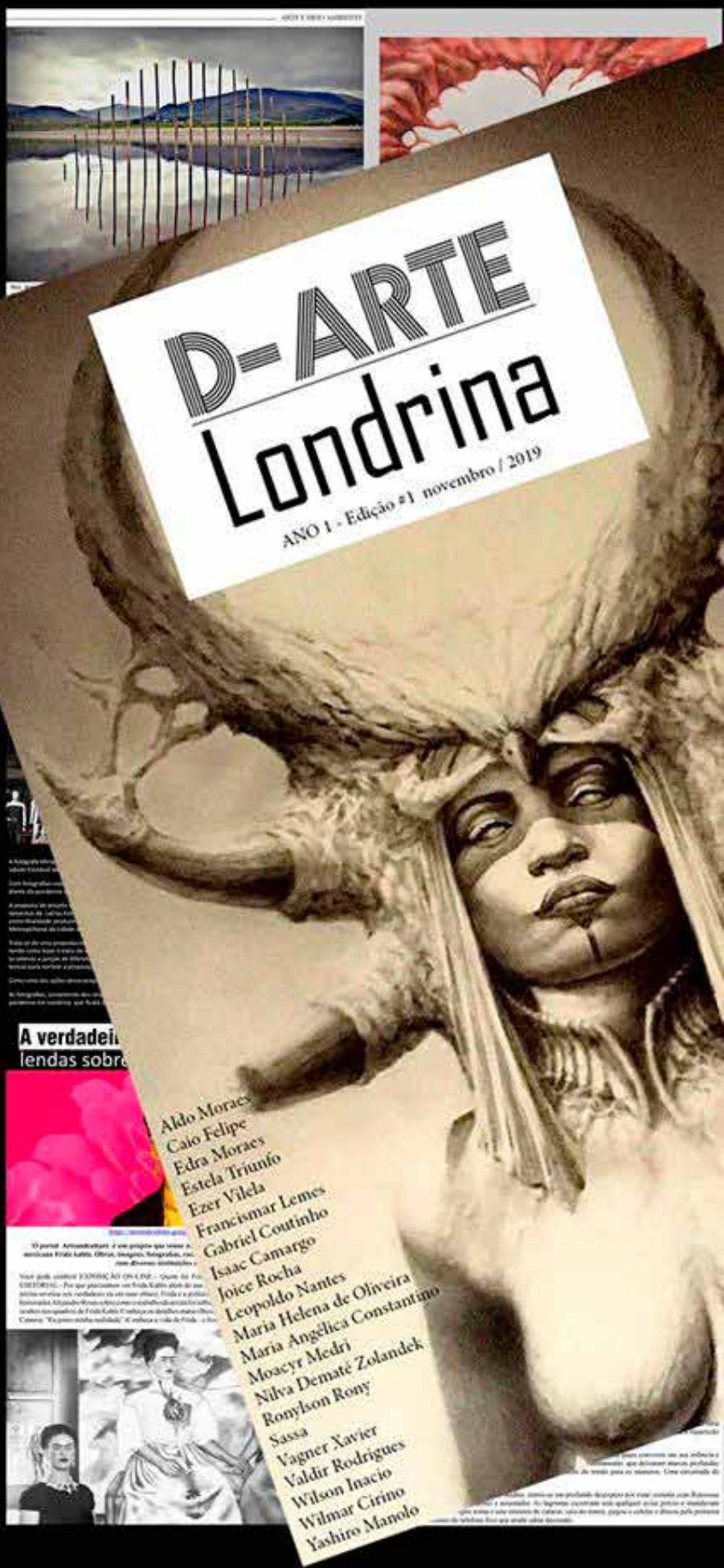
Ilustração - releitura de Renê Magritte - Wilson Inacio

financiado com catarse

CAMPANHA

ADOTE UMA PÁGINA

D-ARTE Londrina



R$ 10,00
(MENSAIS)

ASSINE JÁ!

https://www.catarse.me/d_arte_revista_eletronica_de_arte_e_cultura_26a2?fb-clid=IwAR2ntFAqpc9s73PU6HVFBjdu3x45cuXVBe51hT1ZlB7wT7TGoAJCV2TmAks

EDIÇÃO LARANJA #8

D-ARTE Londrina

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

“0 artista é o taxidermista que empalha e, faz um recorte desse cotidiano, trazendo uma nova perspectiva da realidade que nos cerca, onde, muitas vezes criamos, sem mesmo saber, quais serão os efeitos que toda nossa inventividade nos trará”.

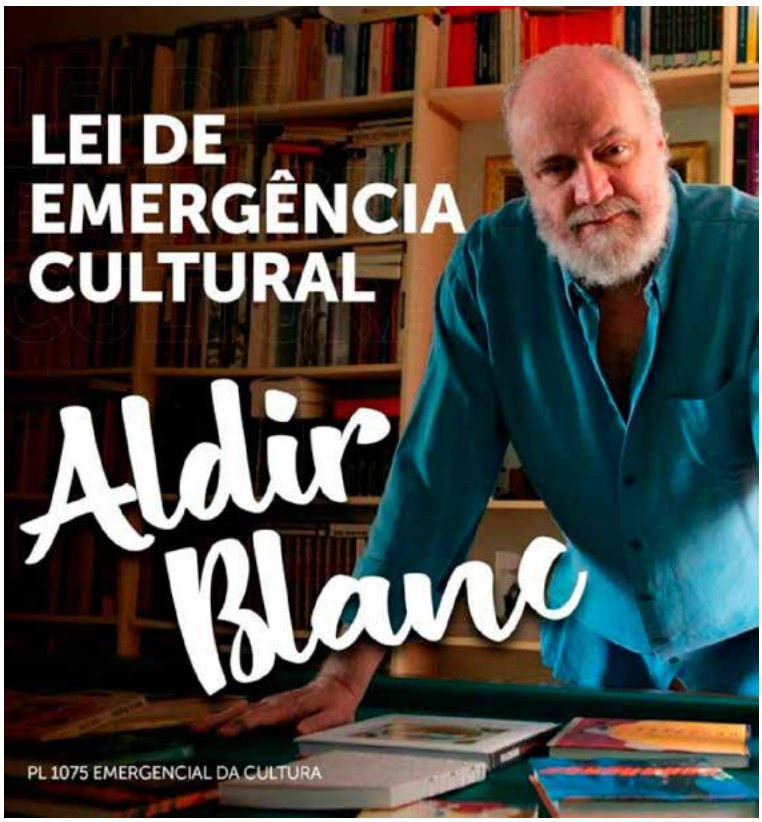
Wilson Inacio

BRAZIL - 2020

D-ARTE Londrina

EXPEDIENTE - Revista D-arte Londrina
Diretores de Redação : Wilson Inacio, Ronilson Rony

Site: dartelondrina.wordpress.com
Email: dartelondrina@gmail.com
Instagram: @dartelondrina





Saudações! Apresentamos nossa 8ª edição da Revista D-arte Londrina. Lembramos a todos os leitores que a revista se apresenta de forma interativa, clicando nos ícones e links serão direcionados para as páginas e redes sociais dos artistas. Buscamos mais uma vez, de forma democrática , receber os trabalhos dos artistas, grupos, escritores, autores, pesquisadores e afins, sem qualquer pré-julgamento possibilitando que este ambiente seja plural, diversificado e livre.

email para envio de materiais:
dartelondrina@gmail.com.

A Revista D-ARTE Londrina, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para serem divulgados em nossas edições, sem nenhum ônus ou seleção por intermédio de editais.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos.
A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:
https://dartelondrina.wordpress.com/

Nossas publicações operam de forma independente e, para mantermos o trabalho, disponibilizamos o projeto em financiamento coletivo. Interessados em colaborar financeiramente com esta empreitada podem fazer doações no link

ttps://www.catarse.me/d_arte_revista_eletronica_de_arte_e_cultura_26a2?fbclid=IwAR2ntFAqpc9s73PU6HV-FBjdu3x45cuXVBe51hT1ZlB7wT7TGoAJCV2TmAks



www.ellsy.com.br



Foto via Twitter - @marinamaral2

ALDIR BLANC, UMA DOR ASSIM PUNGENTE

Caro Nelson
Que nítida e bela radiografia de um gênio com o qual tivemos o privilégio de compartilhar nossas vidas.
Grande abraço
João Bosco

Por Nelson Bravo – Juiz de Fora

Consciente do sentido ético da existência e dotado dessa pureza d'alma que só os verdadeiros artistas possuem, ALDIR BLANC MENDES deixou seus milhões de amigos e admiradores órfãos desconsolados, neste abril de tristes lembranças. Nascido em 1946, no Estácio, Zona Norte do Rio, reverenciado por Dorival Caymmi como o "ourives do palavreado" e pelo cartunista Jaguar como "Proust de Vila Isabel", legou ao Brasil um acervo de canções fundamentais, cujas letras subvertem, pela invenção e criatividade, qualquer lógica formal.

Diante delas nos sentimos surpresos e encantados, como criança assistindo a um mágico que jogasse palavras para o alto e elas caíssem onde ele apontasse o dedo.

Aldir Blanc sempre viveu com pouca grana e seu maior orgulho era ser um compositor popular. Incapaz de trair sua sensibilidade de poeta, nunca aplicou na bolsa, preferindo investir suas economias nas boas ações da vida. Assim, fez do seu coração um cofre e nele depositou as mais sublimes canções, uma forma de amenizar as asperezas do mundo e dar sentido e espiritualidade à vida.

Formado em Medicina, em 1971, mais por influência do pai, com especialização em Psiquiatria, sentía-se obsessivamente atraído pela música, desde menino.

Culto e sensível, com um senso de humor e ironia dignos de Voltaire, ao optar pelo mundo incerto da música, mostrou atrevimento e senso de liberdade impensáveis para um jovem de 23 anos.

Infeliz na Medicina, após dois anos de consultório, ao optar pela música, trocou o jaleco branco pela mais espiritual das artes, como quem permuta ferro velho por diamante.

Assim, descartou, numa só tacada, o divã de Freud e os compêndios de Psiquiatria. Fã assumido de jazz - é sintomática sua obra "O Gabinete do Dr. Blanc, sobre Jazz, Literatura e Outros Improvisos", alusão ao diretor Robert Wiene e seu filme "O Gabinete do Doutor Caligari" -- e leitor erudito dos clássicos, que estava sempre revisitando, fruia também da


divulgação - Aldir Blanc

companhia de Lima Barreto e Ney Lopes, seus escritores amados e mais chegados ao Rio antigo e contemporâneo, respectivamente.

Seus primeiros passos na música foram na contramão da época: começou cantando nos bares da vida, autores então considerados "fora de moda": Noel Rosa, Geraldo Pereira, Wilson Batista, Ataulfo Alves e Ismael Silva, eternas referências do legítimo samba carioca, em Vila Isabel e no Estácio. E isso lhe bastava.

Ouvia diariamente Noel Rosa, único ser que considerava abaixo de Deus, desde menino. Na verdade, Aldir Blanc era um baobá da nossa música, mas chorava, tinha pressão alta e taquicardia, quando via a Acadêmicos do Salgueiro desfilar. Com ela, só cometeu duas infidelidades (perdoáveis): desfilou na Comissão de Frente da Mangueira, na homenagem a Drummond e aos poetas, em 1987, e na da Mocidade, no tributo a Elis Regina, em 1989.

A "Pimentinha" , que ele idolatrava, foi decisiva em sua vida: gravou dele e João Bosco, em sua breve carreira, 28 canções. A dupla só foi batida por Tom Jobim, de quem ela emplacou 30!

Amado e respeitado por seus parceiros, músicos e intérpretes, ele também escreveu nos principais jornais do Rio e São Paulo, cronicando na excelente revista Bundas e no célebre semanário Pasquim.

Como todo gênio movido pela ética e destemor, por vezes contrariava interesses políticos e ideológicos de alguns patrões, com os quais não transigia. Daí ter sido demitido de alguns diários, mas sem jamais abdicar da "dignidade de um mestre-sala". Sabia que quem perdia eram os jornais e seus leitores.

No seu período de residência médica, sentiu-se impotente e frustrado para atender a 120 pacientes seminus e sem remédios, vagando como zumbis pelo hospital, onde só havia 40 camas e a prática medieval de eletrochoques era rotina, o que lhe causava horror e evocava, por similitude, as torturas praticadas pela ditadura militar.

A parceria Aldir Blanc e João Bosco, uma das mais importantes do mundo da música, nasceu no início dos anos 70. Eles se conheceram em Ponte Nova (MG), lá apresentados por Pedro Lourenço, amigo de Aldir, no Rio. A dupla, como alguns casais, passou por um "divórcio" de 20 anos, de 1982 a 2002, quando, só então, reatou, agora de forma mais discreta, contida e equilibrada.

Estrearam em disco em 1972, com João Bosco gravando a música "Agnus Sei", lado B do Disco de Bolso do Pasquim, que no lado A trazia "Águas de Março", de Tom Jobim, na voz de Elis Regina.

A mais conhecida e famosa canção da dupla, "O Bêbado e a Equilibrista", de 1979, foi inspirada na música "Smile", de Chaplin, composta para seu filme "Tempos Modernos", de 1936. Na voz de Elis Regina, seria um verdadeiro hino da Anistia, clamor pelo retorno dos exilados pela ditadura militar. Dentre eles, Betinho (Herbert de Souza), até ali sem rosto e vagamente conhecido apenas como "o irmão do Henfil".

Aldir conheceu Betinho durante um show no Canecão, num prosaico esbarrão no corredor do banheiro, quando o ex-

exilado reconheceu-o e disse: - “Eu sou o irmão do Henfil, meu nome é Betinho. Eu voltei por causa daquela música. Eu nunca vou te perdoar, seu f. da p!” Daí, saíram para o abraço. Sobre a letra de “Dois Pra Lá, Dois Pra Cá”, Aldir disse que foi dificílima, mas, um dia, chegando em casa esborneado num táxi, sem papel ou lápis, ela veio num repente. Desesperado, entrou no cafofo correndo e tacou a letra inteirinha num gravador. A consagração viria a seguir, outra vez na voz de Elis Regina.

Para entender como esse tema aparentemente trivial mas inusitado lhe ocorreu, vamos à gênese: o jovem Aldir Blanc gastou uma grana preta e alugou um smoking para arrasar num baile no Clube Monte Líbano, no Leblon. Saindo do Estácio naquela beca de funerária, foi estranhado por uns e gozado por outros. Chegou ao Clube, tinha dez mil caras vestidos de pinguim, iguais a ele! Esperou cinco horas para conseguir entrar no salão. Eram 3:30 da manhã, e no primeiro rodopio com a dama, esta quebrou o salto do pisante, que os deixou na mão. Em entrevista ao Pasquim, Aldir contou esta história e explicou que, “naquele época, o tornozelo tinha uma magia. O band-aid é torturante por isso: porque era excitamento também.”

Sobre essa música, em fevereiro de 2000, Aldir escreveu que comoveu-se quando Luís Fernando Veríssimo lembrou, na sua crônica “Torturante band-aid”, da época, que o band-aid no calcanhar, valia um compêndio de sociologia suburbana e que “talvez não existisse uma expressão maior de perdição e desejo na música brasileira.”

Quanto à canção “O Mestre-Sala dos Mares”, de 1974, em homenagem a João Cândido, líder da revolta da Chibata, lembramos que ela empacou um tempão na Censura. Originalmente, denominada “O Almirante Negro”, só foi liberada quando eles se mancaram e trocaram o título e o texto, onde aparecia a palavra “negro”, por outras, graças à “dica” de um cara da própria Censura, que entregou o ouro pra eles: se a usassem, ela seria sempre vetada.

Quando a dupla se “enquadrou” nos conformes da época, a música alçou vôo. Aldir dizia que a canção preferida de sua lavra era “Resposta ao tempo”, parceria dele com o pianista Cristóvão Bastos, gravada por Nana Caymmi em 1998, maior sucesso da cantora. De um profundo lirismo no tratamento do tempo, tema tão caro ao filósofo francês Henri Bergson, nela Aldir Blanc escreveu: “E o tempo se rói de inveja/ De mim/ Me vigia querendo aprender/ Como eu morro de amor/Pra tentar reviver.”

Vascaíno de carteirinha e leitor voraz de clássicos do romance policial, curiosamente, ao morrer, deixou um manuscrito “noir” inédito, cujos personagens, de conduta pouco louváveis, pelo que eu soube, circulam pela Tijuca e seus arredores. O romance enseja finais alternativos, à escolha do leitor, o que não deixa de ser moderno e surpreendente.

Dos poetas, cedo Aldir Blanc já curtia Neruda, Maiakovski, Valéry, Vinicius, mas sua grande e maior influência seria mesmo “o poetinha”. Quando leu, pela primeira vez, “Dentaduras Duplas”, de Carlos Drummond de Andrade, disse que tomou um choque e levou uns dois anos para compreender que era um poema magnífico.

Algumas mortes calaram fundo nele: as de suas filhas gêmeas, nascidas prematuramente de sete meses, em 1974, do seu primeiro casamento, a do seu cão labrador Batuque, em 2012, e a do seu pai Ceceu (Alceu), que morava com ele, em 2015.

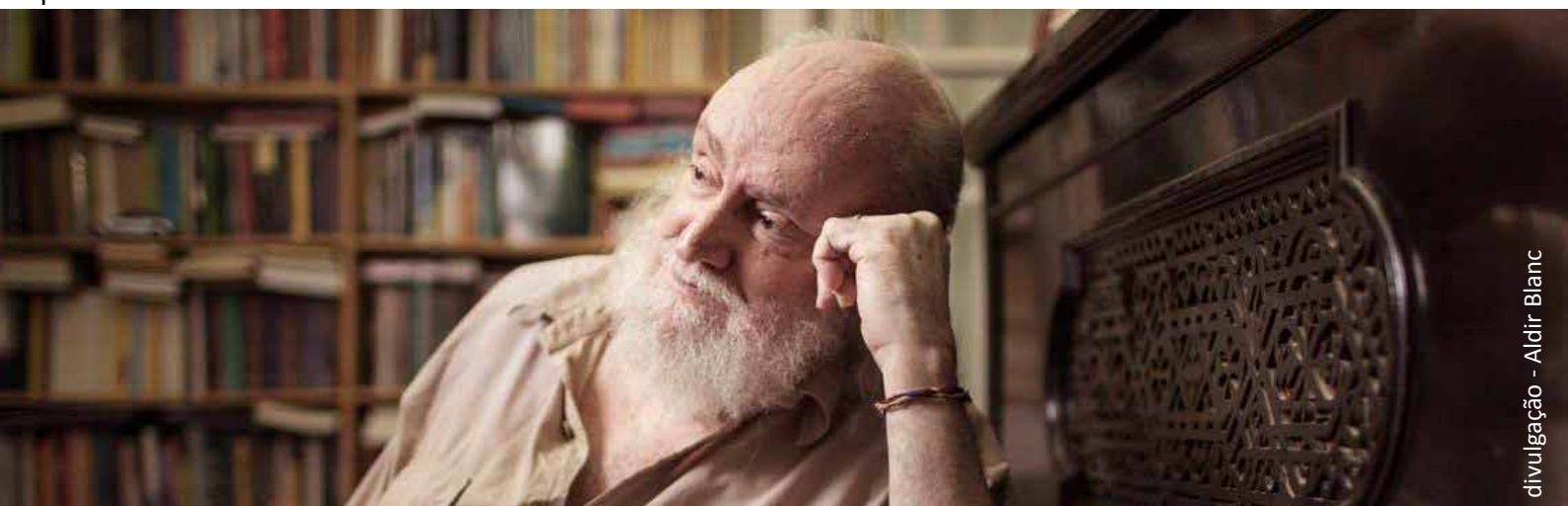
Em 2011, escreveu para Carlos Lyra 19 canções do musical “Era no tempo do Rei”, inspirado em livro do Ruy Castro, certamente as letras mais mordazes e provocativas da história do teatro brasileiro, segundo a crítica.

Conforme revelou Ruy Castro, uma noite, Aldir desembarcou de um táxi na porta do teatro João Caetano, durante a temporada do musical. Sem ser percebido pelo público, entrou e curtiu o espetáculo na “moita”. Ao seu final, quando o elenco era ovacionado, se mandou pra casa, feliz, no maior anonimato, como se não fosse ele um dos responsáveis por aquela obra existir.

Aldir Blanc teve dezenas de parceiros ilustres, dentre os maiores nomes da MPB. Os mais assíduos foram João Bosco, Guinga, Moacyr Luz, Maurício Tapajós e Cristóvão Bastos. Intérpretes, também teve aos cachos, de Chico Buarque a Ivan Lins, de Nana Caymmi a Leyla Pinheiro.

Descrente da nossa Justiça caolha, complacente com doleiros, delatores premiados, políticos corruptos, bandidos da coluna social e torturadores, tinha sempre um olhar de candura e compreensão para com os excluídos.

Seu livro “Brasil Passado a Sujo: a trajetória de uma porrada de farsantes”, é uma bandeira ostensiva desse Brasil varonil que aí está.



divulgação - Aldir Blanc


divulgação - Aldir Blanc

Como todo avô coruja, sua maior alegria era brincar com os netos, que podiam fazer dele gato e sapato. Aliás, o próprio Aldir teve uma infância feliz, no Estácio e Vila Isabel, evocada no livro Vila Isabel - Inventário da Infância, além dos deliciosos passeios de barco e pescarias de siri que fazia com familiares e amigos à paradisíaca Ilha de Paquetá, de menino até a vida adulta.

No seu escritório-bunker de mais de 20.000 livros, curtia música, compunha, estudava, tocava violão e escreveu mais de vinte obras, sobre figuras cariocas e acontecimentos do Estácio, Tijuca e Vila Isabel, em crônicas e histórias deliciosas.

Começou a sofrer da 'síndromes do jaleco branco', desde que perdeu suas filhas gêmeas. Ela é caracterizada, sobretudo, pela elevação da pressão arterial, no momento da consulta médica, além de outros sintomas. Traduzindo em miúdos: passou a ter horror a médicos.

Fez dezessete anos de terapia com duas craques da área, pelas quais tinha grande apreço. Elas o trataram quase de graça, segundo me disse, devido ao desmoronamento do sistema autoral.

Essa tragédia foi mais agravada em 1991, quando, perto do Túnel Santa Bárbara, junto ao morro da Coroa, o carro da sua mulher foi violentamente atingido por trás por outro veículo. Aldir, que nunca dirigiu, estava sentado no banco do carona e seu calvário, para o resto da vida, não mais teria fim. Com o choque, ele sofreu uma extensa fratura no fêmur esquerdo. Retirado do carro por terceiros, ficou um tempão estirado no chão, enquanto sua mulher também sangrava, ao seu lado, mas com menos gravidade. Um bombeiro de folga que corria se exercitando pela área, veio avisar que havia ocorrido um outro acidente no túnel e não havia ninguém para socorrê-los. Foi quando a galera do morro do lado do Dona Marta desceu. Aldir puxou Mari, sua mulher, já com um pé descalço, despedindo-se dela, quando um negrão enorme, de calção e sandália japonesa, segundo o Aldir, deu um tremendo esporro na galera, liberou o socorro no grito e eles foram levados de Bugre para o Souza Aguiar.

Mesmo lá chegando com a fratura batendo, ele ficou eternamente grato ao pessoal da favela, responsável pelo seu resgate, fato confirmado pelo próprio médico que os atendeu, na emergência do Souza Aguiar.

Depois, viria o suplício de receber uma placa de 40 cm e 12 parafusos na perna, tendo que permanecer oito meses deitado numa cama. Em 2010, descobriu-se com diabetes e parou de beber e fumar. Esse golpe o levaria a uma fobia social, por ele mesmo admitida, a partir de então, quando só raramente passou a sair de casa.

Por uma incrível coincidência, tempos após o acidente, duas de suas filhas lanchavam no barzinho de um amigo dele, quando uma moça, na mesa ao lado delas, disse para uma amiga: "Eu estava no banco do carona no carro que machucou o Aldir Blanc e a mulher dele. O meu namorado, um babaca, bateu no carro deles porque estava tentando me agredir, numa crise de ciúmes e, na raiva, meteu o pé no acelerador".

Essa confidência me foi transmitida, em anos recentes, pelo próprio Aldir, mas sem qualquer rancor, o que achei admirável.

Mesmo considerado um dos maiores compositores do Brasil, com mais de 600 músicas gravadas pelos nossos maiores artistas, e tema de dezenas de novelas de sucesso e minisséries celebradas, além de caracterizar, musicalmente, mais de 60 personagens, Aldir Blanc nunca conseguiu viver de direitos autorais. Sobrevivia de bicos, letras, textos para jornal, livros, releases, o que pintasse. Assim, se equilibrava "na corda bamba de sombrinha" para sustentar sua prole.

Em abril de 2013 , sua presença foi festejada como um acontecimento raro na Livraria Argumento, do Leblon, ao sair de casa para prestigiar o lançamento do livro "ALDIR BLANC – Resposta ao tempo", do jornalista Luiz Fernando Vianna, hoje esgotado.

Em 1991, chorou, o que não era comum, quando morreu Yves Montand. Em sua memória, compôs com Guinga a deliciosa chanson "Mise-en-scène" ("Yves Montand de manhã, em passant,/ L'ennui, Le Néant, ai, haja Fimatosan...") abraçando, nessa geografia afetiva, Paul Valéry e Jean-Paul Sartre.

Ficou doente quando morreu Tom Jobim e só saiu da fossa pelo humor, quando sua filha lhe mostrou um diálogo de Luís Fernando Veríssimo, no jornal, que dizia: --"Invadiram a Chechênia", e o outro perguntava: -"De quem?"

Em 23.5.17, Aldir tinha que gravar um depoimento na corte da OEA sobre Vladimir Herzog. Fê-lo sem dormir, com câimbras, ansiedade, dores imensas nos dois pés, uma vontade louca de biritar, mas se conteve. No dia seguinte, confessou que na véspera de uma gravação seu nariz sangrava e não dormia um minuto sequer. Resistia à vontade de beber, gravava, saía tudo certo, mas aí, caia no "cão negro do Churchil" (depressão) e passava mais 24 horas na pior...

Aos que ainda confundem a canção "Sinal Fechado", de 1974, de Paulinho da Viola, com a sua "Amigo é pra essas coisas", de 1970, sucesso do MPB-4, parceria dele com Sílvio Silva Jr., Adir Blanc sempre ressaltou que a primazia de ser o primeiro a usar um diálogo na MPB, para ele, era irrelevante.

Com a Internet, tinha uma relação de amor e desprezo. Nela já escrevera, há décadas, sobre jazz, música brasileira, o Rio, etc. Às vezes, dava um rolê pelo Louvre, British Museum, livrarias especializadas, etc., mas subia nas tamancas com esses idiotas que emporcalham a rede com imbecilidades e fake-news.

Seu lado gauche, rebelde e inconformado, sempre foi explicitado no humor e ironia de muitos de seus textos e canções, por ele sabiamente utilizados como mecanismo de defesa para proteger a sua dor, como ensina Freud. No quesito rebeldia e arte, Aldir Blanc poderia ser escalado num time (sem técnico) que abrigaria nomes marginais, mas devastadores, dando uma banana para o "sistema", como Caravaggio, Van Gogh, Rimbaud, Lautréamont, Erik Satie, B. Traven , Jean Genet, Jimmy Hendrix, Janis Joplin, James Dean, Milles Davis, Hélio Oiticica, Gonzaguinha e Torquato Neto, dentre uns poucos, todos muito mais próximos de Deus do que supõe nossa vã filosofia.

Aldir Blanc nunca pensava naquilo que iria letrar. Deixava a letra bater ene vezes, até sentir condições de fazer, a menos que tivesse prazo pra cumprir. Explicou que ela às vezes vinha na rua, no sono, etc. Em 90% dos casos, fazia letra em cima de música.

Declarou, entre seus medos, não ter o de morrer, mas revelava preocupação de como iriam ficar seus filhos e netos. Só não queria morrer com tubos, comadres...

Cidadão de fina erudição, mas, como Mário de Andrade, nunca deixou o país. Na Psiquiatria, assimilou o ensino pioneiro de Franco Basaglia, que esteve algumas vezes no Brasil, R. D. Laing, Michel Foucault e Nise da Silveira, figuras emblemáticas da luta antimanicomial, que também seria a sua. Mas negou que a Psiquiatria tivesse aberto sua cabeça de letrista.

Tinha apreço especial pelo seu belíssimo disco "Vida Noturna", onde quis mostrar a voz, dizer "eu canto assim", com arranjos de Cristóvão Bastos e esplêndida capa, criação do seu amigo, parceiro de aventuras e artista plástico Mello Menezes, pelo selo Lua, que lhe deu um sonoro cano.

Sob controle desde 2008, só bebeu, dali pra frente, duas vezes: quando da morte de seu pai, em 2015, e no dia da sua longa entrevista para O Globo, pelos seus 70 anos, em 2016. E pensar que o jornal o demitiria, em 23.7.18, por ele recusar-se a defender as políticas e a candidatura de direita que o jornal apoiava!.

Dizia-se ateu, mas, nos últimos anos, passou a rezar. Quando alertei-o para cuidar da saúde, em meados de 2017, respondeu-me de forma tranquilizadora e esperançosa: "Você não vai me perder nem quando, como diz o grande Ney Lopes, eu partir da jornada terrena".

Com justiça, seu perfil artístico e humano foi traçado com mão de mestre por Ricardo Cravo Albin, que o considerava ombro a ombro com Noel Rosa, e o contemplaria, no seu fabuloso Dicionário da MPB, como um dos principais verbetes dessa obra inigualável.

Nestes derradeiros meses, declarava-se estarrecido com a degradação do Brasil. Seus últimos dias foram de pânico e desespero para sua família: sem plano de saúde, sua filha Isabel assumiu a tarefa de angariar fundos junto aos amigos do pai, pelos jornais, para conseguir transferi-lo para uma UTI.

Finalmente, esses recursos não foram necessários e ela pôde mudá-lo do Hospital Miguel Couto, no Leblon, para uma UTI do Hospital Universitário Pedro Ernesto, em Vila Isabel.

Com infecção urinária e pneumonia, agravada pelo coronavírus, Aldir Blanc terminaria seus dias hospitalizado, isolado de todos que o amavam, da forma mais triste e solitária possível.

Sem velório, seu corpo foi cremado no dia 5 de abril, no Memorial do Carmo, no Cemitério do Caju, Zona Portuária do Rio.

Reconhecido e reverenciado por todos, pela nobreza do seu caráter e o sentimento de suas músicas, onde todos nos sentimos incluídos e abraçados, distinguimos com louvor em ALDIR BLANC MENDES esse artista especial e ser humano inesquecível, exemplo de decência, perseverança e luta, que viverá para sempre em cada um de nós, toda vez que nossa alma for tocada por um verso ou nota de suas sublimes canções.

Nelson Bravo – Juiz de Fora

Revista D-arte Londrina, agradeçe a colaboração do blog https://ongartebrasil.blogspot.com/

LEI DE EMERGÊNCIA CULTURAL

Aldir Blanc

PL 1075 EMERGENCIAL DA CULTURA

FIQUE POR DENTRO DA LEI
COM **ALDO MORAES**

YouTube



ALDO MORAES

ELEITO PARA ACADEMIA DE LETRAS DO BRASIL

O músico, jornalista e escritor Aldo Moraes acaba de ser eleito membro da Academia de Artes, Ciência e Letras do Brasil. O londrinense foi comunicado pelo Presidente da Acilbras, Armando Caaraura, que é maestro e escritor, sobrinho-neto de Manuel Bandeira. Vencedor de prêmios musicais na Europa, Brasil e América Latina; Aldo Moraes tem 7 livros lançados e poemas espalhados por dezenas de coletâneas literárias. Seu poema "Lágrima de mulher" foi premiado em 10 concursos no Brasil, Portugal e Estados Unidos. Nos dois últimos anos, foi convidado do Festival Literário Londrix; Festival de Poesia de Lisboa; Encontro de poetas em Cuba; Festival Trasnve de poesias e Festival Literário de Santa Teresa e poemas no Sarau da Academia Infantil de Letras e Salão Internacional do Livro de Genebra 2020.





divulgação

O artista criou o batuque na caixa em 1999 e foi secretário de cultura de Londrina. Em 2017, foi homenageado pelo Congresso Nacional por ter sido premiado no Culturas Populares (Ministério da Cultura) com nota máxima.

Moraes também é membro da Academia Independente de Letras, sediada em Pernambuco e tem contribuído com a regulamentação de politicas públicas para cultura no Paraná, Sergipe, São Paulo e na lei nacional Aldir Blanc.

" Agradeço à Enoque Cardoso (AIL); Tatiana Azevedo e Armando Caaraura (Acilbras) aos amigos, meus mestres de música e letras e minha amada mãe Maria Helena que sempre me incentivou. Também sou grato ao ex-prefeito Barbosa Neto que me deu oportunidade de mostrar minha proposta de cultura ao me nomear secretário.

E ao prefeito de Indiaroba, Adinaldo do Nascimento que faz uma gestão excepcional e que tem uma visão ampla sobre a cultura e o ser humano, foco de seu trabalho"

Aldo Moraes

Contato com o artista:

Whatsapp 43 99957-0245

composermoraes@hotmail.com

Todas fomes possíveis
Impossível fome
Impassível
Indecísel

Prato de comida vazio
É poluição plástica
Desencantamento visual

Boca cheia para comida vazia
É simplesmente loucura.

Como?!

É como nota de tom sem som
Perfume sem flor
Amor sem doação

Todas as faltas possíveis
Impossível de tornar alguém feliz.

Houve um tempo de feras e dinossauros
Tempo de destruição
De auto destruição

Hoje, num tempo de homens civilizados
Somos ainda mais destrutivos...

Aldo Moraes

ALMALONDRINA
rádio web

PROGRAMAS















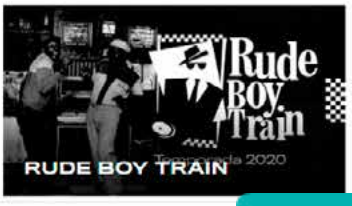












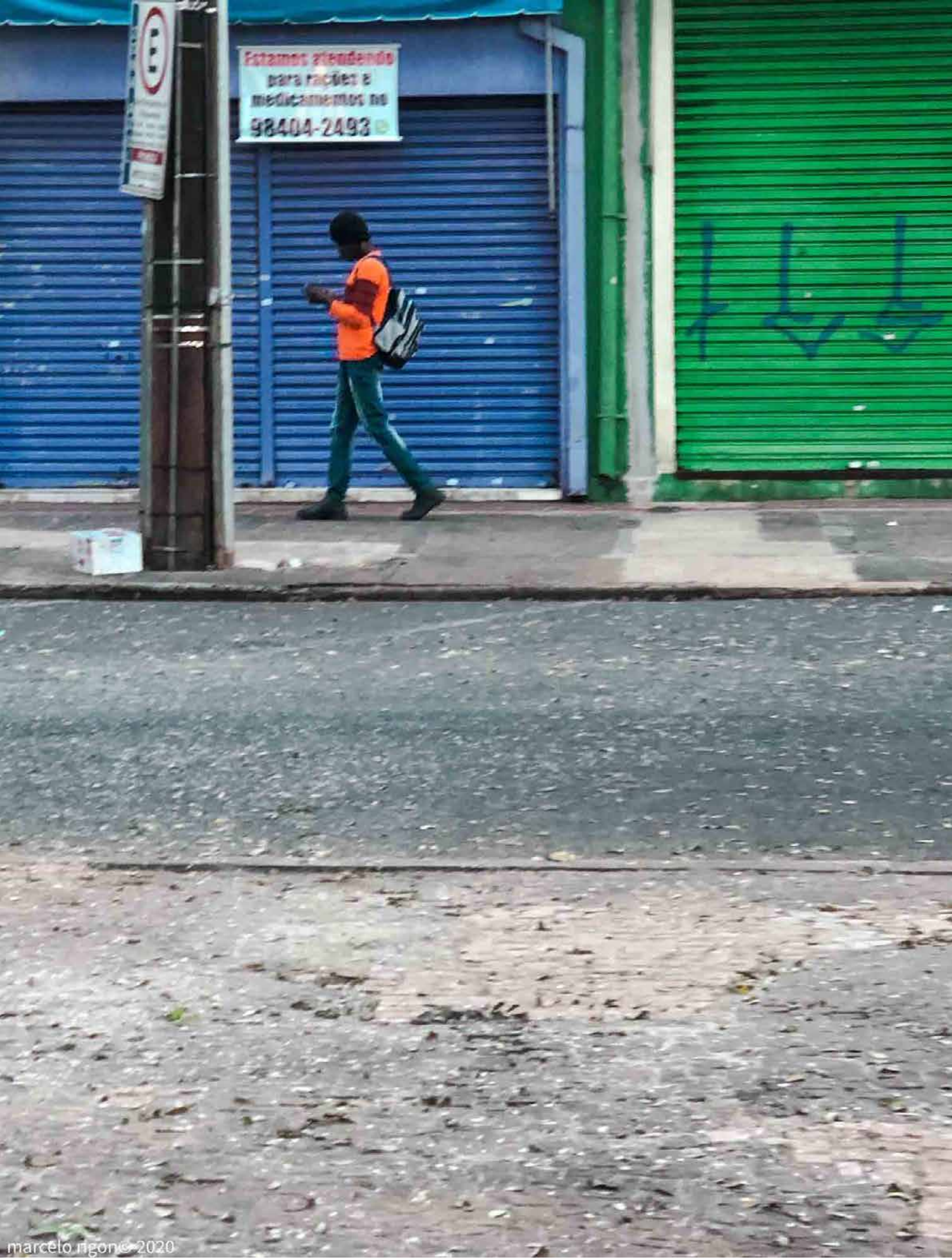


#ouça
RÁDIO ONLINE

https://almalondrina.com.br/



Marcelo Rigon



Marcelo Rigon



Marcelo Rigon



Marcelo Rigon



Marcelo Rigon




mocian
SINTA A BELEZA
www.mocian.com.br

Garatujas Mirabolantes

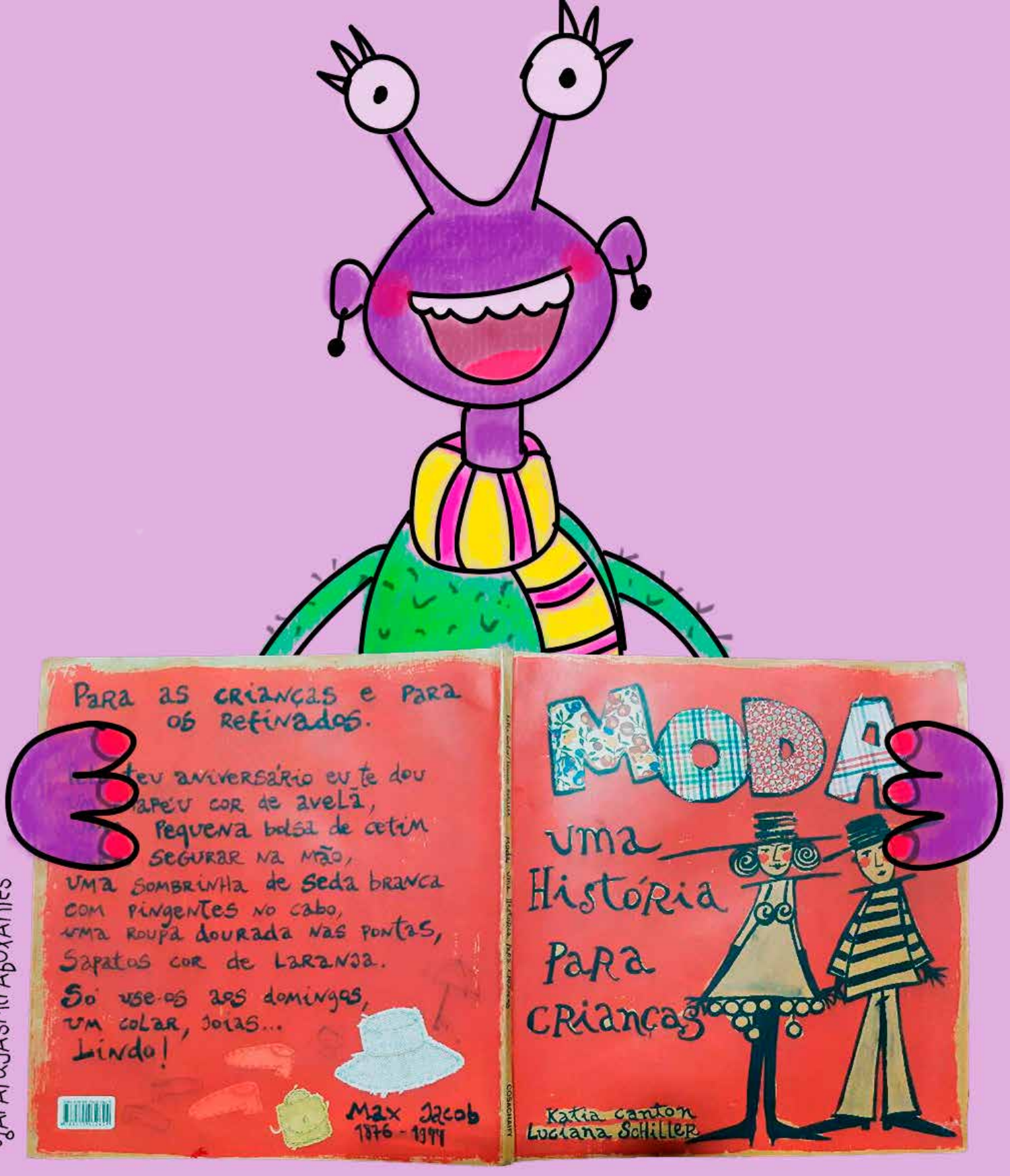
Garatujas Mirabolantes é um projeto desenvolvido pelas arte educadoras: Camila Scafuro, Juliana Baroni e Joice Rocha, que também atuam na Rede Municipal de Educação de Cambé, com o ensino de Arte. O projeto nasceu para aproximar a Arte do cotidiano das pessoas, sejam adultos ou crianças, trazendo reflexões baseadas em obras de artistas e propostas práticas possíveis de serem realizadas em casa, mostrando que a Arte pode estar presente no nosso dia a dia de uma forma leve, acessível e divertida, seja ao criar tintas transformando os temperos que temos na cozinha em pigmentos, fazer pincéis com flores do jardim ou pintar galhos de árvores.



O projeto tem se idealizado através das redes sociais, Instagram e Facebook, onde os temas são desenvolvidos semanalmente, com postagens diárias, que se dividem em: contextualização, proposta prática, indicação de livros, frases de artistas que inspiram a refletir sobre a Arte, além de storys que apresentam as interações e composições realizadas por pessoas que acompanham as páginas e dicas de museus virtuais.

A semana começa com reflexões sobre como a temática escolhida foi abordada por diversos artistas ao longo da História da Arte e propostas de leituras de imagem. A prática ou "Garatujando" busca aproximar o tema do dia a dia das pessoas, propondo a realização de uma composição, articulando materiais que elas possuem em casa como tecidos, temperos, galhos, folhas de árvores ou objetos do cotidiano. O "Garatujas indicam", trás sugestões de livros usados como referência, que trazem outras propostas práticas, ou histórias relacionadas à temática que está sendo desenvolvida. Essas propostas podem ser aproveitadas por pessoas que seguem a página, para momentos de fruição e experiências estéticas em casa, ou por arte educadores, pois a curadoria educativa realizada pela página, pode ser ampliada e transformada em um projeto educacional.





@garatujasmirabolantes

@garatujasmirabolantes



FALA PROFESSORA

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Cássia Kanarski Campanini
Professora Alfabetizadora
Acadêmica do 4º ano de Pedagogia
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Ao tratarmos da atual situação a qual as sociedades foram expostas, pode-se dizer que inúmeras mudanças foram provocadas pelo novo coronavírus que de forma devastadora, atingiu todos os segmentos, como a economia, a política, as relações sociais e consequentemente, a educação.

A nova pandemia foi a responsável por mudanças repentinas nos modelos de ensino, onde profissionais da educação se encontraram diante de imposições tecnológicas implementadas pelo governo, afim de dar continuidade a uma educação remota, utilizando-se de ferramentas pouco eficientes, uma vez que, professores e estudantes foram apresentados a tais recursos sem preparação prévia para dar funcionalidade a este modelo, pois, sabemos que, além dessas condições precárias do ensino a distância em um país como o Brasil, onde se evidencia que uma parcela reduzida da população tem acesso a esse modelo de ensino. O processo de ensino-aprendizagem acontece pela relação direta estabelecida entre professor-aluno no ambiente físico da sala de aula, que permite uma maior interação com criação de vínculos afetivos, emocionais e sociais, fatores estes, que influenciam diretamente a vida dos estudantes, pois a transmissão de conhecimento ocorre através das relações humanas que preparam os indivíduos para viver em sociedade.

O modelo de ensino a distância (EAD) tem sua funcionalidade estabelecida a partir da autonomia de cada estudante, que deve possuir maturidade para a garantia de plena aprendizagem. Em um segmento real, que foge do que é posto na mídia pelas instituições governamentais, a fim de tranquilizar uma parcela da população que não conhece a realidade de uma sala de aula, a educação remota não abrange todos os estudantes, uma vez que, crianças englobadas na educação infantil e no ensino fundamental, necessitam da mediação de um professor, já que este, ao longo de sua formação acadêmica obteve preparação para transmitir conhecimentos que garantam o desenvolvimento integral de um indivíduo que atuará e influenciará diretamente e ativamente a sociedade da qual se encontra inserido. Além do fator social, onde alunos da escola privada desfrutam integralmente do acesso as condições tecnológicas em um ambiente familiar favorável ao desenvolvimento do ensino, por outro lado, evidenciamos os alunos das escolas públicas de um país onde a educação nunca foi prioridade, o que acarretou a falta de acesso com qualidade a estas mesmas ferramentas, criando um ambiente frustrante para profissionais das instituições, estudantes e também para as famílias.

O pouco acesso que atinge alguns alunos, ocorre através da mediação e do trabalho incansável de docentes, diretores e pedagogos, que extrapolam suas cargas horárias de trabalho, com o objetivo único e claro de alcançar seus estudantes. E, mesmo com todo o esforço, ainda presenciamos o descaso por parte de uma sociedade que culpabiliza os profissionais pelo ensino falho. Mas, como desenvolver um trabalho digno e de qualidade se as ferramentas não são disponibilizadas a nossos educadores e educandos?

Tal questionamento, assim como tantos outros que estão relacionados a educação, ainda são incógnitas que não foram respondidas pelo sistema de ensino, pois este não se consolida nas gestões das políticas educacionais, fator evidenciado pela falta de comprometimento de um estado que disponibilize um ensino de qualidade, já que, os interesses dos governantes, prezam pela teoria de que todos os recursos funcionam, e não pela prática que garantam essa funcionalidade.

Não voltaremos a normalidade, aprendemos que a história não retrocede, mas em tempos como este, devemos ser capazes de criar empatia pelo outro, ser solidário e aprender que o egoísmo distancia, devemos voltar diferentes. A grande lição é a de que devemos voltar a ser “humanos”.

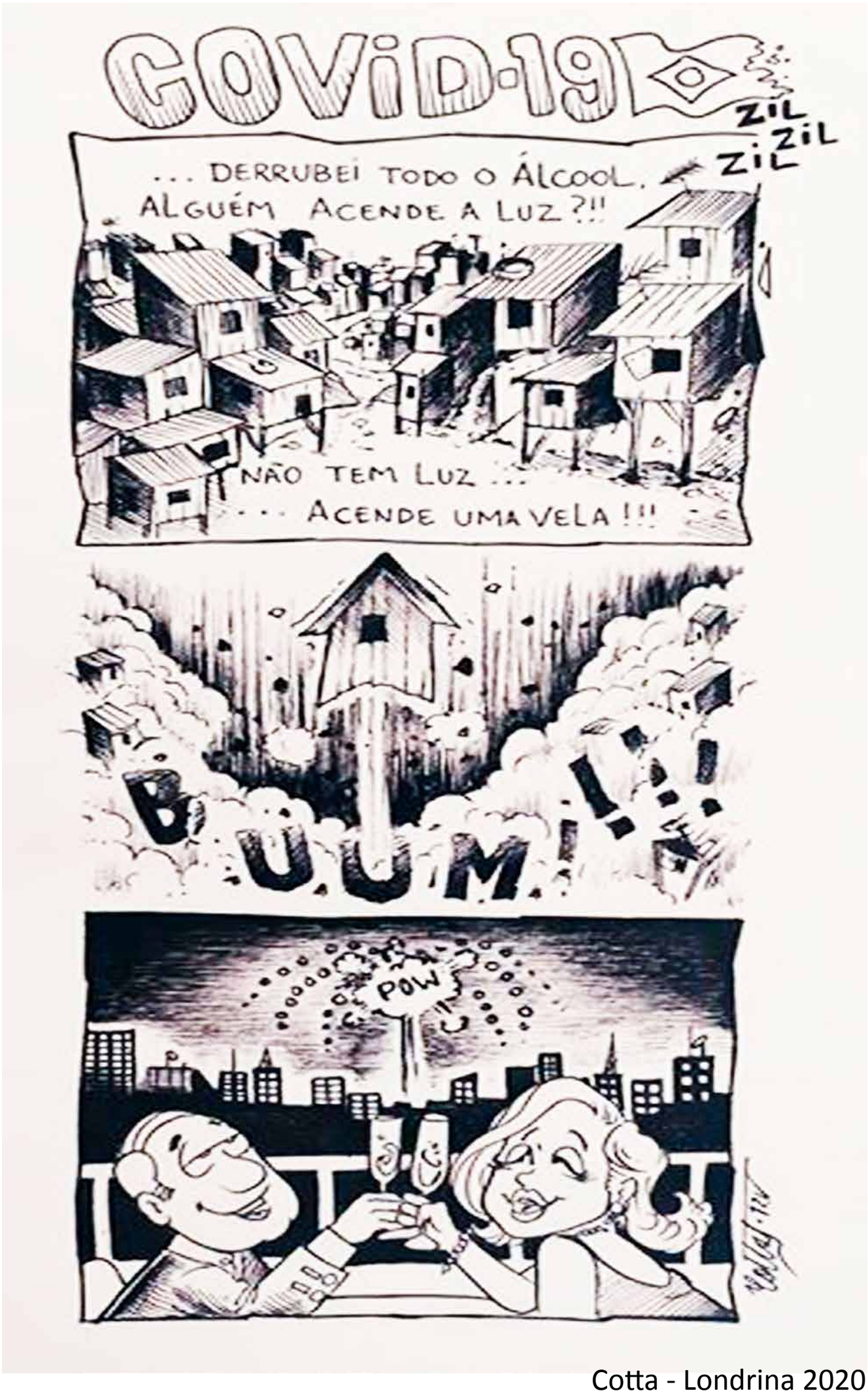


cinecequinha

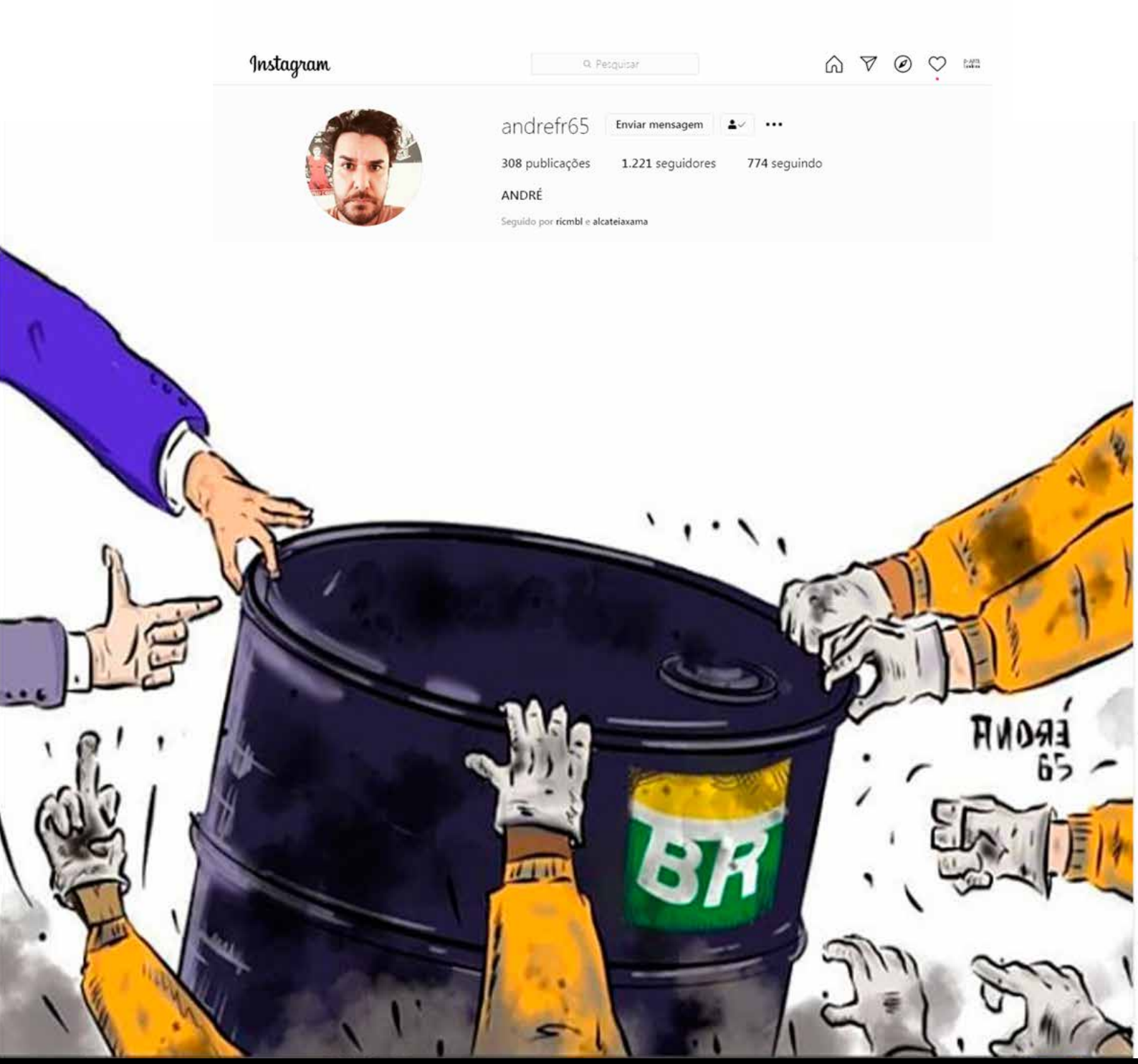
É com grande prazer que anunciamos a ‘Mostra Cine Cequinha em Casa - 1ª edição’, voltada ao audiovisual local da cidade e região metropolitana de Londrina. No momento atual, não podendo ocupar fisicamente os espaços de cinema da cidade, buscamos trazer para dentro de casa uma nova experiência com o mesmo objetivo que sempre envolveu o coletivo, a fim de valorizar as produções locais e ampliar sua visibilidade através do cinema&prosa.

Convidamos a todxs xs artistes, arteires, experimentadores e cinéfiles a participar e acompanhar a mostra. A inscrição de trabalhos fica aberta no período de 06 a 24/07, podendo ser acessada pelo formulário google (link na bio). Não perca tempo e acessa lá que a gente explica tudo no nosso regulamento! Avisa os amigxs e bora valorizar o cinema local! #vemcomocinecequinha

https://linktr.ee/cinecequinha

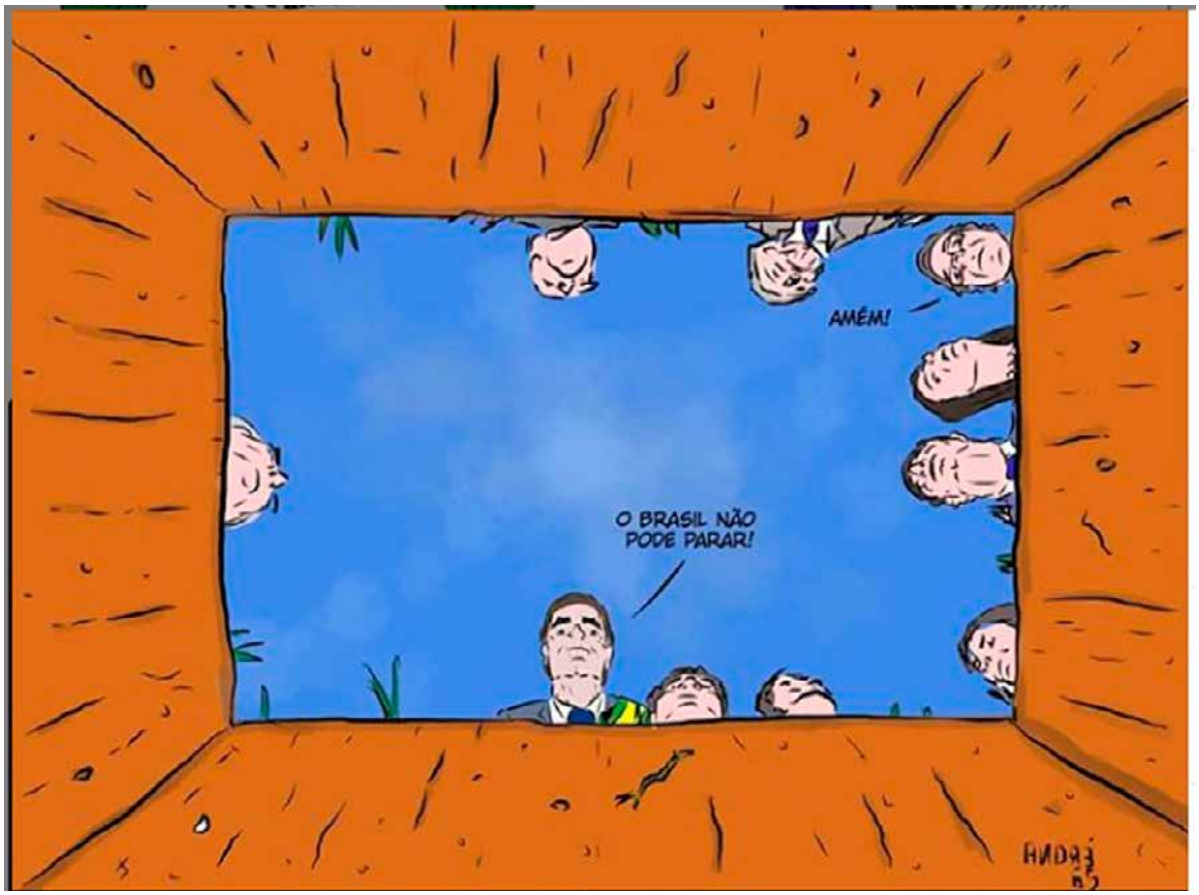


Cotta - Londrina 2020


Instagram
Pesquisar
andrefr65
Enviar mensagem
308 publicações
1.221 seguidores
774 seguindo
ANDRÉ
Seguido por ricmbl e alcateiaxama
BR
ANDRÉ
65

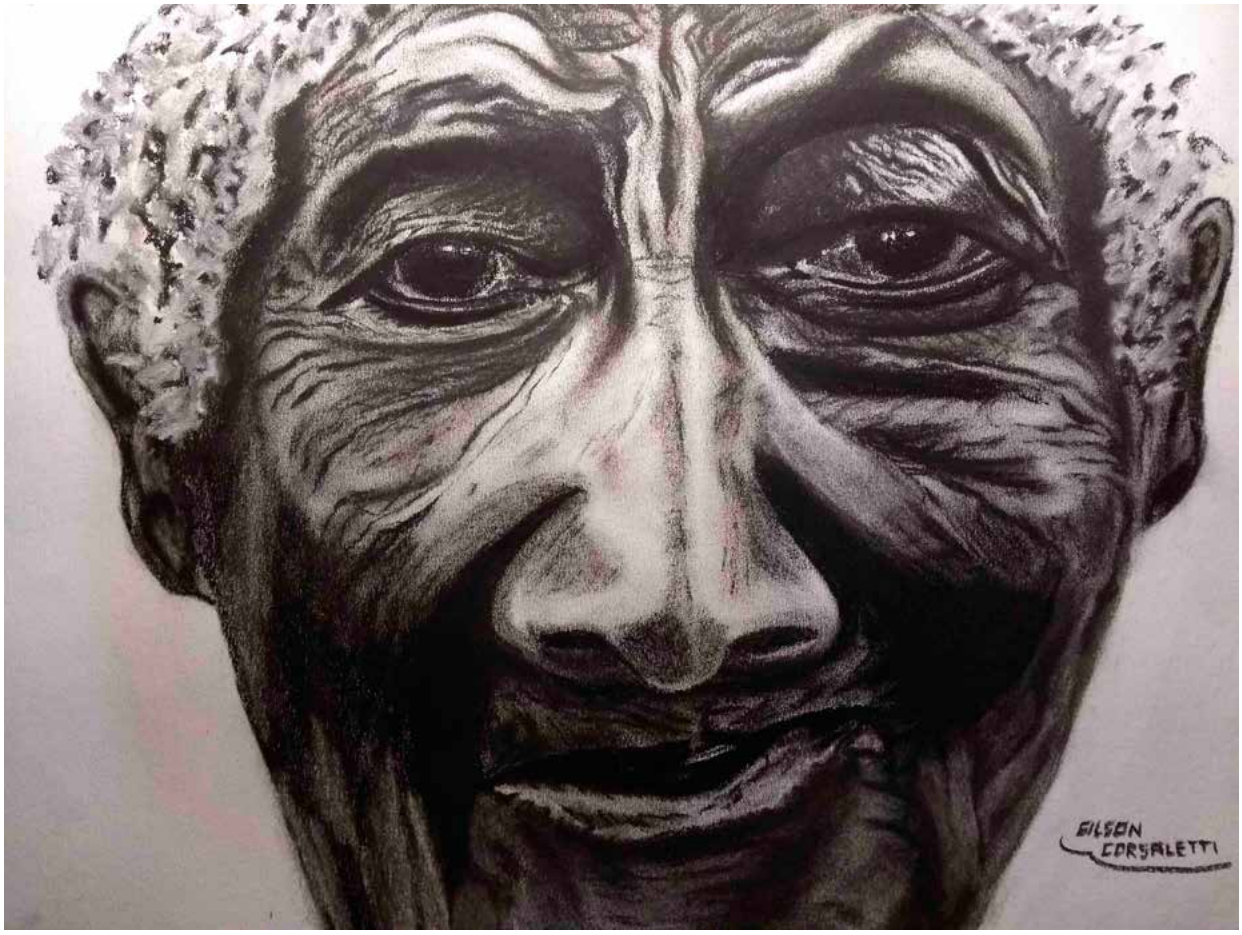
@andrefr65




AMÉM!
O BRASIL NÃO PODE PARAR!


ALÔ AMIGUINHO??
EI BOZO, VAI TOMAR NO CÚ!!!
ANDRÉ 65
@andrefr65

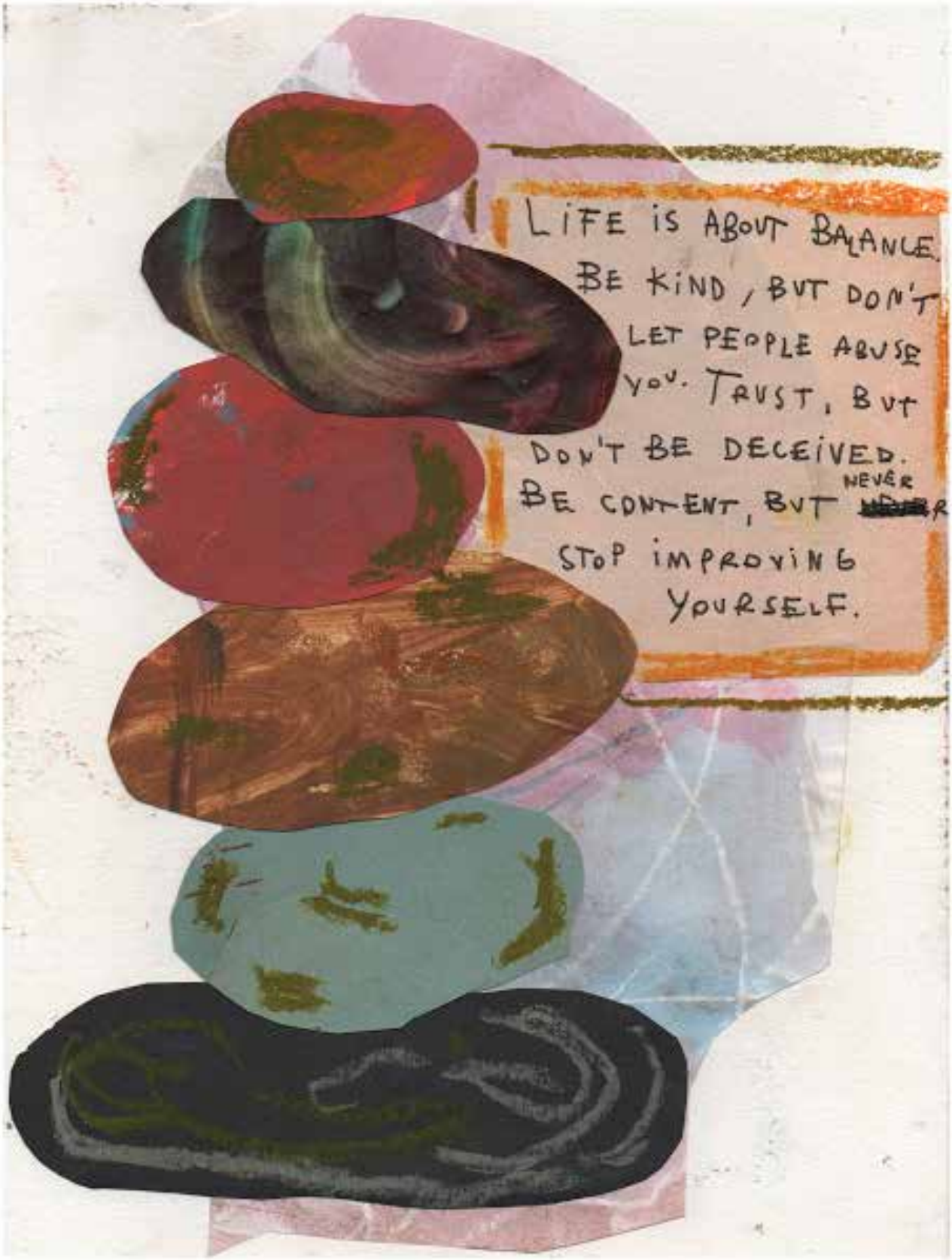
Gilson Corsaletti







Nivaldo Kloppel - Navegantes / SC



Luiz Hiroshi



Série “Trojan - Cavalos de Tróia
Técnica: Acrílico s/ tela
160x150
Wilson Inacio - 2015



Série “Trojan - Cavalos de Tróia - Técnica: Acrílico s/ tela - 100 x 08 / 2015



Série “Trojan - Cavalos de Tróia - Técnica: Acrílico s/ tela - 200 x 120 / 2015



Série “Trojan - Cavalos de Tróia - Técnica: Acrílico s/ tela - 200 x 120 / 2015



Série “Trojan - Cavalos de Tróia - Técnica: Acrílico s/ tela - 180 x 160 / 2015

Alvin Rotten Cave







D-ARTE Londrina

Exposição Virtual

envio de materias para: dartelondrina@gmail.com

DEAD LINE
30/08/2020

Pandemia,
Pandemônio
ou
Panaceia?

dartelondrina@gmail.com

STRESSIONISMO



Na Real Virtual. Inscrições abertas!

Seminário online sobre documentário brasileiro contemporâneo

Junto com o cinema da chamada Retomada, após 1995, o documentário ganhou um impulso talvez inédito na história do cinema brasileiro. Entre os dias 20 de julho e 14 de agosto de 2020 o seminário online NA REAL_VIRTUAL vai propiciar uma reflexão ampla sobre esse fenômeno muito comentado, mas ainda pouco explorado em seus contornos e sua variedade.

O projeto reúne 12 cineastas de pleno reconhecimento e capacidade de invenção. Cada diretor se identifica com uma determinada estratégia de apreensão do real, que está explicitada no filme escolhido.

O seminário será composto da exibição online de 12 filmes, seguidos de encontros com os respectivos diretores pela plataforma Zoom. A curadoria e a mediação dos encontros são do documentarista e professor Bebeto Abrantes e do crítico e pesquisador Carlos Alberto Mattos. A produção é de Marcio Blanco.

INSCREVA-SE CLICANDO AQUI



A equipe do FILE festival internacional de linguagem eletrônica está empenhada em desenvolver uma plataforma que possibilite as palestras/workshops/oficinas serem oferecidas online.

A ideia basicamente trata-se de que possamos seguir propondo nos projetos do festival as oficinas e palestras de maneira que atendam o público mesmo no cenário pós- pandemia.

Estamos nos adaptando para atuarmos em parceria e compartilhar com o maior número de pessoas possíveis as possibilidades de treinamento rápido voltado para questões específicas do usos da ferramenta digital para fins criativos.

Para isso daremos início a criação de um acervo de propostas novas de Oficinas, Workshops e Palestras que possam ser realizadas online para um público nacional e internacional.

Propostas teóricas, mesas de discussão também serão bem vindas.
A proposta deve conter claramente os seguintes detalhes:
- Dinâmica,
- Número de Horas,
- Material Necessário,
- Número e Limite de Participantes,
- Necessidade Técnica,
- Valor hora/aula

Uma vez acordada a realização entre o FILE e os Ministrantes; as oficinas, palestras e workshops do FILE festival deverão migrar para uma plataforma online, e serão oferecidas gratuitamente ao público.

Cadastre suas propostas até 15/08/2020.

Para saber mais informações sobre o FILE WORKSHOP, acesse o de realizações.

Será um prazer contar com a sua participação em mais esta nova etapa do FILE festival internacional de linguagem eletrônica.

INSCREVA-SE AQUI



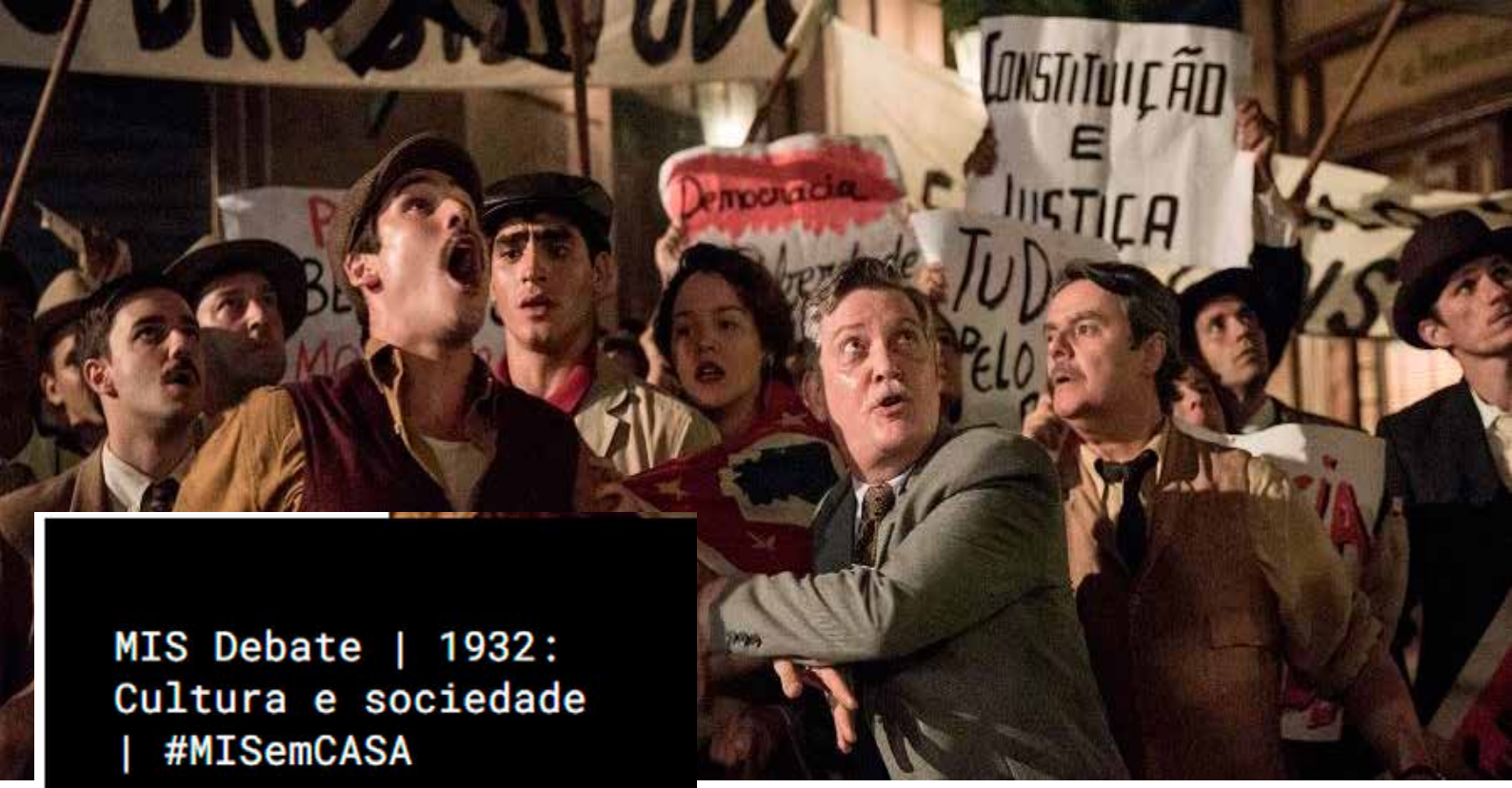
Inscrições abertas para a Mostra Competitiva de curtas do Animage. Inscreva seu filme!

O ANIMAGE - 11º Festival Internacional de Animação de Pernambuco será realizado em Recife - Brasil, de 12 a 18 de outubro de 2020. A programação inclui Mostra Competitiva e não competitiva de curtas de animação nacionais e internacionais, além de sessões especiais, longas, masterclass e oficinas.

As inscrições para a Mostra Competitiva de curtas estão abertas até o dia 26 de julho no site: www.animagefestival.com

Siga nosso canal no youtube (clique AQUI) e curta nossa edição 2019!

INSCREVA-SE AQUI



MIS Debate | 1932: Cultura e sociedade | #MISemCASA

DATA

08/Jul, 2020 - 12/Jul, 2020

HORÁRIO

Confira os horários ao lado

INGRESSOS

Gratuito - atividade online

LOCAL

MIS Jardim Europa

Auditório MIS

CLIQUE NO LINK

Em julho, o MIS estreia o programa MIS Debate, em que um período, momento ou episódio histórico será revisitado e discutido por especialistas. Para a primeira edição do projeto, o Museu escolheu o tema 1932: Cultura e sociedade, aproveitando as celebrações do Movimento Constitucionalista de 1932, no dia 9 de julho.

Entre os dias 8 e 11 de julho, no Canal do museu no Youtube, acontecem lives especiais para referenciar esse momento histórico, por meio de debates com pesquisadores culturais, cineastas, historiadores e escritores, ilustrados por elementos audiovisuais como fotografias, cinema, televisão – com destaque, ainda, para a exposição virtual "A mulher na revolução de 1932", uma parceria do MIS com a plataforma Google Arts & Culture.

A campanha #MISemCASA traz conteúdos em diferentes formatos em todas as plataformas digitais do MIS. A ação acontece em conjunto com o #Culturaemcasa, desenvolvido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa, por conta da orientação do Centro de Contingência do Covid-19 – que determinou que os equipamentos culturais do Governo do Estado de São Paulo tenham seu funcionamento suspenso por até 30 dias a partir de 17 de março. Conheça a ação #culturaemcasa: cultura.sp.gov.br/culturaemcasa/.

O MIS agradece aos patrocinadores e apoiadores da programação 2020, que também apoiam a iniciativa digital #MISemCASA: Youse (patrocínio máster), DENSO Brasil (patrocínio), Kapitalo Investimentos (patrocínio), Cielo (patrocínio), e TozziniFreire Advogados (apoio institucional).



Rua João Cândido 344, sala 307 - Londrina

(43) 3334-2648

BLOCKS

DESIGN + IMPRESSÃO 3D

A Blocks é uma marca do RS, que produz objetos de design através da impressão 3D, utilizando um biopolímero compostável. Surgiu da vontade de unir design, inovação tecnológica e sustentabilidade em uma nova perspectiva de produção e consumo. Enviam as peças para todo o Brasil. Conheça mais pelo instagram da marca @ lojablocks e pelo site www.lojablocks.com.br



Em filme, Nise, e sua crítica radical à velha psiquiatria



Gloria Pires caracterizada como Nise da Silveira em uma das cenas do longa Nise – O Coração da Loucura (Foto: Reprodução)

Em Nise – O Coração da Loucura (2017), a vida de uma mulher que, nos anos 50, revolucionou o tratamento psiquiátrico. Por meio de investigações científicas e políticas, rechaçou isolamento e eletrochoques, acessando o inconsciente pela arte

https://outraspalavras.net/poeticas/humanizacao-da-psiquiatria-e-o-cuidado-feminino/

“Era surpreendente verificar a existência de uma pulsão configuradora de imagens sobrevivendo mesmo quando a personalidade estava desagregada.”

Nise da Silveira



Museu do Inconsciente



Por Alana Lima de Oliveira, José Aélson Pereira de Araújo e Jullyanne Rocha São Pedro

Nise: O Coração da Loucura é um filme brasileiro baseado em fatos reais que foi lançado em 2015, sob direção de Roberto Berliner, e tem como temática central a ruptura do sistema manicomial existente na década de 1950. O filme relata a luta enfrentada pela psiquiatra Nise da Silveira, a qual se recusava a utilizar as técnicas da lobotomia e do eletrochoque em pacientes considerados perigosos e com quadros psiquiátricos compreendidos como crônicos e irreversíveis.

A protagonista da trama é interpretada pela atriz Glória Pires, que imprimiu grande verossimilhança à película por meio da sua força e ao mesmo tempo sua serenidade no desenvolvimento da narrativa. Tal performance pode ser verificada desde a primeira cena, na qual a personagem se encontra em frente ao Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, localizado no Rio de Janeiro, e precisa bater insistentemente no portão para que alguém venha abri-lo, passando para o espectador a mensagem de que a sua chegada nesse hospital será bastante difícil.

+ Em meio à crise civilizatória e à ameaça da extrema-direita, OUTRAS PALAVRAS sustenta que o pós-capitalismo é possível. Queremos sugerir alternativas ainda mais intensamente. Para isso, precisamos de recursos: a partir de 15 reais por mês você pode fazer parte de nossa rede. Veja como participar >>>

Ao entrar no local, Nise percebe que os pacientes se encontravam em situações sub-humanas, pois o local era insalubre e, além disso, os pacientes viviam presos como se fossem animais. Não havia que se falar em direito à dignidade da pessoa humana, quando não se tinha acesso ao mínimo necessário para subsistir. Os pacientes, diagnosticados com os mais diversos quadros clínicos, eram tratados com hostilidade e padronização, como se o tratamento utilizado para um fosse necessariamente aplicável para os demais.

Além do ambiente hostil, a psiquiatra se deparou com o machismo dentro do corpo médico que compunha o hospital, pois, ainda no início do filme, no momento de uma reunião para apresentação da inovadora técnica de indução à convulsão através da eletricidade, Nise é a única mulher a ocupar o auditório. Após a apresentação da técnica que promete curar os pacientes mais perigosos, todos do auditório aplaudiram e consentiram que tal técnica seria a salvação para os pacientes, com exceção de Nise, que se demonstrou bastante perplexa quando os enfermeiros trouxeram um dos pacientes para que fosse realizada uma demonstração do tratamento, momento em que se colocou completamente contrária às práticas, afirmando bravamente que não acreditava em cura pela violência!

Em que pese a psiquiatra perceber o quanto o ambiente é hostil e ocluso para adaptações de novas terapias, ela não desiste de dar sua contribuição para a melhoria do setor, decidindo assim analisar melhor as alas de internação. É neste momento





Museu do Inconsciente



que o espectador é convidado a conhecer a lamentável situação em que os pacientes vivem naquele local, pois ao passear pelas alas, se pode notar os descasos para com todos que estão ali. Primeiramente, as alas são divididas por gênero, mulheres de um lado, homens do outro, como se houvesse uma tendência à assepsia entre os pacientes. Além disso, os pacientes são classificados quanto ao grau de periculosidade que podem oferecer uns aos outros, e na medida que essa periculosidade aumenta, maior também é o isolamento do indivíduo.

É no Setor de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II que Nise se inspira e decide se instalar, mas, como em todos os outros setores do hospital, ela se depara com diversos encalços, desde a má vontade dos funcionários em ajudar até a precária estrutura física das instalações. No entanto, sabendo que seu desafio era conseguir ocupar o seu espaço dentro do hospital, uma vez que o sistema manicomial costumava ser bastante restrito, sobretudo, para técnicas de tratamento mais humanas e alternativas, ela se dispôs a organizar o setor por conta própria e começar os trabalhos.

Nise da Silveira dirigiu a Seção de Terapêutica Ocupacional entre os anos de 1946 a 1974 e foi nesse ambiente que ela conseguiu atuar longe daquelas técnicas. No filme, é possível perceber como a vivência e a experiência de Nise refutaram as teorias psiquiátricas e demonstraram que o inconsciente dos diagnosticados como esquizofrênicos poderia ser acessado através de desenhos, pinturas e modelagens.

No lugar de práticas degradantes e desumanas que

ocorriam nos hospitais psiquiátricos, a médica passou a usar a arte como tratamento, subvertendo a lógica psiquiátrica vigente naquela época. As suas intervenções permitiram que o silêncio da loucura fosse rompido e a linguagem dos pacientes revelada, assim foi através das pinceladas, traços e modelagens que se pôde conhecer o inconsciente dos sujeitos em sofrimento psíquico.

O método foi definido como uma investigação científica, artística e política, pois ao passo que consegue trazer inúmeros benefícios para o desenvolvimento psíquico, também serve como forma de interação entre os internos. Nesse sentido, a fim de tentar compreender a dimensão das emoções humanas, Nise busca conhecimentos da arte, dos mitos, da religião, da literatura e da psicologia junguiana.1

Segundo a psiquiatra, a técnica utilizada consiste em um método de ouvir e observar o comportamento dos indivíduos, os quais, devido ao isolamento constante, mostram-se muitas vezes violentos e sem nenhum tipo de melhora. Na primeira vez que Nise reúne os clientes2 (pacientes) na sala, acontecem diversas coisas que fogem do seu controle, principalmente porque todos estavam desacostumados a viver em comunidade, pois o que se prezava era a reclusão dos indivíduos e nada era realizado para estimular a socialização entre os internos. Um exemplo bastante forte é o personagem Lúcio, o qual muitas vezes foi isolado do convívio com os demais por ser considerado “um animal”. No entanto, o enredo do filme nos leva a perceber que o comportamento agressivo de Lúcio vinha sendo estimulado até mesmo pelos enfermeiros, que criaram uma espécie de ringue de box entre os internos.

Nise, então, coloca em primeiro lugar o bem-estar dos usuários do serviço, sobretudo, daqueles considerados mais perigosos e sem perspectiva de avanço. Aos poucos o seu trabalho vai gerando bons frutos, e ela cria uma relação de afinidade com todos, justamente pelo fator empírico da sua técnica, uma vez que ela consegue perceber as forças e fragilidades de cada um dos seus clientes, atuando, desta forma, com técnicas de recuperação individual para cada um deles, fugindo do paradigma de que todos devem ser tratados da mesma maneira.

Desse modo, a sensibilidade de Nise vai conseguindo resgatar a humanidade que existe em seus clientes, que mesmo depois de tantos métodos invasivos e ineficazes demonstram sensibilidade e compaixão entre si. Ao lado dos seus companheiros de trabalho, ela consegue implantar um pequeno ateliê de artes para estimular a comunicação com os clientes. No ateliê de pintura, as potencialidades criativas dos sujeitos em sofrimento psíquico são desenvolvidas, e o uso dos pincéis permite que as imagens do inconsciente sejam expressadas nas telas e nos papéis.

As pinturas são compostas de abstração, estilização e geometrismo, e traziam em suas marcas denúncias do hospital psiquiátrico enquanto um espaço de cárcere, de opressão e de violação de direitos, o que ficou claramente demonstrado nas cenas dessa produção fílmica. Com relação ao geometrismo presente nas pinturas, Nise percebendo a grande recorrência de círculos, passa a se corresponder por cartas com Carl Jung, informando-lhe dessas representações geométricas. Em resposta as suas cartas, o psiquiatra e psicoterapeuta suíço, afirma que os círculos se tratavam de mandalas, as quais davam conta do quadro clínico dos pacientes. Para Carl Jung, as mandalas são símbolos do self, do si mesmo, e os seus desenhos representam a autodescoberta e a retomada do equilíbrio.3

As mandalas produzidas no ateliê de pintura indicavam uma tendência do inconsciente de compensar o caos do consciente, que representaria a dissociação esquizofrênica. Desse modo, os círculos representavam tentativas de renovação, reconstrução, busca de equilíbrio e revelavam uma experiência única que fora vivida pelo sujeito. Estudando a psicologia junguiana, Nise fundamenta as suas práticas na Terapia Ocupacional, e se preocupa em compreender a dimensão do mundo interno dos sujeitos diagnosticados como esquizofrênicos, que é revelada a partir das imagens produzidas pela sua energia psíquica.4

Além do ateliê, a psiquiatra atenta para outras manifestações culturais e de lazer, como festividades e passeios, em que todos têm a oportunidade de conviver em grupo. Outro importante ponto retratado no filme é o fato de que ela percebe que muitos não gostam de interagir com outras pessoas, mas que interagem muito bem com animais, daí, ela estimula aquele que tenha interesse a adotar um bicho de estimação.

Porém, mais uma vez ela se depara com a resistência da administração do hospital, pois o diretor considera inadmissível que os internos convivam com os animais, alegando que podem transmitir doenças e parasitas. Até que em determinado dia, todos os animais são encontrados mortos por envenenamento. Tal situação acarreta muita revolta entre os internos e o personagem mais afetado é Lúcio, que nessa altura já estava com o quadro estável e não apresentava mais comportamento agressivo, o que comprova que o tratamento empregado por Nise tinha dado certo, todavia, com a morte dos animais, ele tem um novo surto, pois não consegue suportar a perda de sua cadela, chegando a agredir o enfermeiro Lima, o qual tinha lhe presenteado com o bicho.

Após o acontecimento, Nise fica bastante abalada e decide encerrar o Setor de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II, levando as obras produzidas pelos clientes para uma exposição em uma galeria de artes de bastante renome. Em seu discurso, durante a exposição, Nise afirma que “é preciso não se contentar com a superfície”5, demonstrando que o resultado do seu trabalho foi positivo devido ao fato dela perceber os internos como seres humanos dignos de cuidado, afeto e atenção, afirmando que a arte pode ser utilizada como revelação do inconsciente! Ao final do discurso, Nise é aplaudida, mas tem um olhar vago, como se não quisesse os aplausos para si, mas na verdade para os grandes idealizadores daquela feira.



Museu do Inconsciente

Com efeito, o trabalho de Nise da Silveira é um divisor de águas no que se refere ao serviço de psiquiatria no Brasil. A partir da década de 1970, o debate sobre saúde mental tomou novas proporções no cenário nacional, devido ao movimento da Reforma Psiquiátrica, cujo objetivo central consistiu na tentativa de impedir as violências ocorridas dentro dos asilos, abrigos, manicômios e outras instituições de acolhimento e/ou internação.

Após a promulgação da Constituição de 1988, com a redemocratização do Estado, e também por consequência da Reforma Psiquiátrica, veio a necessidade de se debater de forma mais ampla a importância das terapias alternativas. Três anos depois, em 1991, a partir da Portaria nº 189, foi aprovada a inclusão de grupos e procedimentos na área de Saúde Mental. A referida Portaria visava a "necessidade de diversificação dos métodos e técnicas terapêuticas"6 viabilizando, dessa forma, a remuneração dos atendimentos em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

No ano seguinte, surge mais um instrumento de grande importância no âmbito da Saúde Mental, a Portaria nº 224/19927, que regulamentou os Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS) e Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). A publicação da referida Portaria se deu, sobretudo, com o objetivo de humanizar o atendimento assistencial ao público alvo, sendo assim considerado como um grande marco na história das pessoas que enfrentam problemas de saúde mental, uma vez que a Portaria proibiu a existência de espaços restritivos, a partir do enclausuramento do indivíduo em celas fechadas e de difícil evasão.

Nesse contexto, conclui-se que Nise da Silveira é uma das mais influentes precursoras do movimento da Reforma Psiquiátrica brasileira, pois, através da arte, trouxe um outro olhar para a loucura, demonstrando que o fazer criativo proporciona autoconhecimento, (re)significação e novos modos de subjetivação do sujeito, tendo servido como inspiração para a estruturação dos modelos atuais dos Centros de Atenção Psicossocial, conforme conhecemos atualmente, os quais estão diretamente relacionados à percepção do sujeito no âmbito da Saúde Mental.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 2019. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 05 de maio de 2019.

_____. Ministério da Saúde. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil.

OPAS. Brasília, 2005.

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 224, de 29 de janeiro de 1992. Brasília, 1992.

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 189, de 19 de novembro de 1991. Brasília, 1991.

NISE: o coração da loucura. Direção de Roberto Berliner. Rio de Janeiro: Imagem Filmes, 2015. 1 DVD (108 min.).

SILVEIRA, Nise da. Imagens do inconsciente. Petrópolis: Vozes, 2015.

1 SILVEIRA, Nise da. Imagens do inconsciente. Petrópolis: Vozes, 2015.

2 Nise acreditava que o seu trabalho dependia dos pacientes do hospital, e não ao contrário. Por isso, incentivava a todos os profissionais da ala em que trabalhava a tratá-los como "clientes".

3 SILVEIRA, Nise da. Imagens do inconsciente. Petrópolis: Vozes, 2015.

4 Idem.

5 NISE: o coração da loucura. Direção de Roberto Berliner. Rio de Janeiro: Imagem Filmes, 2015. 1 DVD (108 min.).

6 BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 189, de 19 de novembro de 1991. Brasília, 1991.

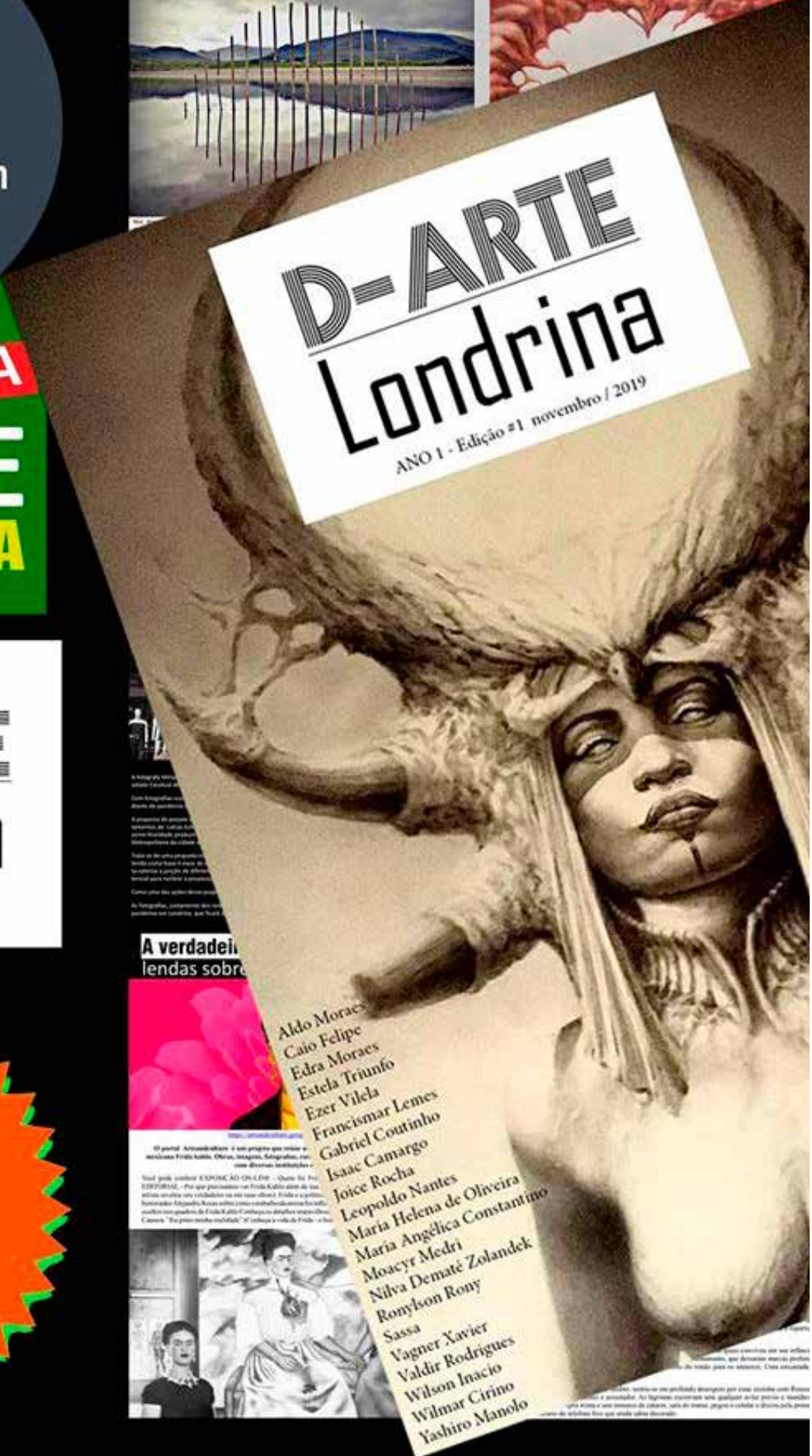
7 BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 224, de 29 de janeiro de 1992. Brasília, 1992.

financiado com catarse

CAMPANHA

ADOTE UMA PÁGINA

D-ARTE Londrina

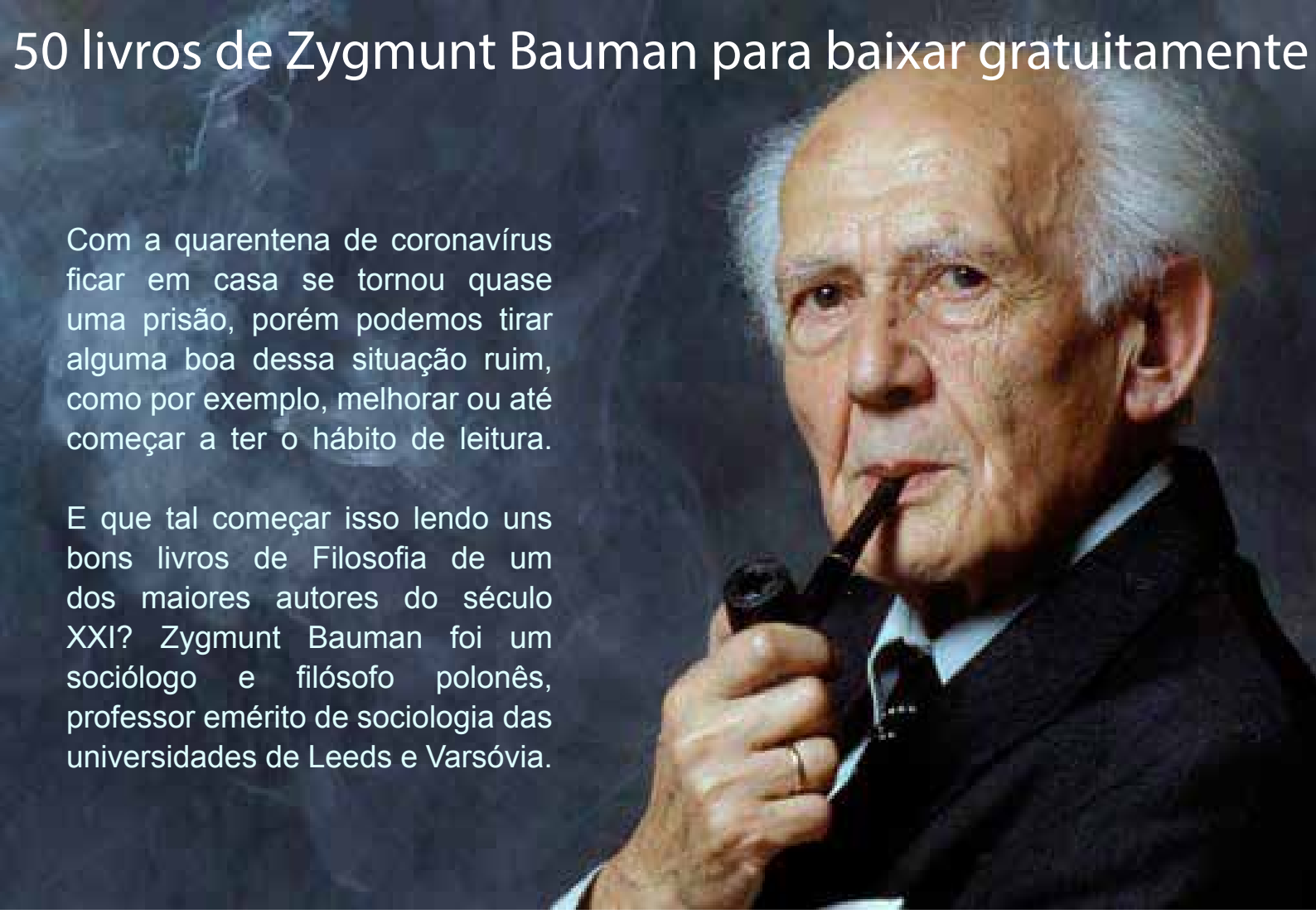


R$ 10,00
(MENSAIS)

ASSINE JÁ!

https://www.catarse.me/d_arte_revista_eletronica_de_arte_e_cultura_26a2?fb-clid=IwAR2ntFAqpc9s73PU6HVFBjdu3x45cuXVBe51hT1ZlB7wT7TGoAJCV2TmAks

50 livros de Zygmunt Bauman para baixar gratuitamente



Com a quarentena de coronavírus ficar em casa se tornou quase uma prisão, porém podemos tirar alguma boa dessa situação ruim, como por exemplo, melhorar ou até começar a ter o hábito de leitura.

E que tal começar isso lendo uns bons livros de Filosofia de um dos maiores autores do século XXI? Zygmunt Bauman foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

Visite museus do mundo todo sem sair de casa

Plataforma do Google oferece passeios virtuais dentro das galerias pelo mundo

visete no link: (artsandculture.google.com)

Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, Brasil,



DOWNLOAD
GRATUITO 17 LIVROS

Fernando Pessoa

https://www.comunidadeculturaearte.com/agora-podes-fazer-download-gratuito-de-17-livros-de-fernando-pessoa/

Alê Uhlmann
(43) 999577769
Instagram @docesaleuhlmann



D-ARTE
Londrina

HOMOFOBIA É CRIME!

RACISMO É CRIME!
DENUNCIE
DISQUE 100

Lei de nº 7.716/1989

A Constituição Federal de 1988 determina no Art. 3º, inciso XLI que "Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; e no Art. 5º, inciso XLI, que "a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais".

Essa é uma lista do grupo da Suburbana Produtora destinado à divulgação de Editais Culturais abertos para todo Brasil! Convidem amiguos artistas e produtores pelo link do grupo:

https://bit.ly/EditaisAbertosGrupo2

Tem algum edital pra indicar? É só entrar em contato por inbox: https://bit.ly/SuburbanaWhatsapp

Abaixo editais que contemplam a área de ARTES VISUAIS (Pintura, Escultura, Fotografia, Design, Desenho, Instalação, Artes Gráficas, Moda, Artesanato etc), por ordem de região (Internacional / Nacional, São Paulo, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e Paraná) e prazo de inscrição (até final de Julho de 2020):

INTERNACIONAL / NACIONAL

ÚLTIMOS DIAS! OCUPAÇÃO CAL 2020
Áreas: Artes Visuais, Artes Cênicas, Música, Audiovisual, Palestras, Eventos Culturais
Premiação: Residência Artística
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 13 de Julho
Link: https://bit.ly/2ZLNTLO

CONVOCATÓRIA DE ARTES VISUAIS
Áreas: Pesquisa curatorial
Premiação: Bolsa de viagem no valor de R$30mil para pesquisa curatorial na Alemanha e na França
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 15 de Julho
Link: https://riodejaneiro.consulfrance.org/Convocatoria-de-Artes-Visuais

IMAGINE: VISIONS OF HOPE
Áreas: Fotografia (Tema: A fotografia como resgate pós-pandemia, fotografias que “trazem esperança”)
Premiação: 500 dólares americanos, cerca de R$2.650
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 15 de Julho
Link: https://imaginevisionsofhope.org/

ARTES SOBRE PAPEL: MOINHO BRASIL 35 ANOS
Áreas: Artes Plásticas
Premiação: kits de papéis artesanais da Moino Brasil
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 15 de Julho
Link: http://mosaiky.com.br/salaomoinho.html

2o SALÃO NACIONAL DE ARTES EM PEQUENOS FORMATOS
Áreas: Artes Visuais
Premiação: de R$1.000 a R$6.000
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 15 de Julho
Link: https://bit.ly/3eRp9rn

CONVOCATÓRIA DE ARTES VISUAIS GOETHE
Áreas: Artes Visuais
Premiação: Bolsa de viagem de R$30.000
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 15 de Julho
Link: https://riodejaneiro.consulfrance.org/Convocatoria-de-Artes-Visuais

CONVOCATÓRIA EXPOSIÇÃO ONLINE CASULO
Áreas: Artes Visuais, Fotografia, Artes Plásticas
Premiação: Participação na Exposição
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 17 de Julho
Link: https://bit.ly/3irWtIn

KEYCOLOURS AWARD 2020
Áreas: Ilustração
Premiação: € 7.500
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 19 de Julho (com taxa de inscrição de US$29.00
Link: https://www.keycolours.com/about-rules

IPG: TALENT OF THE YEAR 2020
Áreas: Fotografia
Premiação: US$1.000
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 31 de Julho
Link: https://internationalphotogrant.com/page/terms-conditions

25ª SALÃO DE ARTES VISUAIS DE VINHEDO
Áreas: Desenho, escultura, fotografia, gravura, mista, instalação, objeto, pintura e videoarte
Premiação: Prêmio Aquisitivo, com teto de R$ 20.000, para todos os prêmios somados nessa categoria e o Prêmio Honorífico - não monetário e de valor simbólico.
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 31 de Julho
Link: https://bit.ly/2ZVwosL

SÃO PAULO

EDITAL DE FOMENTO AO REGGAE
Áreas: Música, Audiovisual, Artes Integradas (Artes Visuais, Artes Cênicas, Literatura, entre outras)
Premiação: de R$25.000 a R$30.000
Proponente: Pessoa Física e Pessoa Jurídica
Inscrição: até 26 de Julho
Link: http://smcsistemas.prefeitura.sp.gov.br/capac/fomento_edital

EDITAL DE FOMENTO À CULTURA DA PERIFERIA DE SÃO PAULO
Áreas: Música, Artes Cênicas, Literatura, Projetos Culturais, Formação
Premiação: entre R$ 113.921,42 (valor mínimo) e R$ 341.764,26 (valor máximo) com cronograma de até 24 meses
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: até 31 de Julho
Link: https://bit.ly/2ZIAN1Z

ESPÍRITO SANTO

INSCRIÇÕES PRORROGADAS! EDITAL EMERGENCIAL DE APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA PROJETO “ARTE EM CASA” (Vitória)
Áreas: Música, dança, teatro, contação de história, poesia, teatro de bonecos, performance, circo, artes plásticas, entre outras não especificadas
Premiação: R$1.500
Proponente: Pessoa Física e Pessoa Jurídica
Inscrição: até 13 de Julho
Link: http://sistemas.vitoria.es.gov.br/docOficial/?tp=template3&c=78

MOV.CIDADE - MOSTRA DE SUSTENTABILIDADE E CRIATIVIDADE URBANA DE VITÓRIA
Áreas: filmes, atrações musicais, performances, júri de cinema, fotografia, ilustração, literatura
Premiação: de R$1000 a R$5000
Proponente: Pessoa Fïsica
Inscrição: até 20 de Julho
Link: www.movcidade.com.br

MATO GROSSO DO SUL

EDITAL EMERGENCIAL “CULTURA PARA TODOS” (Dourados)
Áreas: Artes Cênicas, Musica, Artes Visuais, Audiovisual, Artedanato, Literatura, Patrimonio Cultural
Premiação: R$950
Proponente: Pessoa Física e Pessoa Juridica
Inscrição: de 17 a 19 de Julho
Link: https://bit.ly/3gtXdee

PARANÁ

CORREDOR CULTURAL - CREDENCIAMENTO DE ARTISTAS, PROFISSIONAIS E FAZEDORES DE CULTURA
Áreas: Diversas áreas: apresentações, exposições, intervenções, acervo, geração de conteúdos físicos ou digitais e oficinas
Premiação: Cachê a definir conforme eventual contratação
Proponente: Pessoa Física
Inscrição: 10 a 21 de Julho
Link: https://culturafoz.pmfi.pr.gov.br/projeto-corredor-cultural-de-foz-do-iguacu-destinara-r200-mil-para-contra-tacao-de-artistas/

EDITAL CULTURA FEITA EM CASA
Áreas: Artes Cênicas; Artes Visuais; Audiovisual; Expressões culturais, populares, indígenas e oriundas de comunidades tradicionais; Literatura, livro e leitura; e Música.
Premiação: R$2000
Proponente: Pessoa Fisica e Pessoa Jurídica
Inscrição: até 27 de Julho
Link: http://www.comunicacao.pr.gov.br/Pagina/Cultura-feita-em-casa

Aproveita pra participar também do grupo de Promoções Exclusivas em nossos serviços: https://bit.ly/Promocoes-Suburbana :)
Oferecemos o serviço de Elaboração e Inscrição de Projetos Culturais em Editais e Leis de Incentivo. Contato para contratação: https://bit.ly/SuburbanaWhatsapp ou suburbanaprodutora@gmail.com

Nos siga nas redes sociais!
Instagram: https://www.instagram.com/suburbana_produtora
Facebook: https://www.facebook.com/suburbanaprodutora/
YouTube (em breve novidades, ativa o sininho também!): https://www.youtube.com/channel/UCxlTZxqSkzaqqDM-Zh3n36zw


Wilson Inacio

EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM CORPO E A MENTE!

Por Ricardo França

Quando mencionamos o direito à educação, estamos falando de um direito social, constituído nacionalmente, que preza pela igualdade entre cidadãos.
No Brasil, algumas Leis regulamentam esses direitos:
A Constituição Federal, 1988, Art. 205, que diz "A educação é direito de todos, dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".
O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8069/90, em seu Art. 1, dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.
As Diretrizes e Bases da Educação, LDB nº 9394/96, define e regulariza a organização da Educação Brasileira com base nos princípios presentes na constituição.
A educação nos transforma, assim como as relações com as demais pessoas nos permite evoluir; com a Educação é possível desenvolver novas habilidades, construir novos conhecimentos e consequentemente, evoluir enquanto ser humano e até mesmo enquanto profissional, ela é a base para o futuro de uma criança e adolescente.
Não é apenas passar por um curso, a Educação deve, acima de tudo, ser capaz de construir significados à vida das pessoas.
A admiração que tenho pelos professores, não somente pelo fato deles nos ensinarem, mas pela dedicação que demonstram junto aos alunos com a elaboração dos conteúdos, mas principalmente, na missão que eles têm de inspirar e explicar a importância da educação. Muitas vezes esses profissionais se deparam com diversas situações adversas, talvez pelo fato de os alunos apresentarem falta de maturidade ou até mesmo pela ausência de interesse e, quem sabe, excessos de rebeldia. E, ainda assim, continuam o trabalho que tanto amam.
É sempre bom frisar que os professores se veem desafiados a ensinar a importância dos estudos aos alunos, porém, ele, o professor, não pode estar sozinho nesta missão. É importante que se construa uma Educação que seja colaborativa. Todos nós temos um papel fundamental na educação e as propostas de ensino devem criar possibilidades que visem a orientação, por meio dos programas, investimentos em recursos responsabilidade do governo e contar com a gestão escolar para implementar novas estratégias, cabendo aos pais os apoiá-los juntos a este contexto e ajudar aos filhos no compromisso com os estudos. Bem como o próprio jovem se comprometer com a educação.
Claro que precisamos todos trabalhar juntos para que isso realmente aconteça.
O que nós podemos fazer para garantir esse direito aos nossos jovens?
Ficarmos de olho no aprendizado contínuo e lembrando que educação não é só o que vivenciamos em sala de aula, mas o que cultivamos a vida inteira.
Mesmo depois de formado a pessoa tem de continuar seu processo de aprendizado. Construir novos conhecimentos, praticar o hábito da leitura, especializar-se e jamais, entrar na zona de conforto. Pois quem acha que ao se formar terá, automaticamente, uma carreira sólida pela frente, poderá se estagnar profissionalmente e acabar "morrendo intelectualmente", uma vez que os estudos são renovados a cada ciclo, sendo necessário, manter-se atualizado pensando até mesmo em não esquecer daquilo que estudou.
Precisamos nessa fase melhorar nosso raciocínio critico. Melhorar a capacidade de encontrar soluções para os desafios que a vida irá nos proporcionar.
Temos de dar continuidade, enfrentamos esses desafios com dignidade e perseverança.
Mesmo considerando que alguma disciplina nos parece não ter utilidade prática, o simples contato com a mesma expressa, no mínimo, o desenvolvimento da capacidade de se olhar sob outra perspectiva, ou até mesmo de nos adaptarmos a outras realidades, a partir do desenvolvimento da resiliência, respeito e acima de tudo, não desistir na primeira dificuldade acadêmica ou de vida que possa aparecer pelo fato de ser difícil.
É muito importante deixar claro aos jovens que se não tivermos persistência motivacional para entender um exercício básico na escola, imagina o que poderá ser deparar em seu futuro? Como irão enfrentar as verdadeiras dificuldades da vida? Vencerão pelo empenho ou vão ficar dando desculpas?
Para não sermos como os "carneirinhos seguindo o rebanho", precisamos desenvolver a nossa capacidade de raciocínio critico e poder fazer nossas próprias escolhas que sejam coerentes com nossos objetivos de vida.
Sim, sabemos o quão maravilhoso seria se tudo transcorresse como descrito acima. Isso seria o ideal, cada um exercendo suas potencialidades em seus papéis. Entretanto, sabemos também que existem diferentes casos para diferentes realidades.
Num cenário onde os pais não pudessem estar presentes, mesmo para os jovens que são de certa forma, estimulados por seus mestres os professores, compreender a importância da escola e ao voltar à sua realidade, depara-se com situações muito diferentes.
Mas, como poderia ajudá-los? Poderíamos apresentar outras perspectivas, na medida em que pudessem assumir novas escolhas e seguir em busca de seus sonhos.
Apresentá-los ao diretor de uma grande empresa, onde pudesse estar em contato com pessoas que passaram pelas mesmas dificuldades. Assim, conheceriam outros exemplos de pessoas que puderam ser transformadas, identificando luz no fim do túnel.

Isso é cultura, afinal estamos falando de hábitos crenças e conhecimento. Além da poesia música, literatura, artes plásticas, que também são utilizados como possibilidades de estímulos para que entendam a existência de diversos segmentos que podem impactar o seu futuro e o quanto são ferramentas importantes de base para os estudos e vida.
E, como podemos estimular esses jovens a aumentar seu foco entusiasmo e comprometimento com a Educação além dos exemplos de vida?
Ajudando-os a compreender o quão importante são os cuidados com a saúde, sabemos que, quando mais as pessoas, de um modo geral, adquirem consciência dessas atitudes, com mais foco conseguem resolver os seus problemas. Isso pode se conseguir através do esporte da atividade física. “Ao longo dos anos, os antigos encontraram uma boa receita para educação: Atividade Física para o corpo e Musica para Alma.” (Platão). Aqui já percebemos a união da atividade física com a cultura.
Qual a relação entre atividade física e Educação? A História a Filosofia e a Ciência nos explicam isso.
Na Grécia Antiga, os gregos atribuíam o papel fundamental da atividade física para aquisição do equilíbrio entre aptidões físicas e intelectuais.
Aristóteles defendia. Atividade física útil na consolidação de valores (porque envolve disciplina e a pessoa mais disciplinada tem melhores resultados e equilíbrio.)
Kant dividiu a educação em física e prática e seu conceito de educação física incluía não só o desenvolvimento de qualidades físicas, como também os componentes psíquicos, desenvolvimento da inteligência da memoria e do caráter.
O que os filósofos sabiam pela experiência e observação foi confirmada séculos depois e de empírico passou a ser certeza, através das pesquisas científicas. E se comprovou neste caso o porquê atividade física pode influenciar na educação na vida pessoal e profissional de um ser humano jovem ou adulto.
Após atividade física na intensidade certa liberamos vários neurotransmissores benéficos a saúde física e mental. Vou citar alguns neurotransmissores que são liberados com atividade física dentre outros, descriminarei os principais.
1 Dopamina influencia nas emoções, aprendizado, sistema motor, humor a concentração e foco nos objetivos.
2 Serotonina regula o apetite, equilibra o desejo sexual, funções perceptivas e cognitivas, melhora humor.
3 Testosterona aumenta libido, maturação dos ossos e aumento massa muscular energia, capacidade de concentração.
4 Endorfina efeito analgésico, bem estar e prazer.
5 Oxitocina Reduz desejo por drogas, melhorar relacionamentos, promove apego entre pais e filhos e generosidade para com próximo. Melhora sono.
Além de prevenir contra varias doenças como cardiopatias, diabetes, depressão, diferentes tipos de câncer e muito mais.
Aqui citamos apenas 5 dos 60 neurotransmissores que foram identificados e já da pra se ter a dimensão da importância da atividade física na vida de jovens para ajuda-los entrar em equilíbrio. E a melhorar suas capacidades na Educação pelos benefícios que traz a saúde e mente. Aqui entendemos melhor uma frase de um grande filosofo: “A falta de atividade física destrói a boa condição de qualquer ser humano, enquanto o movimento e o exercício físico metódico o salva e o preserva.” (Platão)
Exercer o direito a educação também é encontrar meios de estimular o desejo e energia pela mesma e conseguimos isso quando temos o nível de neurotransmissores elevados.
Claro que o ideal seria frequentar um local especifico para este fim como uma academia, mas também sabemos que nem toda família pode proporcionar isso para os filhos.
Esta é uma das razões pelo qual a Educação física escolar se torna muito importante. Os profissionais através das atividades ajudam estes jovens além de orientação sobre caráter a também liberar esses neurotransmissores através da atividade física para melhoria da saúde e da mente que influenciam em resultados mais positivos de sua Educação.
A frase “Mens sana in corpore sano.” Foi dita por um poeta romano chamado Décimo Junio Juvenal durante o primeiro século antes de Cristo. A tradução todos já conhece “Mente Sã corpo São” e hoje temos a confirmação positiva do contrario da frase também e faz mais sentido a cada ano que passa. “O corpo estimula a mente que por sua vez cura o corpo.”
Temos de nos movimentar o quanto antes para que eles os jovens tenham todas as informações possível de como é importante os cuidados com a saúde e como podem fazer para potencializa-la e assim terem melhores resultados e interesse pela educação bem como os ajudando a visualizar um futuro no qual ele realmente deseje.
E faze-los entender que o futuro que almejamos começa com decisões e ações positivas de agora!
“A felicidade e a Saúde são incompatíveis com ociosidade” (Aristóteles).

Ricardo R. França
Palestrante
PNL Programção Neuro Linguística
Profissional Qual. De Vida Cref 6262
Colunista Instituto Cultural Arte Brasil
Colunista Revista D-ARTE Londrina
Colunista Podcast Paiquere 91,7
Coach
Relações Interpessoais

QUALQUER COISA, FAZ UMA

LIVE

click para ouvir

Uma crônica de Ronilson Rony



dartelondrina@gmail.com

Caderno de Literatura

#8

D-ARTE Londrina



Wilson Inacio

Sarau Brasil 2020

CONCURSO NACIONAL NOVOS POETAS

http://www.concursonovospoetas.com.br/

Coluna Apontamentos 12:30



Produção: Franscismar Lemes

UEL FM 107.9

Apontamentos é uma coluna com breves anotações, lembretes e reflexões no espaço de microcontos. O cotidiano, os conflitos de sentimentos, as dúvidas e medos se transformam em pequenos esboços da realidade ou de sonhos e fantasias.

http://www.uelfm.uel.br/programa.php?id=230&titulo=Coluna+Apontamentos

DESCONFIGURAR

Debrucei minh'alma sobre os achismos
a fim de tecer o prazer de ser alguém menor
sem que isso afetasse de nenhuma forma
a minha já estabelecida pequenez.

Elevei tudo o que tenho em mim ao nada:
Meus pulmões respiraram o sertão,
minhas pernas andaram as árvores,
meu coração bateu pedras.

Somente longe de tudo é que percebemos finalmente
que bichos falam. E bem melhor que nós.
O vento chove, a lua canta, as flores soluçam.
É longe que o mundo desconfigura.

Todo esse desespero que impera,
esse desejo pelo tudo,
se esvazia de sentido
quando o nada vira mundo.

Rodolfo Barroso
Fri, Jul 3, 2:52 PM (5 days ago)

Sou Rodolfo Barroso - Londrina.

Instagram: @rodolfobarroso_


Dois corações quebrados podem se curar mutuamente?
Um amor em Veneza
BYA CAMPISTA
AUTORA DE ARMADILHAS DO AMOR



Biografia:
Bya Campista vive no Rio de Janeiro, onde nasceu. É escritora autopublicada com inúmeras obras, incluindo Best Sellers na Amazon brasileira e americana. Com formação em Comunicação Social, atualmente se especializando em Produção de Textos, Bya nutre pelos livros uma grande paixão. Está sempre em companhia de uma obra, seja lendo, escrevendo ou revisando, de preferência com um bom café. E quando perguntam se há algo melhor que ler, tem a resposta na ponta da língua - e das mãos: escrever!
“Porque escrever está na Pele. E engrandece a Alma”.
Siga no Instagram:
@byacampistaescritora

ouça a entrevista

YouTube

Sinopse: Beatriz Mayer é especialista em histórias de amor. Escritora best-seller, seus livros ocupam a categoria dos mais vendidos com romances capazes de fazer qualquer pessoa perder o fôlego. Se na ficção é sucesso, na vida real sua história é bem diferente.
Com um passado obscuro, que marcou sua vida para sempre, Beatriz decide se reerguer e acredita que a realização de um antigo sonho possa ser excelente ponto de partida para um reencontro consigo mesma.

Leonardo Sartori perdeu tudo que tinha: sua família, seu trabalho, sua honra, sua identidade. Perdas que deixaram um profundo vazio em seu coração e dilaceraram sua alma.
Depois de longo tempo, enfim, é o momento de “voltar para casa” e fazer as pazes com a cidade que sempre o acolheu com amor, mas que foi palco para sua tragédia pessoal.
Considerada uma das cidades mais românticas da Europa, Veneza é o cenário para muitas histórias de amor. É lá, no carnaval mais antigo do mundo, que os caminhos de Beatriz e Leonardo se encontram. Ou se perdem? Será tudo fantasia? Ou o começo de uma nova realidade?
Dois corações quebrados podem se curar mutuamente?
Descubra em Um amor em Veneza.



Outros Títulos

PELE: https://amzn.to/38DS949
ALMA: https://amzn.to/3edHlL6
ARMADILHAS DO AMOR: https://amzn.to/3iMepgG
UMA NOITE APENAS: https://amzn.to/2BU2WuZ
UM AMOR EM VENEZA: https://amzn.to/32aPldN
O GAROTO: https://amzn.to/31ZbNWQ
A AMANTE DO MEU MARIDO: https://amzn.to/31ZV5H0
PROMÍSCUA: https://amzn.to/2BR6rT4
O CONVIDADO PENETRA: https://amzn.to/2ZRBTIF
O CONVIDADO PENETRA E A NAMORADA DE MENTIRA: https://amzn.to/3gAsJXK
O CONVIDADO PENETRA NO NATAL: https://amzn.to/2VW123S
BOX O CONVIDADO PENETRA: https://amzn.to/2ZKTZfy

Um nascimento difícil

Vovó sempre me disse que eu seria uma mulher forte, que minha própria raiz já me garantia isso, portanto, não havia outro caminho. Também me contou que não seria fácil, pois nunca é fácil tornar-se mulher, sobretudo em um país marcado por uma forte cultura patriarcal. Dessa maneira, aos catorze anos de idade, apesar de não conseguir ter certeza de haver compreendido a plenitude do que ela me ensinara, eu confiava cegamente em minha velhinha.
Todas precisávamos ser fortes no natal daquele destemperado ano de 2018. Não seria fácil manter a tolerância e a harmonia familiar na presença do Tio Emílio, a quem minha mãe só se referia como "a vergonha da família". O apelido não tinha relação direta com o fato dele ser filho do segundo casamento da vovó, essas tradições não nos afetavam tanto. O distanciamento, por sua vez, decorria mais das diferenças profundas que havia entre nós e ele. De acordo com a mamãe, minha avó decidiu se separar de Arthur, seu segundo marido, no dia seguinte ao nascimento do filho em questão. Qual o motivo para isso? O nome dado ao bebê: Emílio, nome do ditador que governava o Brasil com mão de ferro na época.

Vovó odiava ditaduras, nasceu em 29 de outubro de 1945, dia do fim da Ditadura Varguista. Sofreu com o desemprego do pai, capitão do exército perseguido após o Golpe de 1964. Chorou com o desaparecimento do vovô, seu primeiro marido, que era jornalista e foi perseguido por denunciar torturas e homicídios realizados pelo regime ditatorial. Portanto, as opiniões provocativas do seu filho mais novo rasgavam profundamente a sua alma, levando Dona Ruth a reviver seu luto e sofrer com essa nova decepção.
Todos os anos ocorria o almoço de Natal na casa da Vovó, porque no jantar todos sempre tem algum compromisso com suas famílias prioritárias. Nesse ano, após uma eleição presidencial difícil de engolir, da qual a "gente" ligada ao meu Tio mais novo saiu vitoriosa, defendendo a família, a honra, as armas, as mortes e as desigualdades. Assim como, clamando por autoritarismo, obcecado por negar a história do Brasil e, incisivamente, as dores que machucaram a nossa família em particular. Minha querida vovozinha pediu que eu e minha mãe evitássemos temas que causassem desarmonia, porque nem ela aguentava mais as besteiras ditas pelo próprio filho.

Chegamos cedo à casa da nossa matriarca, a mesa já estava posta e Dona Ruth parecia animada. Pouco a pouco, todos foram chegando, menos o Tio Emílio. Quando o antigo relógio da sala declarou o meio-dia, todos começaram a comer a ceia, independente de ordem da anfitriã, que, por sua vez, não nos repreendeu, ao contrário, serviu-se junto a nós com leveza e alegria. Nesse instante, todos percebemos que uma família não se estrutura pelo nascimento, mas pela vontade de amar. Por fim, questionei a vovó:

–Vó, não vai esperar o Tio Emílio?
– Sim, minha neta, espero que ele se foda.

Felipe Dias Ramos Loureiro

Nem toda lesma vira borboleta.

Texto de Deisi Sales Cândido
22 anos
Luanda Angola
+244 990 885 313
05.2020



Era uma vez... Não!
Presumo que já estejamos afadigados deste introito (risos), e o conto que vos conto não é de fadas.
Numa pequena região denominada Pura Alegria viviam dois homens honestos, um magro e outro esbelto, um com estilo desligado, habitualmente com calças acinturadas e ombros descansados e apontados para frente, camisas de mangas curtíssimas e outro bem cuidado e adequado aos padrões de beleza que instituímos hoje. Além da honestidade, algo mais os aproximava, ambos eram escritores de contos cômicos. Petronho, o magro e Felipe o esbelto nasceram e cresceram em Pura Alegria.
Petronho sempre foi bastante reservado, nunca repetiu de classe tal como Felipe, porém nunca foi figura de destaque acadêmico, no entanto Felipe estava acostumado a "causar" e assumir destaque em primeira colocação em todos os concursos que decidisse participar.
O primeiro concurso em que Petronho participara com Felipe, era um concurso escolar de contos cômicos para o jornal da escola, foi então derrotado por escassez de vocabulário, a despeito todo júri afirmar que não havia sido apurado devido a abstinência de comédia no seu texto. Esta derrota custou-lhe a menina por quem seu coração se "magoelava", mesmo sem nunca antes ter se declarado,
quiçá dar uma palavrinha. Ágatha era agora esposa de Felipe.
Era manhã de domingo quando afixaram um formulário de inscrição ao concurso literário Pascal. O público da pequena região de Pura Alegria ficou expectante porque embora as audiências fossem secretas, o espetáculo seria aberto ao público.
Petronho inscreveu-se logo, acima do seu nome estava Felipe Grand Gold. Foi assim que Petronho Sebastião Antonho após passar pela audiência secreta, fechou-se em casa até o dia do espetáculo para ensaiar sua apresentação. O espetáculo decorreu em total harmonia e alegria. Mais uma vez, Petronho perdeu para Felipe devido seu jeito tímido de ser, porém o júri alegou abstinência de comédia.
Com este concurso, Felipe acabou angariando elevado capital financeiro e comprou uma casa noutra cidade, por sinal melhor evoluída e esvaneceu de Pura Alegria juntamente com sua esposa Ágatha.
Muito tempo se passou (literalmente 8 anos), Petronho continuava escrevendo mesmo ficando sempre em segundo lugar por causa de Felipe, até que adoeceu Felipe e foi a óbito .
Era época natalícia, a filha do presidente estava depressiva e achava-se que um belo conto cômico a ajudaria. Nestes moldes, convocaram todos os escritores deste gênero, inclusive Petronho Sebastião Antonho, dos quais a filha do presidente os ouviria, e aquele que conseguisse alterar seu estado emocional lograria de um belo prêmio.
Todos foram avaliados e era hora de anunciar o vencedor. Sendo que já não havia Felipe Grand Gold, no final o primeiro lugar foi nada mais e nada menos atribuído a Rafael Gold, um menino de 8 anos que estava acompanhado de sua mãe Ágatha.

série "casulos" - Wilson Inacio 2012



Abstrato

Todo abstrato é movimento,
Movimento e ação;
Todo abstrato é cor,
Luz irradiando o coração...
Todo abstrato é luz,
Luz e caminho;
Todo abstrato causa,
A lembrança de como é – viver sozinho
Em todo abstrato um sentimento,
Uma oração...
Em todo abstrato um entendimento,
Interpretando toda alegria
Ou tristeza de um coração!

By: Júnior Varjão

A entrevista

“Eu não gosto de café”, ela falou. “Na verdade, odeio. Não suporto nem o cheiro. Acho que o que sinto pela bebida café é o que existe de mais próximo do ódio.”
“Mas você já está na segunda xícara. Por que está bebendo, se odeia tanto?”
“É a minha maneira de protestar. Eu renego através da adesão.”
Ela se chamava Anabella Loop. Pelo menos assim se apresentou. Era formada em Jornalismo e cursava Filosofia na PUC, além de trabalhar num órgão governamental dedicado à promoção da cultura. Estava lançando seu primeiro livro de poesia, Contrabalandança Vaginal, e eu estava ali com ela, naquele café, para fotografá-la durante a entrevista que uma amiga realizaria para um blog. A amiga ainda não havia chegado, mas não estava atrasada. Na verdade, eu e a entrevistada é que nos antecipáramos.
“Você leu o meu livro?”, ela perguntou.
“Infelizmente, ainda não.”
“Precisa ler. Os homens precisam ler. Vocês não sabem nada das mulheres.”
“Concordo.”
“Bom. O reconhecimento é o primeiro passo pra redenção. Qual o seu nome?”
“Cláudio.”
“Vem do latim. Claudus. Quer dizer manco.”
Os cabelos de Anabella Loop eram pretos e azuis, curtos, molhados e espetados. Ela usava muita maquiagem no rosto, especialmente uma grossa camada de lápis em torno dos olhos. Grandes olhos, amendoados. Lábios finos nos quais passara um batom roxo. Muitos cordões, pulseiras e tatuagens coloridas. Não era, decididamente, uma mulher cinzenta.
”Você é fotógrafo profissional, Cláudio?”, ela me olhava diretamente nos olhos. Sim, me deixava intimidado.
“Eu? Não, eu sou professor. Estou aqui apenas dando uma força pra Olívia.”
“Você tá comendo ela?”
“Eu? Não, não. Somos apenas amigos.”
“Deveria comê-la. Seriam mais do que amigos. Você não quer?”
“Ela tem namorado.”
“Ou seja, você quer.”
“Não, não.”
“Por que chegou tão cedo?”
“Eu sempre chego cedo a meus compromissos. Não gosto de deixar ninguém esperando.”
“Você é do tipo bonzinho, não é, Cláudio?”
“Não gosto de confusão.”
“Seus alunos devem adorar você.”
“Espero que sim.”
“E suas alunas?”
“O que tem as minhas alunas? Acho que gostam de mim, sim. Espero que sim.”
“Já comeu alguma?”
“Claro que não. Nem acho que isso venha ao caso.”
“Que caso?”
“Que caso?”
“É, que caso? Não estamos tendo nenhum caso, aqui. Estamos conversando, como duas pessoas que acabaram de se conhecer. Poderíamos nos limitar a ficar em silêncio, esperando a entrevistadora que você quer comer mas não pode, porque ela tem namorado. Mas isto seria desinteressante e, sinceramente, perda de tempo. Quando estou perto de alguém, quero conhecer esse alguém. Quem é você, Cláudio?’
“Sou um professor.”
“Eu sei que é um professor. Você já disse. Só não acredito que você seja apenas isso. Tem mais aí dentro. Mais Cláudios. Não tem?”
“Não tem nada do que você está imaginando aqui dentro. Não tem nenhum tarado, nenhum

maníaco, nenhum psicopata. Desculpe, sou uma pessoa normal."
Pela primeira vez, ela sorriu.
"Isso é o que há de mais assustador."
"E por que você não fala de você?"
"Vou falar, assim que a Olívia chegar. Quer que eu fale de você pra ela?"
"Claro que não. Tá maluca?"
"Posso dizer que já nos conhecíamos. Que fomos namorados. Que eu fui apaixonada por você. Que você é encantador, inesquecível, uma fera na cama."
"Não. Por favor, não faça isso."
"Ela ia ficar interessada. Curiosa. Eu sou boa em deixar as pessoas curiosas."
"Não."
"Não fique o tempo todo olhando as horas, Cláudio. É deselegante."
"Tenho um compromisso depois dessa entrevista."
"Mesmo? E com quem você vai se encontrar, Cláudio?"
"Minha mãe."
"Sua mãe? Você vai encontrar a sua mãe?"
"Ela está no shopping aqui do lado, com uma amiga. Vou levá-la para casa."
"Que bonitinho. Além de bom professor, é um bom filho. E a sua namorada?"
"Não tenho."
"Isso eu imaginei. Mas por que não tem?"
Como eu começasse a gaguejar, e como provavelmente estava ruborizando, Anabella me interrompeu.
"Tudo bem, tudo bem, isso não é nenhum problema. Eu também não estou namorando ninguém. Só namoro quando estou infeliz."
"Como assim? Quando você está feliz, não deseja compartilhar essa felicidade? Um namorado, pra você, é só alguém que amenize a sua infelicidade?"
Ela riu de novo.
"Quer saber a resposta?", ela ainda estava rindo. "Fique por perto. A entrevista vai ser boa."
Naquele instante, vi Olívia surgindo na entrada do café, e dei graças a Deus.
"Olha", falei. "A Olívia chegou."
"Que sorte, hein? Você deve estar dando graças a Deus."
Olívia chegou radiante. Já conhecia, e pelo visto adorava, a obra de Anabella Loop. Após cumprimentar-nos, disse que ia comprar um café.
"Deixa que eu vou", falei, já me levantando.
"Não, Claudinho", Olívia protestou. "Não precisa, você já tá me ajudando com a câmera, deixa que eu compro."
"Tarde demais, já fui."
Deixei as duas a sós e fiquei observando-as, enquanto aguardava na fila para o caixa. Acabaram de se ver pela primeira vez, e, no entanto, pareciam amigas de infância. Olívia falava gesticulando e arregalava os olhos quando se entusiasmava. Já Anabella, pude perceber, estava estudando silenciosamente a interlocutora. Demonstrava interesse no que a outra dizia, mas lançava sorrateiros e ocasionais olhares na minha direção. Que diabo de mulher era aquela, pensei.
Ao retornar à mesa com o café, Olívia agradeceu efusivamente, chamando-me de muito fofo. Anabella apenas observava.
"Claudinho, tira uma foto nossa", Olívia pediu, o que tratei de atender.
"Vem também, Claudinho", Anabella então falou. "Vamos fazer um selfie, nós três."
"Boa ideia", concordou Olívia. "Vem, Claudinho."
Fui.
"Me manda essas fotos depois", Anabella pediu. "Vamos começar?"
"Vamos", Olívia tratou então de tirar da bolsa um pequeno gravador digital, que colocou ligado em cima da mesa, entre as duas. "Anabella, o seu livro de poemas é incrivelmente plural, incrivelmente visceral, incrivelmente erótico, louco, radical e irresistível. De onde vem tanta inspiração?"
"Daqui", respondeu Anabella, segurando o próprio sexo por cima da calça preta. "Ela é minha principal fonte de informação."
"A sua vagina? Ela é a sua musa?"
"É a minha antena parabólica, a minha ratoeira. Com ela eu atraio o elemento inspirador, e quando ele está bem perto, nhac! Já era."

“A sua poesia decorre então do sexo, é isso? Você deve levar uma vida sexual movimentada, porque inspiração é o que não lhe parece faltar.”
“A poesia está em todo lugar. Dá pra fazer poesia com tudo. Com essa xícara. Com essa mesa. Com esse Claudinho. É só saber ver, saber sentir, e saber escolher a palavra certa.”
“Do jeito que você fala, a gente até acredita que é fácil. Então você usa apenas o sexo como fonte de inspiração? Nunca usou outras coisas?”
“Tipo o quê?”
“Tipo drogas, álcool.”
“Já usei. Já escrevi poesia bêbada, já escrevi poesia chapada. Mas depois não entendi nada do que havia escrito. Ficou tudo confuso demais. Na verdade, ficou uma merda. Por isso, hoje prefiro escrever movida a tesão.”
“E você tem tesão sempre?”
“Claro.”
“Agora, inclusive?”
“Especialmente agora.”
“Opa, será que vamos ter um poema seu exclusivo pro blog?”
“Ou outra coisa.”
Naquele instante, Anabella olhava fixamente para Olívia. E eu me recusava a acreditar que minha amiga estivesse se deixando seduzir pela poeta ninfomaníaca. Ainda que sutilmente, as duas mulheres pareciam ter estabelecido um fascínio mútuo que me excluía. Era como se eu não existisse naquela mesa, naquele café, naquele planeta.
“Você escreve umas coisas muito fortes”, Olívia prosseguiu. “Teu poema Fosso ficou dias na minha cabeça.”
“Só enfiei a mão / no teu fosso / pra escrever meu nome / no teu osso.”
“Nossa”, Olívia mostrou os pelos do braço. “Olha. Arrepiada. Foi pra alguém em especial?”
“Em algum instante, em algum lugar, irá sempre existir uma pessoa especial aos olhos de outra.”
“Você é intensa. Profunda. Como é a sua vida? O que fez de você essa mulher que você é?”
“Essa pergunta é boa. Existe uma coisa no meu passado, sim, que me fez o que sou hoje.”
“E que coisa é essa?”
“Na adolescência, eu fui molestada sexualmente.”
“Sério, Anabella? Que horror. Foi alguém conhecido?”
“Não. Quando eu tinha dezessete anos, fui estuprada por extraterrestres.”
Naquele instante, a risada que eu deveria ter contido escapou, e me vi fulminado pelo olhar de censura de Olívia. Tratei de, rapidamente, me desculpar, mas a impressão era a de que havia cometido a pior, a mais ofensiva e imperdoável das indiscrições. Anabella, porém, não pareceu se incomodar com isso. Continuou contando normalmente a história de sua abdução e estupro por alienígenas. Talvez estivesse acostumada ao descrédito com que a sua revelação era recebida.
“Eu fui criada numa cidadezinha no interior de São Paulo”, falou Anabella. “Cidadezinha pequena, mesmo. Só depois que eu vim morar no Rio. Bem depois. Eu era filha de fazendeiro, e tinha um namorado, o Rogério, que costumava vir me buscar em casa, de moto. A gente fazia umas maluquices no meio do mato, mas eu nunca dei pra ele. Na noite em que a coisa aconteceu, eu ainda era virgem.”
“E como foi que aconteceu?”
Olívia tinha os olhos arregalados. Estava acreditando sinceramente na história de sua entrevistada.
“Naquela noite”, Anabella continuou, “ele havia me encostado numa árvore e estava me agarrando. Cheiro de mato é algo que sempre me excitou. Você viu A Mulher e La Bête, do Walerian Borowczyk?”
“Não vi.”
“Tem uma cena em que uma mulher se masturba com pétalas de rosa, que me deixa louca. Eu não sosseguei enquanto não fiz aquela cena no meu quarto.”
“A natureza desperta os seus instintos primitivos.”
“Sem dúvida. Completamente. Na natureza, eu fico mais tarada, mais agressiva, mais fêmea.”
“Deveríamos ter marcado essa entrevista no Parque Lage, e não aqui.”
As duas então achariam graça, e Anabella retomaria a narrativa.
“Pois o Rogério estava me agarrando, me passando a mão e me lambendo o pescoço. Ele fazia

sempre a mesma coisa. Na mesma ordem, sempre. Era como ele achava que iria me deixar excitada pra fazer o que ele quisesse. Então, depois de fazer a sua parte, o Rogério abria a calça e me fazia ficar ajoelhada na frente dele."
"Pra você fazer a sua parte."
"É. E eu também não era grande coisa, na época. O que pra um rapaz como o Rogério não fazia muita diferença. Bastava ter um buraco molhado pra enfiar, mesmo que fosse só a minha boca, que ele já ficava feliz."
"Como todos os homens, aliás."
"Todos? Será? Você é assim, Claudinho?"
Com a pergunta, as duas mulheres se viraram na minha direção, e o calor que começara a me queimar as bochechas sugeriu que foi uma péssima ideia ter me oferecido para ajudar Olívia com a entrevista. Sem ter onde esconder a cara, me limitei então a não responder a pergunta de Anabella.
"Vamos manter o foco na entrevista."
Anabella riu-se. Já Olívia, que naquele instante estava tão interessada em mim quanto uma baleia jubarte se interessaria por um piolho, apenas concordou, olhando diretamente para o objeto de sua entrevista.
"É, continua. Você estava ajoelhada aos pés do Rogério."
"Estava ajoelhada aos pés do Rogério e com a boca cheia. Aliás, isso não dava pra negar: o menino era todo grande. Dava trabalho. Eu suava pra fazer ele gozar. Mas continuando. Eu estava ali, de joelhos, quando de repente o pau do Rogério saiu todo da minha boca. De uma vez. Como se o tivessem arrancado de mim, que na verdade foi exatamente o que aconteceu. Naquela hora o Rogério foi cair bem longe, a uns dois metros de distância, como se ele fosse uma semente que eu tivesse cuspido. Ele caiu, e do jeito que caiu ficou. Ao mesmo tempo, foi como se acendessem um holofote fortíssimo em cima da gente, e tudo ficou claro como o dia. Mais claro do que de dia. Eu tentei gritar, mas a voz não saiu da minha boca. Também não consegui correr. Estava apavorada e paralisada."
"Meu Deus, Anabella. Que situação terrível. E aí?"
"Aí as mãos deles começaram a me tocar. Pelo menos cinco."
"Cinco mãos?"
"Por aí. Começaram a me tocar toda e a me alisar, mãos frias e finas, e grandes, e tudo o que eu consegui naquela hora foi pensar que ia morrer. Mas acabei descobrindo que não foi pra me matar que eles apareceram. Eram outros os seus objetivos. Delicadamente as mãos foram me afastando da árvore e desabotoando a minha blusa e abrindo a minha calça. Eu só conseguia chorar. Estava paralisada e completamente indefesa nas mãos deles. Quando me dei conta, estava deitada de costas. Nua. De pernas abertas, pronta para o abate."
"E eles? Como eles eram? Eles te machucaram?"
"Não vi como eles eram. Só vi luz e uns vultos no meio da luz. Mas eram muito altos. Bem mais altos do que seres humanos. E não, não me machucaram em nenhum momento. Isso é o mais impressionante. Eu senti a penetração, senti ele me abrindo, mas foi uma coisa totalmente diferente do que eu imaginava. Quando eles me penetraram, não penetraram só o meu corpo, Olívia. Aquela foi a sensação mais maravilhosa que eu já senti na vida, e duvido que vá sentir algo parecido de novo. Ao mesmo tempo em que eles iam invadindo as minhas entranhas, eles penetravam também a minha mente. Eu sentia como se eles estivessem dentro da minha cabeça. Falando comigo. Me tranquilizando. Aquilo não foi só uma foda, eu te garanto. O que eles fizeram comigo foi quase uma fusão."
"Meninas, desculpem, mas preciso ir."
Eu precisava interromper aquele episódio erótico e mal escrito de Arquivo X, por isso avisei que estava de saída. Começaram a me irritar de verdade, e não sabia o que me irritava mais, a pretensão de veracidade que Anabella imprimia à sua aventura e a crença que Olívia nela depositava. Anabella não demonstrou surpresa com a minha interrupção, pareceu mesmo já esperar tal comportamento vindo de mim. Por sua vez, Olívia, ainda que procurando demonstrar alguma simpatia, apressou-se em me agradecer e se despedir. Abraçamo-nos rapidamente, e ela me beijou no rosto. Quanto a Anabella, apenas me despedi de longe.
"Foi um prazer", ela disse, sorrindo.

Deixei então o cartão de memória, onde estavam as fotos que eu havia tirado durante a entrevista, sobre a mesa e me levantei. Mas, enquanto me afastava, mesmo sem ver, tive a certeza de que o olhar de Anabella estava me acompanhando.

Saí daquele café confuso e irritado. Embaraçado. Constrangido. Tentava compreender como Anabella Loop conseguira me incomodar tanto, fazendo tão pouco. E como Olívia, que até então eu admirava pela inteligência, se deixara cair em conversa tão óbvia, tão medíocre, de forma quase adolescente. Fosse eu a arrotar versos escabrosos, junto com histórias eróticas envolvendo caipiras bem dotados e orgia de ETs, e ela certamente passaria a me evitar. A me achar estranho. No entanto, lá estava Olívia tietando a versão atualizada da Baby Consuelo e em vias de cair em seus braços. Ou já havia caído, visto que o fotógrafo inoportuno não estava mais por perto.
Eu estava cansado de conviver com pessoas sem as compreender. Olhava os estranhos na rua tentando descobrir o que havia de verdadeiro naquelas imagens sugeridas, e o que era fantasia, mentira, neblina e distorção. Em cada rosto fechado, em cada expressão fugaz de gente falando ao celular, gente reclamando de preços, pais dando esporro nos filhos, colegas de trabalho falando de pornografia, entendi que aquelas criaturas não passavam de vultos. E que as formas de suas personalidades eram tão instáveis quanto as de suas aparências. Andar entre pessoas era se afogar em ilusões, concluí, amargamente, indo encontrar minha mãe no shopping.
Mas esta história não terminou aqui. No dia seguinte, como que a provar a instabilidade humana referida acima, Olívia me telefonaria. E, ainda que tivesse namorado, ainda que jamais houvesse demonstrado qualquer interesse por mim, ainda que no dia anterior só faltasse festejar a minha saída, foi com inesperada afetuosidade que ela me tratou. Mais do que afetuosidade. Tão carinhosa estava a minha amiga, que cheguei pensar se não teria me confundido com... Anabella Loop.
Claro.
Ao lembrar da entrevistada do dia anterior, fatalmente me viria também à lembrança a sua sugestão: “Posso dizer que já nos conhecíamos. Que fomos namorados. Que eu fui apaixonada por você. Que você é encantador, inesquecível, uma fera na cama.”
Não me interessava descobrir se Anabella Loop possuía mesmo tal poder de persuasão. Ainda que tentado, não era daquela maneira que eu esperava que alguma coisa viesse a acontecer entre mim e Olívia. Assim, me desvencilhei das palavras doces que a amiga insinuava ao telefone, sabendo que provavelmente não teria outra chance com ela. Encerrada a ligação, retornei à rotina que me esperava, sob a forma de algumas dezenas de provas escolares carentes de correção.
Agora, sim, a história terminou.

Biografia do autor

Maurício Limeira é carioca, servidor público, formado em História, nasceu em 1969. Desde a adolescência escreve contos, romances, poemas, peças para teatro e roteiros, sendo parte desse material publicado na internet, parte inscrita em concursos literários.

Publicou de forma independente os romances “O Adversário” e “Mal Localizado”, e a monografia “Nas Horas Mortas: A Vida Noturna no Centro do Rio de Janeiro (1920-1929)”. Seu terceiro romance, “O Terraço e a Caverna”, seu conto “O Filho da Bela Mãe” e seu poema “Vencedores” foram premiados em concursos literários no Brasil e no exterior.

Contato: mauricio_limeira@yahoo.com.br

Crônica sobre a quarentena
Diário de um empresário falido

Tais Oya

Na solidão dessa manhã quente, junto às migalhas de pão e tomo um café ralo. Na mesa, evito pensar pra não sentir, moldo meus restos de pão no formato de uma coroa. Impregnado em meu subconsciente paira uma nuvem densa de medo, o invisível ataca e pode levar vidas e sonhos. Uma doença, cujo nome foi cuidadosamente escolhido pra demonstrar poder; a palavra Coronavírus é derivada do latim “corona”, que significa: coroa.

Poder esse de isolar pessoas, amedrontar, de destruir economias e qualquer manifestação de sentimento. Mergulhado em pensamentos de incertezas me pego observando as formigas. Elas se enfileiram carregando as minhas sobras, um banquete pra elas. Penso que esse vírus deve agir da mesma forma, vê-nos como um banquete.

Sem minha maçante rotina, que eu vivia me lamuriando ,tornei-me o que eu mais temia: um trapo humano. Meu pijama de dias lamenta minha falta de zelo fedendo e meu rosto tornou-se irreconhecível tomado por uma barba que passa os limites do meu queixo, indo de encontro ao pescoço.

Ainda imerso nessa atmosfera em que o tempo parou, assim como minha vida, revolto-me com as formigas roubando minha arte de migalhas. Nunca fui ligado às artes, só peguei me observando por conta da inércia presente. Estou aqui brigando com formigas, como se parte do meu eu dominasse meus pensamentos , desligasse meu cérebro como num interruptor, justificando: “pronto a luz se apagou, desligaram os humanos e convidaram os ratos.”

Nem sei o que penso mais, estou a pensar em formigas, ratos e interruptores. Levo o café frio á boca, descontente comigo e com o mundo sigo vegetando. Não posso nem ao menos recordar-me do trabalho. Meu corpo reage recebendo um soco no estômago, meu coração reage com batidas frenéticas que chega ao meu pescoço, o café quase nem desce.

Mal posso olhar minha conta bancária, cifras se acumulam em dívidas, afundo-me em extrema depressão, pois foram muitos anos de trabalho. Minha loja não sobreviverá, preciso demitir meus colaboradores e sei que eles têm família, minha culpa consome meu fígado, deixando um sabor amargo, que não é do café ralo.

Sentindo que meus pensamentos me trouxeram problemas materiais, condeno-os, de forma que esse não é o momento. Culpo-me por isso, dando um tapa no meu rosto que é cruelmente amortecido por minha barba. Devo priorizar o bem comum, a saúde. Mas ao mesmo tempo afundo meu negócio, meus sonhos, minha esperança em dívidas.

Condenam os empresários, que como eu querem salvar seu negócio. Chamam-nos de gananciosos, perseguem-nos com ofensas nas redes sociais e dizem quem é ou não necessário a sobrevivência, os taxados desnecessários, mandam ficar em casa. Com um decreto define quem vai falir, quem vai sobreviver e quem vai se beneficiar desse acontecimento. Fico numa corda bamba, entre dois paralelos desfavoráveis, morrer ou morrer, a doença com certeza já contaminou meu corpo, de uma maneira ou de outra. Desculpe parecer pessimista, espirrando veneno nas páginas puras do seu livro, é que o vírus é ingrato, infeliz. Estou contaminado.

O noticiário, já não faz mais parte dos meus dias, prefiro ausentar-me de tantas notícias ruins. Prefiro livrar-me de um infarto, sendo que um ponto racional de meu ser diz-me que estou entrando em depressão.

Um túnel escuro e nebrioso se compadece desse meu momento. Um cortejo fúnebre vela o que restou de um homem trapo, enterrando meus sonhos.

Por fim as formigas levaram tudo: a arte e as migalhas para que elas fizessem um banquete. Nada sou a não ser uma formiga catando migalhas, minha vida, meus sonhos, frágil facilmente esmagado por um vírus.

Escondido como um rato deixo a mesa pra deitar em minha cama de olhos vitrificados pela falta de sono.

PÓS-PANDEMÔNIO: SIM OU NÃO?

O simbólico gatuno persistirá roubando.
A metafórica ostra continuará na concha. Um pavoroso?...
– A constante cosmológica de um mundo insano!



Poetisa Ana Paula Gomes
@engenhodeletras
https://engenhodeletras.blogspot.com/
https://professorapaulagomes.recantodasletras.com.br/livros.php

---

Solidariedade
A solidariedade transforma,
Momentos doloridos em felicidade!
Seja um alimento material ou espiritual
A ajuda é fundamental!
Alimenta a esperança,
Traz a perspectiva da mudança
E em meio a essa pandemia,
Funciona como magia!
Uma chama em meio a escuridão,
Iluminando os passos,
Aquecendo o coração!

Sirineu Oliveira

SELO



De trás do caminhão surgiu vindo em altíssima velocidade em rota de colisão com Will uma SUV, o motorista fazia uma ultrapassagem proibida naquele trecho da estrada e vinha como um míssil de encontro a família de Willian, não daria tempo de Will frear, não daria tempo de a SUV retornar para trás do caminhão ou do caminhão frear, e todos os ocupantes dos três veículos perceberam isso numa fração de segundos, Will tirou o pé do acelerador, se freasse bateria na SUV que vinha ao seu encontro, se virar para a esquerda vou bater de frente no caminhão, pensou ele, então Willian virou para a direita, a SUV passou por ele como uma ferra negra que passa a um salto de dar o bote, mas erra por pouco, Will não estava salvo ainda, o carro correu pelo acostamento estreito, as pedras salpicando por todos os lados, foi um momento rápido demais para pisar no freio, o veiculo escapou para a grama e em seguida para a mata fechada, Willian viu as arvores chegando rápido, e lembrou-se de virar o carro para não bater de frente com uma delas, foi a ultima coisa de que se lembra, em seguinte o carro chocou-se lateralmente com uma arvore, partindo-se ao meio, Will desmaiou.

Ele lembrou-se de acordar com dores por todo o corpo, não sabia quanto tempo tinha passado desde a batida, quase não conseguia se mover, o peito doía por causa do cinto, a cabeça também, sangrava, mas não sabia de onde vinha o sangue, não conseguia olhar para o lado, na direção de Bia, e não sabia se ficava feliz ou não por não ser capaz de vê-la naquele momento, sentiu o gosto de sangue nos lábios, um dos olhos quase não abria, conseguiu formular uma frase, chamou pela esposa, mas ela não respondia, chamou novamente, o simples ato de tentar falar parecia consumi-lo, lembrou-se de ouvir o som de vozes, mas não conseguia entender o que diziam, percebeu que era uma equipe de resgate, bombeiros, paramédicos, guardas rodoviários, viu cada um deles, ele era uma espécie de espetáculo macabro e eles estavam ali para ver se estava em condições de ser salvo ou não, eles constataram que estava vivo afinal, um milagre, disseram, tentou perguntar pela esposa e pela filha, mas a voz sumira, usaram ferramentas para arrancar a porta do carro, imobilizaram seu pescoço com um colar e o colocaram em uma espécie de prancha reduzindo ao máximo sua mobilidade prendendo-o com cintos do peito até os tornozelos, nesse momento ele viu, olhou para o carro, não que pudesse mover o pescoço, mas podia mexer os olhos, olhou para dentro do carro, a parte da frente, até então não tinha percebido que o carro se partira ao meio contra a arvore, no lugar do carona onde antes estava Bia havia algo indizível, uma coisa que já deveria ter sido um ser humano, alguém que ele amava, a esposa que ria de suas piadas, e acordava com o corpo colado ao seu todas as manhãs, agora era um volume disforme coberto com um saco preto, espremida entre as ferragens do carro, seus olhos marejaram, disse a si mesmo que era mentira, e então viu a única parte do corpo, descoberta, a mão esquerda, dedos pequenos onde uma aliança repousava no dedo anelar, pediam de um corpo sem vida.

Will engoliu a saliva sanguinolenta, e então viu o resto do carro, a alguns metros dali, a parte de trás ainda tinha a cadeirinha, mas não havia nela criança alguma, minha filha, pensou, onde ela estará, tentou perguntar pela pequena Maria, mas a dor voltava a lhe bater, devia ter quebrado diversos ossos, pernas, braços, costelas, talvez o pescoço, não sabia dizer, a dor era torturante, ao menos Maria deveria estar bem, Deus, nos ajude, lagrimas escorriam de seu rosto, viu as sirenes da ambulância girar e girar, luzes de cores diversas, faróis, sombras, e então veio o golpe, percebeu isolado de todos um monte na grama, um lugar onde a grama estava dobrada, abaixada, e ali coberto com um saco preto um pequeno volume, sua mente raciocinou, mas ele dizia a si mesmo que era um engano, estava errado, não queria pensar nisso, era mentira, aquilo era um sonho ruim , um pesadelo, não percebeu que estava ficando difícil respirar, que estava recebendo fluido por fios, e que estava prestes a perder a consciência. Isso não esta certo, foi a ultima coisa que pensou.

Willian não estava consciente quando sua família foi enterrada, acordou dias depois, foi submetido a diversos procedimentos cirúrgicos, um braço, e as duas pernas quebradas, também costelas e perfurações internas diversas, vários meses de fisioterapia, diversas pessoas da igreja e amigos iam visita-lo, até a irmã que tinha se casado e ido morar em outra cidade permaneceu com ele por dias, ficou na casa dos pais por meses, ate ser capaz de ir para casa, mancava, tinha cicatrizes diversas, sua personalidade se modificara, era misantropo, evitava o convívio social, saia em casos extremos, não ia ao shopping ou passear, apenas ao supermercado ou ao trabalho, aceitava a visita de conhecidos a contra gosto, não ria, não conversava, apenas assistia TV, e via noticias do mundo pelo celular, não respondia mensagens, nem da família, não tomava os remédios que os médicos lhe prescreviam, fossem para dor ou para a mente, a empresa tinha lhe dado férias, mas ele não via mesmo isso como ato de boa fé, apenas um modo de afastarem um funcionário que agora era um peso, perturbado e improdutivo, deixou de ir a igreja, não falava com Deus, como poderia, atendia ao telefone, pois as chamadas o perturbavam, e sabia que quanto antes falasse com quem quer que estivesse do outro lado da linha, mais cedo teria sossego, mas um dia, resolveu sair de casa, sem proposito, fora caminhar, algo que nunca sentiu vontade fazer, mesmo quando Bia e Maria estavam vivas, as vezes dava uma volta de bicicleta com elas, mas nunca caminhar.

Naquele dia começou a andar a esmo, não sabia onde seus pés o estavam levando, saiu de seu bairro e foi ate o final da rua, dobrou a esquina e foi ate o final daquele bairro e seguiu pelo bairro seguinte, deixou o tempo passar, não pensava em nada, era como um zumbi, não raciocinava, apenas seus reflexos e instintos mais primordiais agiam, não sabia se tinha ido para o centro o para a periferia, para o sul ou norte, então quando percebeu que tinha se perdido resolveu voltar, nesse instante percebeu algo familiar, uma igreja velha, num bairro que ele jamais tinha estado, era uma igreja com uma cruz enorme na fachada, e vitrais coloridos, tijolos antigos e deserta, porem aberta, como muitas igrejas aquela estava aberta para receber os devotos mesmo quando o sacerdote não se encontrava, não tinha objetos caros ali, apenas mobília velha de igreja, velas, um altar , quadros e bíblias em locais diversos, mas nenhum ser humano.

Olá
Sou um escritor londrinense iniciante e este é meu primeiro trabalho, a obra 'PLENOS PODERES', um livro de baixa fantasia, onde um homem após sofrer uma tragédia adquire poderes e resolve transformar o mundo. A saga de um anti-herói inexperiente e com muitos poderes, disposto a transformar a humanidade.

Autor: Jefferson A. Fernandes (Londrinense, casado,pai, 38 anos)
Páginas: 246
Resumo: Após sofrer uma tragédia, um homem descobre ter poderes sobre humanos. Agora infinitas possibilidades surgem a sua frente, e a descoberta que poderá mudar a si, a tudo e todos a sua volta, mas será ele capaz de salvar sua própria alma no processo, ou se perderá completamente, levando toda a criação consigo.

Disponível somente na Amazon (loja Kindle)
OBS: Indicado para maiores de 18, contém violência.
https://www.amazon.com.br/s?k=plenos+poderes&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

OBS: A Amazon possibilita a leitura de parte inicial do livro sem compromisso.

Link do autor no facebook (Jefferson Fernandes)

https://www.facebook.com/profile.php?id=100047800782060

CARTA AO LIVRO DE BOLSO

Adolescido tomo
lanterna dos afogados

paraninfo da literatura
rancho da tropa, democrática
classe econômica
talismã, lítero muiraquitã iniciático

sustentáculo dos sebos, colecionário
de ceitils, centavos e xelins

Ingresso de matinê
na nau de Stevenson, na floresta
de London
na faiscante Paris espachim e amante
dos Dumas

condensário das imensidões
de Moby Dick ao pai Quixote

dramas d'antanho em prosa e papel jornal
poemas seletos lidos com lenta pressa
enquanto sacoleja o bonde ou o busão

lâmpada de celulose que exulta
na cama de solteiro do quartinho dos fundos
tanto te devemos, fiador dos desamparados
bengala dos moços, livro de bolso

Sammis Reachers

Nascido em 1978 em Niterói, mas desde sempre morador de São Gonçalo, ambos municípios fluminenses, Sammis Reachers é poeta, escritor e editor, autor de sete livros de poesia e dois de contos, organizador de mais de trinta antologias e professor de Geografia no tempo que lhe resta – ou vice-versa.

Da poesia

I
Psiu!
O que foi?
Não escuta?
O quê?
O suspiro do verso opresso pelo prelo.

II
O sorriso amarelo do prelo
(ainda) oprime
o silente verso
singelo

III
vem
dizem os olhos ávidos de quem quer ler
vem
e o verso, silente
paira, opresso, sob o peso do prelo
silente

IV
o verso fica assim
desmesurado
sob o manto pesado da indiferença
à espera
de que, ele não sabe
mas espera

V
E os ventos de abril
luminosos
insistem em provocar o desejo
dos versos a serem libertos
do miasma do esquecimento,
da ocultação

VI
A poesia
lugar comum, em que
o poeta ri de si mesmo.

A poesia
pilar incomum, a sustentar a fluidez
do poeta que cisma consigo mesmo.

A poesia
berço sem grades, de que o poeta sai,
cambaleando,
de si para si mesmo.

A poesia
buraco negro em que o poeta,
sem saber e sem ver,
trai a si mesmo.

A poesia
pular, bem alto,
sem o amparo da rede
e o poeta acaba por cair em si mesmo.

Poesia, caixão sem tampa
o poeta enterra a si mesmo e a ela,
junto com os seus mesmos,
a poesia.

José Luiz Foureaux de Souza Júnior



Visões sertanejas – ou a ida e vinda de Juca Mulato

Vinicius Marcondes Araújo

O furgão da emissora de TV chegou ao meio da praça interrompendo a correria dos moleques, fazendo revoar as galinhas e sair de casa os curiosos. Não era a primeira vez que a tevê chegava por ali – não, isso nada tinha de novo. O povo conhecia a telinha desde que o Olivério Farinha trocou o bezerro num aparelho: desde então, deixava-o ligado todas as noites com a janelota da sala aberta para quem da vila quisesse ver. Só não deixava muito tempo ligado porque “esquenta o tubo”. Boa gente, o Olivério; não desse de fechar as janelas tampando as cenas de romance com medo da reprimenda do padre, que também a tudo assistia lá da janela da sacristia. Mas o Olivério, de janelas fechadas e sem peso na consciência, assistia a tudo mesmo, só ele e Deus.

Afora isso, a telona do cinema também era conhecida por quem ganhava idas à cidade em seus aniversários de vida ou namoro. Outras vezes chegavam mesmo ali alguns caminhões com tendas de circos falidos que cobravam para exibir uns repetidos filmes de faroeste. Mas a telona era diferente – era coisa pública, havia que pagar pra ver. A telinha não – quem a tinha em casa assistia de tudo, quantas vezes quisesse, e só pagava uma vez.

Enfim, nada das imagens em movimento era novidade para o povo ali da vila. Mas o fazer dessas imagens isso sim era novidade; era mesmo um grande mistério para aquele povo que ainda via com receio a mágica das fotos que se mexiam e desapareciam, como por efeito de mágica ou feitiço.

Mas naquele dia chegou ali o furgão da TV e logo descarregou um monte de máquinas pretas e estranhas, meio metralhadoras, meio câmeras fotográficas. Desceram uns tipos citadinos, olhando desconfiados para o povo atônito e soltando uns “bons dias” a esmo – apesar de já ser tarde -, denunciando sua origem urbana pela fala forçosamente correta. Esmiuçaram com os olhos e os trecos toda a praça da vila. Dizem que coisa daquele tipo só se tinha visto antes há bem uma década, quando vieram homens do governo medir e pesar a terra pra ver se era boa.

Os homens do furgão andaram aos pares e trios por todo o largo da praça, trocando cochichos e apontando locais que não se sabiam quais eram. O povo já começava a se incomodar pela indiscrição e o padre já vinha tirar satisfações quando um dos homens, meio gordo e barbudo, que parecia ser o chefe, bradou para o furgão:

- Ô Matos! É isto! Vai ser aqui mesmo. Liga pro Borges e fala que achamos o lugar, também pede pro Marisco arrumar os secundários. E corre que precisa aproveitar o tempo, senão vem chuva e sertão com chuva não é sertão.

Logo reuniram toda a vila ali na praça e se puseram a explicar a empreitada. Queriam rodar ali alguns capítulos de uma novela das seis – coisa de menor importância nos quadros da emissora, mas o produtor foi bem claro que queria as cenas as mais realistas possíveis. Na trama, uma historieta de inícios do século passado, uma branquíssima dama carioca vinha passar uma temporada na casa de uma tia mineira – a jornada tinha segundas intenções de arrumar casamento com um moço da

queria a coisa o mais realista, tal personagem já teria de vir meio pronta com o ator. Como nenhum dos voluntários se parecia com o papel, o diretor exausto queixou-se a meia voz enquanto tomava um quente na mercearia da praça. Ao ouvir a queixa, o vendeiro lembrou: tem o Juca Mulato.

- Juca Mulato é moço igualzinho esse que você fala. Tambeirão, esquisito, fala só o necessário e vive envergonhado. Mas tem a alma pura como a de criança. E pensa num moço bonito...

O diretor se animou. Deixou o copo na metade e correu pro rancho da Costela Seca, onde o Juca labutava e dividia a casa com a mãe meio cega e duas irmãs. O diretor logo viu que Juca Mulato era bom de corpo, grandão, forte e rosto agradável, só tinha o defeito da bebida e era tapado como ninguém, mas perfeito pro papel.

Custou convencer o Juca Mulato a atuar, tremia de medo de falar em público, ainda mais ao saber que o povo todo da vila ia ver. Mas foi só saber do ordenado que relaxou a timidez – era coisa que nem seis meses de labuta dura pagavam, então valia a pena. Mas a condição era que não o fizessem falar. O diretor relutou mas aceitou – arranjariam um dublador para o Juca e diminuiriam ao máximo suas falas no script.

A produção pôs logo o Juca pra trabalhar, e na outra semana a vila já ficava em polvorosa vendo o matuto botar as caras na telinha do Olivério – só as caras mesmo, porque o personagem do Juca, para justificar sua falta de fala, acabou virando mudo. Por dó, a TV também deixou um aparelho maior na frente do armazém, onde o povo conseguia ver de tudo, e ali passaram toda a semana vibrando a cada vez que o Juca aparecia, representando o sertanejo tapado e inocente que o povo da cidade gosta de ver.

Foram duas semanas gravando e uma aparecendo na tela e o Juca Mulato foi chamado ao furgão, num sábado, para receber a quinzenada. A féria de Juca era coisa pouca, nem comparada à da estrela branquíssima da novela, mas já dava pra uma bicicleta nova e uns quartos de farinha e carne seca. Mas Juca Mulato, pouco dado à poupança, sumiu com as burras na mão e só foi encontrado na segunda-feira, boiando de bruço num charco lodoso. Os passantes contaram que encheu a cara no bar da outra vila e saiu sem condições, tropeçou numa poça e afundou encabeçado na lama pegajosa. O barro sepultou meio corpo do Juca, que de tão ruim não conseguiu levantar. Foi-se o Juca Mulato, para o triste desespero das duas irmãs e da mãe meio cega e para o amargor da vila, que achou que cessariam as gravações da novela.

De fato, o produtor entrou em desespero e quase deu por sua ruína. A novela já ia avançada, com um sucesso meia boca de audiência, e Juca Mulato tinha pelo menos mais uns dez episódios pra gravar. Precisava arranjar outro, e coisa urgente. O jeito foi espalhar entre as cercanias que a novela precisava de gente. E como a fama de Juca Mulato já ia longe, não faltaram os candidatos. Vieram gente de todo canto, e uns chegaram mesmo a pintar o corpo de argila pra ficar mais à cor do Juca.

De nada adiantou, o povo que ali apareceu era esperto, estava atrás do dinheiro e fama, e Juca era panguá que só, dos raros. Nenhum deles fazia o espírito que já ficou colado à personagem do Juca. Todos queriam aparecer, queriam a fama, e Juca não era nada disso.

O jeito a tomar foi outro, uma ideia que saiu de um rapazola da vila contratado de temporário para a iluminação:

- Banzo panguá é o que não falta por aí nas sesmarias. Os senhores não acham porque só segue anúncio a gente esperta. Tem que arrumar outro jeito de que os matutos venham – arrastados vêm melhor.

E expôs a ideia: fariam um croqui da fuça do Juca e espalhariam pelas cercanias, como os cartazes de “Procurado” dos faroestes, oferecendo gorda recompensa. A gente santa das vilas, que adorava pregar uma peça nos abobados, não tardariam a encontrar um tipão do Juca e assim matar dois coelhos na mesma paulada: livrar-se-iam de um idiota pouco útil e fariam ainda boa féria. Ao diretor pareceu absurda e bárbara a ideia, mas sem alternativas e com as rodagens já atrasada cedeu. Já no outro dia haviam quase três centenas de cartazes com a cara de Juca dado como foragido espalhado pelas vilas vizinhas.

Não deu outra. Em dois dias apareceu uma dezena de sertanejos da redondeza trazendo amarrado um pobre que era o próprio Juca cuspido e escarrado. Fazia até o tipão bobo alegre, e ria mal percebendo que a turba em outros tempos bem estaria o levando à fogueira ou à forca. O diretor pôs-se em camisas e fingiu-se juiz da ouvidoria: recebeu a população com voz grave, desfilou as acusações de furto contra o pobre coitado e sentenciou-o a cumprir pena na penitenciária da cidade. Puxou os cobres que seriam para o ordenado do Juca e distribuiu aos chefes daquela turba, dispensando-os agradecido.

Com o prazo já apertado, a gravação foi retomada com fúria, e o novo Juca se deu bem no papel. Fazia tudo que lhe mandavam, risonho e abestado. Aprendeu logo que não podia falar, e vez ou outra tinha que se fingir valente na frente das câmeras. Fez tudo com maestria, nem mesmo se intimidando pela bela presença da moça branquíssima.

Quando saiu a novela gravada com o novo Juca o populacho local percebeu de cara a troca, acostumados que estavam às sutilezas de seus velhos conhecidos. No entanto, mal ligaram para a pilantragem do diretor e a covardia do pessoal da outra vila; antes, mantinham o orgulho de ver gente da terra ali na telinha, reproduzida vezes mil nos quatro cafundós do país.

O diretor ficou alegre por ter salvo a própria pele e reputação. O povo da vila ficou alegre por ver que a novela continuaria, quase imperceptível na mudança de elenco. O povo da outra vila ficou alegre com o ordenado distribuído, e também com a continuidade da novela gravada na vila vizinha. O novo Juca ficou alegre com a marmita e a cachaça que lhe davam, já que o ordenado a turba levou. Só a mãe meio cega e as duas irmãs do Juca Mulato, que não viam a telinha, encomendavam tristonhas a missa de sétimo dia para o defunto.

Um leitor mais atento e correto poderia certamente se opor à este final: a história não encaixa! Não teria o povo das duas vilas percebido a pilantragem desumana do diretor? Como compraram tal patranha e entregaram de boa fé um pobre coitado às cadeias? Eu diria que certamente teriam percebido, e quase duvido que não tenham percebido e fingido que não percebiam. Entender como agem e pensam as gentes quando está em jogo alguns cobres e famas não é pra qualquer um. Melhor é esperar o último capítulo da novela, quando (quase) tudo é posto ao lume.

PRELÚDIO

Pela escuridão do quarto, imagina ser noite. Ou madrugada...
Perdera a noção do tempo. Foram muitas mortes, muitos renascimentos. Tanta aflição, tantas dores, tanta luta! Mas, agora, vindo não se sabe de onde, é invadido por um deleitoso sossego.
No silêncio, entrecortado pelo gotejar do soro no equipo, os pensamentos, de maneira incansável se avolumam, se atropelam como se disputassem uma corrida derradeira. E no peito, o retumbe do coração mais parece o bater das asas inexperientes do menino passarinho. Sabe que está longe disso.
A inércia do corpo não lhe permite observar aquilo que não esteja na direção dos olhos. Vê o teto, apenas o teto. Ainda lhe restaram os ouvidos. Ouve perfeitamente. E sente o toque. Incomoda-se quando percebe os olhos mendicantes de Leninha. Sabe que ela procura uma certeza. Quer saber se ele está ali, se a escuta, se a reconhece. Mas, infelizmente, não tem o controle da resposta.
Leninha deve estar por ali, em algum lugar do quarto. Há um ressonar leve espalhado na penumbra, tão leve quanto ela. Companheira de vida, cumplicidade velada. Filhos não brotaram. Apesar da expectativa levada por toda vida, percebeu que a esperança escorreu pelos cantos dos olhos quando Leninha sentiu que as regras haviam cessado. Neste dia, chorou. Foi a única vez que se mostrou derrotada. Aconchegada nos braços ternos de Nestor, extravasou a dor da frustração. Alisava a barriga com desdém, com raiva, dizendo-se seca, estéril. Menosprezava-se.
E sabe que deveria ter amenizado a dor da companheira. O problema poderia não estar com ela! Nunca avaliaram, nunca procuraram orientação médica. Poderia ter dito isso a ela. Mas não disse. Talvez por orgulho, talvez por culpa. E ela nunca aventou tal possibilidade. Talvez por respeito, talvez por amor.
Para ele, a vida era um querer sem freios. Eram metas, metas e metas. Alcançada a primeira, nem a degustava e já era sugado pela engrenagem da próxima, da próxima e da próxima. A vida era uma moenga de momentos, de sonhos. Para Leninha, não. Passava plena pelos minutos, pelas horas, pelos dias, pela vida. Talvez o constante brilho do olhar e a perene ternura do seu trato tenham norteado e protegido a caminhada confiante de Nestor. Para ele, isso era absoluta convicção. Pena nunca ter dito a ela.
Há um ressoar de passos no corredor. Deve ser a enfermeira. Cerra os olhos. A voz suave, sussurrada, avisa que vai substituir o soro e ministrar um medicamento. O líquido queima e dá a sensação que vai rasgando a veia quando injetado na canícula. Certamente deve ser sonífero. Ou analgésico. Interessante que, hoje, as feridas das costas não latejam. O colchão d'água está mais suportável, refrescante.
A enfermeira sai e Nestor reabre os olhos. Ainda bem que Leninha não acordou. Continua ressonando, mansamente. Sempre foi assim, sono profundo, restaurador. Talvez seja pela ausência de remorsos.
De volta à penumbra, os pensamentos voam para as palavras irreverentes da mãe, lá atrás. Ela dizia que todo moribundo, antes de morrer, apresentava uma melhora assustadora. Mas que isso não a enganava. Sabia que a morte era matreira e que só queria abocanhar a vítima com mais vigor. Nestor sente vontade de rir, de gargalhar... A alma gargalha.
Leninha acorda. Busca, com os pés, os chinelos no chão. Aproxima-se da cama. Agora ele a vê. Está colocada bem de frente, na mesma direção dos olhos dele. Bonita. Mesmo com os cabelos grisalhos totalmente desgrenhados, continua formosa. Serena. Mas os olhos embaciaram. Olha fixamente no rosto do amado, bem de perto. É possível sentir o respirar pelas narinas. Tão perto, tão longe... Nestor sente a carícia das mãos que passam pelos cabelos, pela testa, pelo rosto... Leninha fala com os olhos, abraça com o cuidado. E ele se abandona no abraço. Quer matar a saudade. Quer tocar aquele rosto, agradecer, gritar o seu amor. Impossível. Mas ela sente, ela sabe. Sempre soube.
Nestor fecha os olhos. Quer emoldurar, na memória, aquele rosto. Quando os reabre, ela não está mais ali. Silenciosa, voltou ao descanso. E ele, segue envolto num turbilhão de pensamentos. Teima ser mais forte que a droga que lhe foi injetada.
De repente, o peito inicia um repique. Batidas aceleradas do coração provocam certa confusão nas ideias, parece que o corpo todo estremece, uma onda de calor insuportável percorre as veias, queima. Depois, abranda. Chega um frio abominável, insano.
Ele sabe que são as asas na constante luta pelo voo. Devem carregar o cansaço acumulado por tantos anos. Puxa vida, tem ainda tanta coisa para pensar! Mas está confuso. Não consegue conectar o fio do pensamento que estava por ali, com ele, ainda há pouco. E sente um cansaço incontrolável, os olhos pesam, as ideias fogem. Nem ouve mais o ressonar de Leninha. O gotejar cessa.
O dia ainda nem clareou e o soro foi retirado. Leninha tem a certeza da qual tanto se esquivara.
Ele não está mais ali.
O velho pássaro pousou.

Regina Ruth Rincon Caires

Um dia de sorte

Acordei bem cedo, antes mesmo de ouvir o cantar do galo na varanda. Coloquei meu vestido favorito, era preto com bolinhas, ou era de bolinhas e tinha um fundo preto?
Caminhei até a cozinha, servi uma dose de ânimo e bebi, tranquei a porta de casa e saí.
Eu poderia estar indo para o trabalho ou até mesmo fazer uma caminhada, mas eu apenas andei lentamente até a pracinha que ficava no final da minha rua e lá me sentei.
Passaram-se algumas horas e eu que estava sozinha naquele banco, um pouco frio, de repente, não estava mais só, a tristeza resolveu me fazer uma visita. Eu já a esperava, ela sempre vem, engraçado, hoje ela se atrasou um pouco.
Já era hora do almoço, trouxe comigo um pequeno lanche, um cardápio sem muitas opções, alguns grãos de desgosto e uma fatia de frustração.
Para sobremesa, trouxe esperança!
Resolvi voltar para casa, fui caminhando e observando a beleza do céu, foi quando tropecei em uma sacola pesada. Era uma sacola com fé, alguém deve ter perdido.
Levei a sacola comigo, poderia ser útil. Mas o que fazer com tanta fé?
Bordei um belo casaco, e me cobri do frio que fazia naquela casa vazia.
Comi um pedaço de paz, bem doce e fui dormir.
Amanhã será um novo dia, no entanto, nada mudará por aqui. Ou talvez mude!

Pseudônimo: Gira sol

Karol Duarte
Escritora . Copywriting

Contatos
(67) 9 9220-7502
@karoldu.arte



Mião levano mio

Lá se ia Mião levano o mio de cabresto num jumento
desde os catorze anu foi pião carregador de mio espigado
No cheio cassuá, trançado como cesto bem belo de boa feitura

De jumento cançado, com mil nas costas e a lua saindo de noitinha
pra cidar'de jumento varando a noite enluarada
Mião prevê e a condoer da dor do companhêro, a decidir, parô num estaleiro

Não mermo sabeno que o home da encomenda queria pra onti mermo,
Se aconchegou
e num sono entrô

E, no sono, veno:
"Um quadro de terra, de sessenta braças quadrada...
 O mio no meio e o macaça por entre as meia

Quando crescia se admirava
As bage de mio entre os feijão

Que gosto de ver na plantação, d'uma baita geração que avolumava as vista

Quando nós quer, matutava, também tira dos seio uma fieira de risco
De carioquinha em fila, a florescer o mio
Ah, filicidade
Espaiando do Bornado, sementes em covas

A cova?
cavada com suo'r debaixo de so'r do suvaco moço
Quando Ainda não mais quer, pulverizar
Pras pragas não dár, mas dela sem fugir com pressa
Preso, como presa"

No sono profundo
A destino adentrou, na noite intêra

De espigas meio mil de mio, acordou a recordar do cassuá
De espigas de meio mião de mio À sra de Antoê mermão
Entregar

E pôs-se de vor'ta, de varada à mio pés na estrada a so'r,
pra do castigo escapar.

Rafael Agostini
Rede Social
Instagram: @rafaelagostini.art

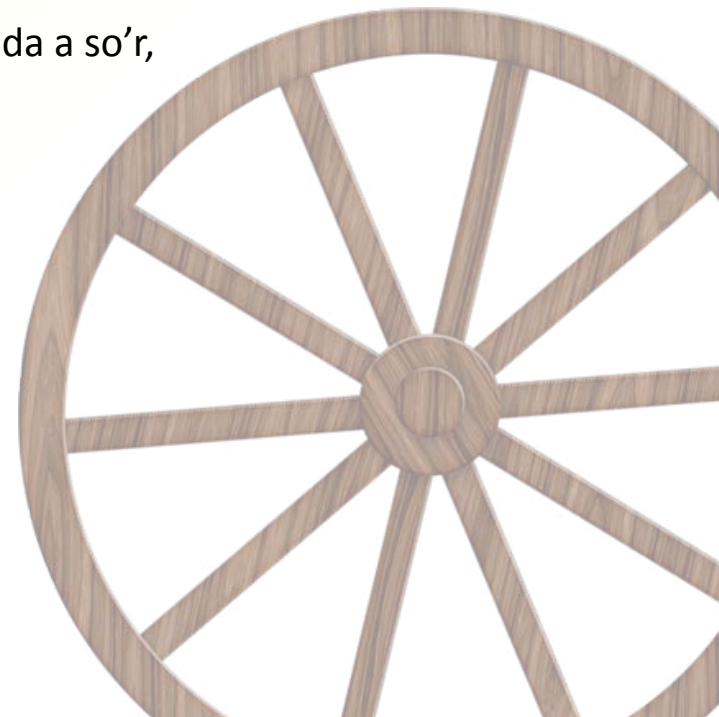
Site: rragostini.wordpres.com

@rafaelagostini.art

Site: rragostini.wordpres.com







Aquilo que rasteja

Ela estava lá, na igreja, novamente. Primeiro banco, comportada, mas apenas pensando a que horas aquilo acabaria. Não que não acreditasse em Deus; a missa dominical, todos os domingos à noite, que era uma forma de testar sua habilidade de não cair no sono enquanto alguém está falando.

Enquanto coçava os olhos para tentar espantar o sono pela vigésima vez, ela sentiu algo a observando. Olhou atentamente para os três degraus que levavam ao altar e percebeu uma criatura horrenda lhe olhando. De imediato, ela sentiu no ar desejo de morte e podridão.

A criatura era pequena, não devia ter nem um metro de altura, mas possuía olhos inteiramente brancos, a pele parecia que estava queimada desde o topo da cabeça até o fim do corpo. Não tinha orelhas nem nariz, onde ela supôs ser a boca havia dentes podres e dentes afiados nascendo na parte de cima do que era para ser a gengiva, uma gosma preta escorria como baba. O corpo era desproporcional: a cabeça era grande demais para ele. Para compensar o desequilíbrio, andava rastejando pelo chão; ela conseguia ver as juntas da criatura dobrando para ângulos estranhos, como se estivessem quebrados, e voltando ao original em cada movimento que aquilo dava na direção dela, conseguia escutar cada osso estalando e quebrando. Percebeu que a criatura não possuía nenhum osso em seu peito e era possível ver duas protuberâncias parecidas a pulmões, enquanto uma inflava, a outra murchava até parecer algo em pleno estado de decomposição.

Conforme a criatura chegava mais perto, ela viu um buraco, onde acreditava ser o lugar da testa, do qual vinha um som estranho, como a respiração de alguém se afogando no próprio sangue.

Ela não conseguia se mover, estava paralisada perante àquilo. Suas pernas e braços não lhe obedeciam, ela não tinha mais controle de si; foi nessa hora que escutou um som ensurdecedor. Observou a criatura parar de rastejar em sua direção, olhá-la por um longo tempo e voltar rastejando em direção ao altar.

Nesse momento, escutou um barulho vindo da porta lateral da igreja. Conseguiu fazer sua cabeça virar um pouco e enxergou apavorada muitas criaturas como aquela que rastejava a sua frente. Todas pareciam raivosas, ansiosas, sedentas por algo, ela ainda só não sabia o que era exatamente.

Giovana Palazzo Colpo
Marcia da Luz Leal
Santa Terezinha de Itaipu, Paraná- Brasil.

Valter resende

Diabo! O busão quebrou.



Começo de noite quente e chuvosa em um bairro periférico de São Paulo, destes lugares que são citados nas letras dos Racionais MCs. Um congestionamento de ônibus e carros comprados a base de carnês volumosos como o alcorão, travam a Avenida Radial Leste. O calor passa dos 30 graus e como a chuva despenca, os sofridos trabalhadores ocupantes dos coletivos, para não se encharcarem mantém os vidros fechados e o cheiro de jaula castiga as narinas.

Um dos ônibus que estava naquele caos suburbano era o da linha 3739C que já estava parado há 45 minutos no mesmo lugar. Geralmente quando isso acontece, por mais longe que os busões estejam do seu destino, as pessoas saem de dentro deles e vão caminhando pela via em um verdadeiro êxodo de fudidos. Mas como a chuva caia em cântaros há dias, a galera não queria molhar as poucas roupas secas, pois todas as outras peças estavam esperando o Sol dar as caras para irem para o varal. Então a combinação de calor, ar rarefeito e catinga de todos os calibres entre outros desprazeres, foi minando o humor dos passageiros a ponto de um rosnar para o outro por conta de um guarda chuva cutucando o rim no meio do aperto. Mas isso era apenas a ponta o iceberg de coco com pus que os viajantes do 3739C ainda iriam ter que esfregar na cara.

Entre os amaldiçoados do ônibus estava Rosali. Uma jovem sagaz e de curvas bem traçadas do Jardim Alto Alegre na ZL, que trabalhava durante o dia de assistente de art-buyer em uma agência de publicidade, e a noite ia para a faculdade de comunicação social na esperança de dar um up na vida dela, tornando-se uma redatora fodona premiada em Cannes e parar de tomar no cu trabalhando na hora almoço e fins de semana. Ela estava acostumada com o dia-a-dia de merda de um coletivo, banhado por um oceano de imbecis machistas a encoxando, ébrios vomitando na escada de acesso e roupas cheirando a um mix de naftalina, sovaco e bolor. Mas naquele momento havia um outro odor que afligia muito mais Rosali, pois uma fedorentina semelhante a algo queimado foi tomando conta do coletivo. Este cheiro é muito conhecido por aqueles que chacoalham nos ônibus lotados, é o cheiro de fricção de polímeros que sempre antecede a quebra de um busão, um dos piores pesadelos de um assalariado da perifa, afinal a consequências disso sempre é todo mundo pra fora do coletivo – que naquele caso tinha o agravante chuva – tentando consertar ou esperando a próxima lata velha que já viria lotado e receberia mais uma carga de coitados que se apertariam a ponto de se ouvir suas costelas estalar.

Então o motor do ônibus apaga e o piloto tenta dar partida novamente, mas a máquina nem sequer faz barulho. O motorista esbraveja: _ Valadares filho de uma frecha, mandei este mecânico de bosta consertar o motor de arranque mas o viado fez igual ao cu da mãe dele. Por favor desce todo mundo e empurrem.
Rosali engoliu todo o seu ódio pelo universo e desceu daquela caralha de ônibus para ajudar. Empurrar 12 toneladas de metal não é uma tarefa simples, sendo assim os amaldiçoados passageiros se agrupam na parte traseira do cata corno e começam a propelir o veículo promovendo uma força tão grande, que poderia fazer a coluna vertebral sair pelo furico, caso o esfíncter não estivesse bem vigoroso.
O empurrar já começou mal, pois um boy do Tatuapé que não era acostumado a pegar uma bumba, foi empurrar o ônibus pelo escapamento e fritou a mão como um bife de coxão duro. O cheiro de carne assada ainda estava no ar quando houve uma segunda tentativa de fazer o motor do coletivo pegar, mas foi ai que se deu início a maior revelação que uma marmiteira poderia ter. Rosali no intuito de resolver logo a questão mecânica e ir para a faculdade, foi também ajudar a empurrar o ônibus fazendo força no pára-choque traseiro junto com outros populares. Toda aquela galera começou a fazer o ônibus se movimentar para a tentativa de "pegar no tranco", mas como Rosali na traseira não conseguia enxergar o chão, ela caiu dentro de um bueiro aberto, fato esse que nem foi notado pelos seus companheiros.
Levaram alguns segundos para ela realizar que estava dentro de uma profunda galeria de esgoto, com alguns aranhões espalhados pelo corpo e sem ter como voltar para o nível da rua, pois não havia escada. Ela tentou gritar por ajuda, mas era em vão. Era estranho,



pois a galeria de esgoto não estava completamente escura, e uma luz fraca e avermelhada, fazia com que ela enxergasse o túnel que nem havia tanta água podre correndo. Rosali começou a caminhar pela galeria que era um pouco mais alta que ela, para tentar encontrar algum outro acesso para a rua que houvesse uma escada. Quanto mais ela avançava, o túnel ia ficando mais iluminado com a luz cada vez mais vermelha. A intensidade da iluminação só ia aumentando com o avanço dela, até que Roseli chegou a uma conexão com outros túneis, onde era bem maior e havia um homem de terno bem cortado de costas para ela.
Não é difícil de pensar o quanto o cu de Rosali piscava diante daquela cena, e o cagaço se agravou quanto o cara se virou para ela e chifres de bodes se revelaram na testa de um individuo, que se fosse humano, não seria dos mais feios e aparentava uns 28 anos. Um pouco de urina escorreu pela perna direita dela, e ela ficou petrificada pelo medo. _Pareço muito caricato com estes chifres? Disse o demônio. E continuou... _É que eles são como um crachá. Me poupam apresentações. Rosali se arrependeu de nunca ter acreditado em Deus, pois agora ela acreditava no diabo e não sabia sequer rezar uma Ave Maria. O belzebu deu sequência no monólogo: _ Fique tranquila, embora eu seja um ser das trevas, meus poderes são limitados. Digamos que eu seja um capeta trainee e eu não tenho autonomia para te matar.
Rosali consegue falar: _ Eu julgava que o inferno fosse mais profundo, e não a poucos metros abaixo da Radial Leste.
O capeta gargalha dizendo em seguida: _ Vejam só. Achei que estes mortais da Zona Leste comedores de ovo colorido, não tinham senso de humor.
Rosali parou de mijar nas calças e começou a pensar melhor e disse: _ Bem... pelo fato de você ser um demônio de terceira linhagem, até que se veste bem.

Diabo: _ E você... que é uma assistente que fica o dia inteiro conferindo nota fiscal e preparando mocaccino para a sua diretora.

Rosali: _ Ta bom, então me diga qual é a sua função.

Sete Pele: _ Bem... se eu fosse um humano, eu seria um Analista de Prospecção de Novas Almas Infernais. Ou seja, basicamente eu inspiro o pior lado das pessoas para que elas venham pro inferno no final da vida. E o meio que eu melhor encontrei para fazer isso, é trabalhar nos porões do transporte público de São Paulo. É mais ou menos assim, eu saio criando problemas como filas enormes nos terminais de ônibus, e vou anotando o número da alma de todo aquele espertinho que fura a fila do embarque. Gosto também de me travestir de mulher gostosa para arrebanhar para o inferno quem vem me encoxar. Outras das táticas é infiltrar agentes demoníacos com mochilas enormes dentro dos vagões lotados do metrô. Posso até tirar velhinhas que cumprem pena no purgatório e por nos coletivos para pegar os lugares de quem estava sentado nos bancos para idosos, entre outras provocações que sempre fazem alguém se seja do bem, se encher de fúria e cometer algo que o faça seguir o caminho para o lado bestial. Mas confesso a você menininha suburbana mal vestida, o que mais me dá retorno, é em um dia de chuva como o de hoje, usar meus poderes para quebrar um ônibus lotado, igual ao que você estava a poucos minutos.
Rosali: _ Então foi você... e imagino que o pneu furado do ônibus que eu estava voltando da faculdade na semana passada tenha tido o seu dedo também.
Tinhoso: _ Sim... Adoro quebrar ônibus daquela linha. Lá está cheio de jovens da faculdade que no tumulto acabam se conhecendo melhor, depois fumam maconha e fazendo sexo grupal debaixo do Viaduto Bresser. É piroca e xoxota pra todo o lado. Mas enfim... todo o ódio gerado com um ônibus quebrado, fortalece o legado do inferno e trás mais almas para arderem na nossa instituição.

Rosali: _Bem... já que você não tem auto-suficiência para me matar, acho que vou indo. Adeus senhor Capeta.
Coisa Ruim: _ Auto lá mocinha. Eu disse que não posso te matar, mas desgraçar mais esta tua vida de fudida eu posso. Lembre-se que você pega dois ônibus e um trem por dia. Vamos fazer o seguinte, vou deixar você ir embora, mas vai ter que dar um jeito de levar a ira para dentro do ônibus que você estava, e que vai passar daqui a pouco no próximo ponto, que pelo esgoto você chega em

dois minutos. Estou trocando a sua tranquilidade de pobre que chacoalha no transporte público por ao menos três almas que vão dourar em fogo lento pela eternidade infernal.
Rosali concordou, pois o fato de tomar no rabo ainda mais a cada dia, não lhe agradava nada. E além de tudo, ela não se importava com quem prejudicaria, pois o altruísmo não tinha espaço da vida de quem como ela, tinha que matar um tigre a chineladas todos os dias.
Depois deste dialogo, Rosali corre pelo subterrâneo, e encontra uma saída com escada que dá exatamente no ponto onde o 3739C acabava de conseguir ligar o motor. As pessoas acharam estranho uma garota abrindo uma tampa de bueiro no chão e saindo, mas São Paulo é terra que tudo acontece. A menina limpou com as mãos a sujeira da roupa, e teve até alguém que se queixou de um certo cheiro de enxofre. Os viajantes entraram no veículo, e entre eles Rosali, que tinha a missão de causar uma catarse onde deveria tirar ao menos três pessoas de seus estados de consciência, até que cometessem algo que mandariam suas almas diretas pro desassossego infernal.

A primeira ideia da jovem, foi aproveitar um leve desarranjo provocado pela marmita com batatas e pernil da hora do almoço, e mandou um peido de uns 30 megatons que quase sangrou o nariz da galera. Era gente xingando, criança chorando, senhoras golfando e todo tipo de manifestação de ódio contra quem disparou aquele gás mostarda no busão. Boa – pensou Rosali -, esta celeuma pode ser o estopim de uma imigração de almas para o inferno, e minha vida estaria livre das tragédia do transporte público, e quem sabe, se eu entregar umas dez almas de presente para o Seu Diabo, ele não libera um carrinho pra eu nunca mais pegar uma condução.

Quando todos estavam abrindo as janelas para sair o cheiro da carniça, Rosali ouviu na sua mente a voz do Capeta que disse “brilhante... vou até te ajudar”. A chuva que até o momento era branda, se transformou numa tormenta daquelas que venta tanto que as gotas vêem na horizontal, e as janelas tiveram que ser fechadas, pois molhavam todos os que estavam sentados. Mas havia uma horda de fudidos que estavam em pé, que era muito mais agredida pelo cheiro de gambá crosfiteiro do que pelas gotas que não chegavam neles. Ai foi foda, pois se deu o inicio de uma guerra de quem estava sentado e queriam as janelas fechadas, com aqueles que seguiam viagem sobre as próprias pernas.

Não precisa ser fã de Sun Tzu pra saber que quem domina o topo da colida está em melhor condição na guerra, então, os passageiros em pé tinha uma vantagem do caralho, e aproveitaram a posição para agredir seus opositores sentados atirando marmitas vazias, cuspindo, dando soco, pescotapas, esfregando o saco no ombro, e até teve uma mulher que urinou na careca de um cidadão sentado. O caos foi aumentando e todas as pessoas trocavam socos, e já não importava quem estava em pé ou sentado, a guerra era todos contra todos. O motorista que dirigia em alta velocidade pela Radial Leste, desertou o seu posto de condução do veículo e também foi brigar no meio da tigrada. O coletivo ficou uns 10 segundos a uns 90 km por hora sem governança, até que bateu em um poste.
Rosali abriu os olhos e só vi luzes piscando, reflexo de fogo, gritos e um forte cheiro ferroso. Percebeu que estava deitada e tentou levantar. Não conseguiu, pois seus braços e pernas estavam presos, foi ai que ela percebeu que estava em uma maca dentro de uma ambulância. Ela ouviu a voz de uma paramédica que tentava a acalmar: _ Calma querida, tivemos que te imobilizar pois você estava muito agitada. Ela estava dentro de uma ambulância, e ficou sabendo que o 3739C que viajava, sofreu um acidente, e ela era a única sobrevivente entre todos os 52 passageiros. Desmaiou novamente.

Rosali teve alta no hospital depois de três meses, com vários pinos pelo corpo. Em uma das noites da internação, ela recebeu uma visita do Demônio com quem ela havia feito o trato. Ele foi até lá para agradecer, pois o mínimo eram três almas, e ela arrebanhou e entregou no mesmo dia 51. O Capeta disse que ela nunca mais teria problemas com transportes, e evaporou do quarto.
Roseli deixou o emprego na agência, abandou a faculdade, jogou todas as roupas que acentuava suas curvas fora, e hoje ela é evangélica, só veste saia jeans e camisa Polo, ostenta um coque na cabeça, e prega a Bíblia nos busões da Zona Leste.



ouça a entrevista

YouTube

EPITÁFIO

Domitila sentou-se novamente ao lado do minúsculo túmulo, debruçou o corpo sobre ele, como se o abraçasse. Fechou os olhos e sentiu uma paz que havia muito não sentia. Não tinha mais cansaço, nem dor, não havia mais agonia. Cumprira a missão.

Tudo começou por ali, nos arredores daquela vila. Ali viveram seus pais, e ali elas nasceram. Tempos difíceis, sem qualquer recurso. Lembrava-se dos olhos tristonhos da mãe ao falar sobre o encanto da filha mais velha. Da vivacidade dos seus oito meses de vida, da alegria, da pele rosada, dos olhos cristalinos, das coxas roliças.

E, num repente, na extensão de apenas um dia, ela se foi. Começou com um pequeno desarranjo, julgado como reação pelo despontar dos dentes, e no começo da noite agravou-se com uma febre incontrolável. Mesmo com a débil claridade da lamparina, ficava visível nas pequenas bochechas rubras a intensidade da febre. E a prostração do amado corpinho evidenciava a gravidade do quadro. Tudo muito rápido, sem tempo algum para qualquer acudimento. Na verdade, acudimento não existia. Ali, naquele fim de mundo, não havia nada. Ninguém além deles...

Quanta dor quando perceberam que nada mais poderia ser feito! A vida da filha havia partido. Ainda com a madrugada escura, com o fosco prateado do início da lua crescente, a mãe e o pai seguiram em direção à vila, carregando nos braços e na alma aquela que seria a maior dor da vida. E tudo foi feito. Nem sabiam como. A papelada foi providenciada, e a filha enterrada. De início, uma pequena carneira de ripas fora erguida, mas depois o pai providenciou uma lápide de tijolos com uma cruz de madeira. Tudo caiado de branco.

Dois anos depois, nasceu Domitila. Igualmente formosa, mas de saúde delicada. Da mesma maneira, amada. Por ali viveram mais uns poucos anos e, esperançosos, partiram para terras mineiras, dadas como promissoras para os roceiros. Passaram por duas fazendas de café, e na última ficaram até a morte do pai.

Domitila e a mãe mudaram-se para Lavras, cidade mais próxima da fazenda onde viviam. Alugaram três cômodos. Sobreviviam com a pensão que a mãe recebia pela morte do pai, e mais uns caraminguás que conseguiam defender com o trabalho de lavar e passar roupas.

A mãe já estava fisicamente debilitada. Idosa e judiada pela vida, pouco ajudava. Mas, para Domitila, era uma companhia prazerosa. Sempre se deram bem. Ambas possuíam almas nobres, eram mansas na lida com a vida. A rudeza e as tristezas não as endureceram... Faziam ótima companhia uma à outra. Conversavam demoradamente sobre todos os acontecimentos, sobre todas as saudades. Não havia nenhum planejamento para o futuro. Apenas a esperança de um dia voltar à vila onde Virgínia estava sepultada. Por opção, Domitila nunca se casou. De saúde frágil durante toda a vida, padecia constantemente com agudas crises de asma.

E assim os anos corriam mansos, simples. O passeio semanal de mãe e filha era a missa domingueira na capelinha próxima da casa em que viviam. Até que um dia, a mãe se cansou. Não queria mais comer, não queria mais tomar banho, não queria mais ir à igreja. Prostrada, definhada, não conseguia mais sair da cama. Domitila cuidava dela como se cuidasse de uma criança. Com paciência, com dedicação, com todo o amor do mundo. Mas os seus cuidados perderam a batalha para outra força. A morte levou a mãe.

Sentiu a mais dura solidão. Nunca pensara em ficar só. Não sabia como administrar a vida assim, sem ouvir uma única voz na casa. Entristecida, sem recursos para sobreviver, com a alimentação minguada e a falta de cuidados, as crises de asma intensificaram-se a ponto de os vizinhos procurarem a assistência social. E Domitila conseguiu, além de uma pensão vitalícia, tratamento médico dispensado pela equipe do posto de saúde.

Recuperou-se. Passou a fazer uso diário de muitos medicamentos que minimizavam os vários problemas de saúde desconhecidos até então. Passava os dias sem maiores preocupações, apenas atenta aos horários e doses dos seus medicamentos. O único propósito, no qual pensava e repensava ao longo do dia e durante as noites insones, era a viagem de volta à vila onde nascera, a visita ao túmulo da irmã. Era um desejo, uma missão. Prometera à mãe que não morreria sem lá voltar. E essa era a vontade mais velada.

Mesmo com todos os cuidados, a saúde de Domitila ficava mais comprometida a cada dia. E chegou um momento em que precisou deixar a casa que alugava. Foi levada para um asilo. Lugar aconchegante, apinhado de velhinhos amigos, cheio de cuidadores, de comida cheirosa, de cama limpa, de banhos refrescantes. Estava feliz. O jardim era lindo, com todas as flores da infância. Muitas dálias, cravos, rosas, flores de capitão...

Domitila não lembrava mais de qualquer tristeza. Preenchia os seus dias com as atividades de pintura, de bordados, de crochê, de jardinagem. E conversava muito. Tantos amigos, tantas histórias. Umas alegres, outras tristes... E nessas conversas soube que as pessoas idosas poderiam viajar de ônibus sem pagar. Não sabia! Isso lhe abriu caminhos... A parca pensão vitalícia não chegava a suas mãos. Quase a totalidade ficava com aadministração do asilo, o que era muito justo, assim ela pensava. A ela eram repassados uns trocados a cada mês, mas não tinha nem como gastar! Tinha tudo, tinha mais do que precisava...

O inverno chegou de forma inclemente. Frio que doía nos ossos, e que trouxe gripe a quase todos os idosos do asilo. Domitila ficou mal. Noites e noites de febre causticante, de tosses agudas, de falta de ar. E sempre, amorosamente cuidada. Pedia silenciosamente por saúde, pedia para que fosse dada a ela a possibilidade de viajar até a terra em que havia nascido. Era o seu mais intrínseco e único desejo. Nada mais queria da vida. Só isso...

Alavancada pela missão a cumprir, recuperava-se, ainda que lentamente. A febre cedera. Apenas a tosse a incomodava. Dava-lhe uma canseira danada no peito, uma inapetência, e atrapalhava o sono. Com a diminuição dos remédios, passava mais horas acordada, e tinha mais tempo para maquinar a sua viagem. Sabia que se falasse sobre

isso com alguém seria desencorajada, e se a administração porventura ficasse sabendo, ela seria impedida de ir de qualquer maneira. Por isso, tramava tudo silenciosamente. Dentro da cabeça, tinha toda a trajetória a percorrer. Em detalhes... Sairia do asilo à noitinha, no horário em que todos se recolhem. A sua companheira de quarto era dorminhoca. Bastava entrar nas cobertas e já estava ressonando. Iria bem agasalhada, levaria os remédios na bolsa, juntamente com a carteira de documentos e o pouco dinheiro que guardara por todo tempo. O nome da cidade ela sabia, e usaria do direito a passagens de idosos.

Tudo arquitetado, cuidadosamente planejado. Domitila ainda se sentia fraca, mas temia adoecer novamente e não ter a oportunidade de realizar o desejo arraigado na alma e cumprir a missão que combinara com a mãe. Não poderia fraquejar agora, talvez essa fosse a última, a única chance.

No dia escolhido, uma segunda-feira, reorganizou a bolsa, conferiu tudo, separou uma troca de roupa e a acondicionou numa pequena sacola plástica. Colocou tudo sobre os cobertores, no seu guarda-roupa.

Naquele dia, saboreou o café da manhã como nunca, passou os olhos em cada um dos amigos, conversou com muitos. Almoçou e jantou com eles, numa alegria imensa. Já estava com saudades antes mesmo de partir. E não pretendia demorar nessa viagem... Logo estaria de volta, e sabia que levaria uma bronca danada! Passeou pelo jardim olhando detalhadamente cada flor, que agora eram poucas. Ali o frio também havia castigado.

Depois do jantar, voltou ao quarto. Pegou uma folha de papel, uma caneta, e começou a desenhar umas letras. Mal sabia escrever, estudara muito pouco. Como ela mesma dizia, não escrevia, apenas desenhava algumas letras. Acabou de escrever e guardou a folha na bolsa. Não era um bilhete para a amiga de quarto. Cumpriria religiosamente o que havia esboçado em sua mente. Não diria nada a ninguém.

Ficou sentada na cama, esperando a chegada da parceira. Quando ela entrou foi direto ao banheiro. Voltou já de camisola, pronta para entrar nas cobertas. E assim fez. Domitila fez a oração da noite com ela, e em seguida entrou no banheiro. Tomou um banho demorado, estava imensamente feliz. Quando saiu, a companheira já ressonava. Deixou a porta do banheiro entreaberta para clarear um pouco o quarto. Pegou a melhor roupa, vestiu-se calmamente. Agasalhou-se bem, colocando até uma touca preta de lã. Escolheu um cachecol bem longo, deu duas voltas no pescoço. Calçou as grossas luvas, meias de lã, e confortáveis sapatos. Pronto. Estava preparada para partir. Aguardava apenas as luzes serem apagadas e o silêncio envolver tudo.

Para esperar, sentou-se novamente na cama. Com a pouca claridade que passava pela fresta da porta do banheiro, olhou cada detalhe do quarto. Quatro paredes que acolheram o seu sono nos últimos oito anos. Tempo bom... Olhava a amiga que dormia santamente. Companheira de tantas orações, de tantas prosas, de tantas risadas, de tantos dias bem vividos.

Finalmente tudo quieto. Tudo apagado. Domitila pegou a bolsa, o saco plástico, olhou para a amiga e deu um sorriso. Apagou a luz do banheiro, abriu a porta do quarto devagarinho, saiu, e com o mesmo cuidado a fechou. Seguiu passo a passo, com muito cuidado, como se pisasse em plumas. Não podia fazer qualquer barulho. Atravessou o pátio, e saiu pelo portão dos fundos. O único que era fechado com trava somente por dentro. Imprudente, irresponsavelmente deixou o portão destrancado, mas não havia outro jeito.

Quando se viu na rua, teve vontade de rir. Estava fazendo a maior peripécia de toda a sua vida! A maior, não! A única! Olhou a rua vazia, escura, um vento frio, cortante. Ajeitou os óculos, ergueu a dobra do cachecol até cobrir a boca e seguiu em frente. A rodoviária não ficava longe. Bastava andar por mais alguns quarteirões, e a primeira etapa estaria vencida.

Chegando à rodoviária, pediu informações e dirigiu-se ao balcão da empresa de transporte que fazia a rota. Pediu para comprar a passagem de idoso. Foi avisada de que o ônibus partiria às 23h, que iria até São José do Rio Preto, e que lá teria que pegar outro ônibus para chegar ao destino. Teria de esperar pouco mais de uma hora, mas estava feliz. Muito feliz. Sentia um frio intenso. Acomodou-se em uma poltrona bem recuada, fora da corrente de ar. Ali, quietinha, silenciosamente se pôs a rezar. Sentiu a presença da mãe. Sabia que ela estava ali, a lhe guiar. E sentia-se ainda mais feliz.

No horário marcado, o ônibus partiu. Que sensação prazerosa! Domitila nem se dava conta de quantos anos fazia desde a última viagem em um ônibus de carreira. Ainda era menina, isso mesmo! As luzes do ônibus se apagaram, a poltrona ao lado estava vazia. Nenhum idoso havia solicitado a outra passagem. Sobrava espaço para colocar a bolsa e a sacola plástica. Sentia muito frio, e pensou que deveria ter trazido a manta. Tinha pensado nisso, mas não quis fazer volume na bagagem. Tentava pensar em outra coisa, esquecer o frio. Em vão... Em poucas horas estava tremelicando, e o ar frio do ônibus piorava tudo. Percebeu que estava com febre. Tinha sede, muita sede.

Quando o ônibus fez a primeira parada, já era madrugada, Domitila pediu ao motorista que lhe comprasse uma garrafinha com água. Além da sede insana, queria tomar um remédio para baixar a febre. Sentia muito frio, e muito desconforto. E, para piorar, o gentil motorista trouxe água gelada. Coitado, foi tão solícito!

Tomou o remédio, bebeu toda a água. Não conseguia dormir. Não sabia se pela ansiedade ou se pelo mal-estar, mas não pregou os olhos. Na segunda parada, desceu cuidadosamente do ônibus, foi ao banheiro, comprou outra água, agora sem gelo, e voltou ao ônibus. O dia amanheceu e a encontrou exausta. Sentia-se cansada e doente. A tosse começou a incomodar. Estava gelada. Os pés, quase insensíveis.

Quando o ônibus chegou a São José do Rio Preto, Domitila perguntou ao motorista como deveria proceder para comprar a outra passagem. Orientada, conseguiu a passagem e só precisava esperar pelo embarque para o seu destino. Depois de um tempo, acomodada no assento reservado, e com o ônibus a caminho da vila da sua infância, Domitila começou a pensar nos amigos do asilo. A essa altura eles deveriam estar alvoroçados com a sua falta, as freiras deveriam estar preocupadíssimas com o seu sumiço. Na volta, ela explicaria, e a bronca seria retumbante.

Deu um sorriso. Sentia saudades.

A missão estava quase finalizada. Faltava muito pouco. Sentia um mal-estar tremendo, muito desconforto, uma fraqueza sem limite. Percebeu que a febre havia voltado, a tosse estava se intensificando, doía-lhe o peito. Deus! Aquele ônibus precisava chegar logo ao destino. Talvez quando descesse, tomaria um café com leite e comeria um pão, tudo ficaria bem. Queria chegar, isso era o que desejava. Nada mais.

Quando o ônibus chegou à rodoviária da vila, Domitila começou a chorar. Não sabia definir se chorava de alegria ou de dor. Sentia-se feliz, mas fragilizada. Tinha medo de que as forças a abandonassem. Já no saguão, foi ao bar, tomou um café reforçado e engoliu os remédios do dia. Foi ao banheiro. Antes de sair, lavou o rosto e passou uma escova nos cabelos. Seguiu a orientação do rapaz que a levava ao táxi. Passando pelas ruas, tudo lhe era totalmente desconhecido, nada familiar. Não possuía lembrança de nada, era muito pequena quando partira. Uma vila que agora era uma cidade, e cheia de ladeiras. O táxi subiu e desceu, virou aqui e virou ali, e em poucos minutos parou diante do cemitério.

Uma entrada acanhada. Domitila passou pelo portão de ferro, olhou adiante e viu uma imensidão de área. Não havia ninguém no atendimento. O cemitério era enorme. Tudo muito diferente do que a mãe lhe descrevera. Os túmulos eram gigantescos, modernos, suntuosos. Não havia nada da singeleza contada pela mãe. Foi caminhando em ziguezague, procurando com os olhos alguma evidência, algo similar a todas as narrativas da mãe. A tosse impiedosa não a abandonava. Tinha calafrios sucessivos. Andou muito, viu muitos túmulos de crianças, enquanto procurava avidamente por uma lápide pequena, rústica, com uma cruz de madeira. Muito cansada, sentou-se em um banco que ficava sob uma árvore, pediu a Deus que a orientasse, que abreviasse a sua busca. Estava mal, sabia que iria precisar de cuidados médicos, mas não naquele momento.

Voltou à portaria, havia um homem lá. Logo ele se apresentou como coveiro e responsável pelo cemitério. Domitila contou a ele toda a sua história, e o que buscava. Estendeu a ele o seu documento e disse que o nome da irmã era Virgínia, e que o sobrenome era o mesmo dela. O homem nem pegou o documento. Declarou que trabalhava ali havia mais de 40 anos, que não existia qualquer registro anterior a 1950. Então Domitila disse a ele que talvez o túmulo da irmã nem existisse mais. Mas ele garantiu a ela que todos os corpos sepultados até 1950 possuíam sepulturas perpétuas, definitivas. Todos continuavam no mesmo lugar. Explicou que os túmulos mais antigos ocupavam a área no entorno da capela. E como o cemitério fora ampliado posteriormente, os sepultamentos, quanto mais recentes, mais distanciados da capela ficaram.

Percebendo que Domitila não estava muito bem, o homem ofereceu a ela água e café. Ela aceitou, agradeceu e recomeçou a sua busca. Parou junto à calçada da capela e procurou buscar na memória a direção que a sua mãe havia descrito. Seguiu em linha reta, depois retornou ao mesmo lugar. Refez a caminhada na diagonal. Muitas crianças sepultadas, muitas fotos, o que simplificava a busca. O túmulo da sua irmã não tinha foto. Buscava um túmulo simples, com uma cruz de madeira. E não conseguia encontrar. Sentia tanto frio, tossia incessantemente, tinha vontade de deitar, mas estava ali, pronta a realizar o seu desejo. Não recuaria, nunca...

A tarde ia caminhando sem pena. E ela não encontrava o túmulo da irmã. Prostrada, chorando baixinho, sentindo a febre cada vez mais elevada, com a tosse a lhe castigar o peito, retornou novamente ao ponto de partida: a velha e minúscula capela. E desta vez seguiu sem rumo, novamente ziguezagueando entre os túmulos. Tropeçava aqui, pisava em falso ali, já não sentia os pés. O sol estava a descer, e ela continuava a busca. O encarregado do cemitério havia terminado o expediente. Pensara que Domitila tivesse desistido, e se foi. Além dela, não havia mais ninguém por ali.

Não tendo mais forças para continuar, Domitila sentou-se na estreita calçada de um túmulo. Começou a chorar copiosamente. Sentia-se doente, incapaz de seguir a caminhada, e extremamente desolada. Não encontrara o túmulo da irmã. Voltou os olhos para o céu, o sol quase sumira por completo. Pensou na mãe. Olhou em frente, e depois desviou os olhos para o lado. Prestou atenção à lápide margeada pela calçada onde estava sentada. Com muito esforço, colocou-se de pé. Era um túmulo pequeno, antigo, com uma pequena elevação na cabeceira e um buraco no centro. Percebeu que aquele buraco não fora feito em vão. Sim, ali ficava a cruz de madeira. Certamente havia se desfeito com o tempo. Sentiu que finalmente havia encontrado o túmulo da irmã. E chorou, chorou como nunca havia chorado na vida. Chorou gritado. Nem soube por quantos minutos... Estava exaurida.

Domitila sentou-se novamente ao lado do minúsculo túmulo, debruçou o corpo sobre ele, como se o abraçasse. Fechou os olhos e sentiu uma paz que há muito não sentia. Não havia mais cansaço, nem dor, não havia mais agonia. Cumprira a missão.

Com a cabeça recostada na fria lápide, e com o rosto em brasa, Domitila guardava no pensamento a figura da mãe, dos amigos do asilo, do pai. De repente, o frio cessara, não havia desconforto, nem tosse, nem dor no peito. Tudo ficara muito leve, flutuava...

Na manhã, Domitila foi encontrada.

Sem saber o que fazer, e lembrando toda a história contada por ela, o coveiro conferiu a bolsa, procurou pelos documentos. Encontrou a folha de papel dobrada, toda amassada. Abriu rapidamente o papel e nele viu desenhado: QUERO FICAR AQUI. ESTE É O MEU LUGAR.

E assim foi feito.

Regina Ruth Rincon Caires

As aves

Autoria: Luís Amorim, de Oeiras, Portugal



Quando aterrei de repente e sem total previsibilidade minha por companhia face ao que iria presenciar, fiquei no imediato atento à selvagem vida das aves, voando alegremente e na incessante busca do que faltava para o seu diário. Muito pareceu à perspectiva minha que já teriam responsável posse mas tal suficiente não deveria ser, pelo menos, dedução correcta pensei enquanto observava novo bando delas chegando para lugar de abrigo reclamarem como seu, igualmente de mente própria me saiu. Aliás tudo o que conferia pela frente nascia de convicções pessoais resultantes de perspectivas que empregavam tempo meu, sem demais ocupações. Mas como remunerado e bem, ali me encontrava, nem reclamar haveria que considerar hipótese. Se bem deduzi, existia por ali uma ave que recebia das outras comportamentos tais dignos de quem se dirige a superior numa hierarquia que cada espécie supostamente terá como, e julgo ter pensado no acertado, naquele aterro onde no anterior repente cheguei, tais aves igualmente adoptavam para si os referidos trejeitos considerados. O topo era personificado pela ave importante no mais enquanto as restantes gravitavam à sua volta feitas naturais satélites, respirando da sua notável importância. Deviam por igual obediência sua e tinham no retribuir vindo de cima as benesses alimentares que pudessem disponibilizadas ser por autorizadas. De baixo, olhava-se para o alto à figura da autoridade, não havendo possibilidade tida por exequível de refilar face a quem ditava o que fosse preciso na vontade do destino em condução. Guiava-se cada qual ao sabor da ordem estabelecida, aceitando a lei do mais forte, neste caso, a ave feita rainha, restando-me saber quem a coroou, se é que tal evento teve lugar de facto. Sim, porque no eventual poderia ter acontecido golpe algum que a tivesse colocado por lá, ditando ordens ao colectivo existente e o que mais estivesse para chegar em busca de tantas benesses por distribuir. Havia, estou no crer de tanto fato de ave, muito a preceito de traje vestido para a gulosa partilha do que tantas mais desejavam, sentindo a importância sua a chegar na entrega das oferendas que antes lhes chamei benesses, a serem disponibilizadas às seguidoras trajadas no rasto da rainha. Sim, porque o seguimento implicava o acesso ao que houvesse e por demasia assim via eu por contabilização que chegaria para todas. Só que as minhas contas eram feitas na base das aves que eu constatava por ali na procura de lugar e alimento e, com infinitas outras na entrada para o aterro visando o mesmo que as restantes já tinham por seu, comecei a suspeitar que, ou as benesses teriam de ser produzidas em número maior, ou então parecia-me difícil existência de prosperidade reflectida no rosto de todas. Algumas não aparentavam de todo nesse igual vislumbrar pois eram as que trabalhavam em prol dos alimentos por recolha, as tais benesses para no imediato serem distribuídas pelas seguidoras e, o mais que preciso fosse para o funcionamento da sociedade. Encerravam-se no lugar mais baixo da hierarquia e por muito que reclamassem, nada conseguiriam obter para si quando comparado à lista interminável que compunha a vida das seguidoras. A rainha assim debitava quando falava na linguagem sua, então para audição de todas, mesmo que as operárias, se assim as posso identificar, reivindicassem apenas interiormente e muito assim me assemelhava o seu resmungar. Queriam certamente um justo mais viver mas provavelmente não sabiam como fazer tal empreitada. Não tinham a organização que mesmo num hierárquico mais baixo nível sempre convém existir, até para sua partilha de viveres dentro da sociedade. Estava realmente compenetrado neste estudo social das aves em questão e até começava a tomar partido sentido numa das classes, desejando sua libertação face aos ditados e outros escritos por certo legislados à vontade de rainha para usufruto de tantas oportunistas. E como elas não paravam de chegar! Parecia o infinito de novas seguidoras e duplicado considerar no que houvesse para retirar em próprio benefício.

Mas eis que grupo novo de aves apareceu e no imediato por si escolhido, colocou em causa a hierarquia estabelecida, sabe-se lá desde quando, pelo menos não fui eu informado de tantos antecedentes que deram por consequência este de coisas estado. Fiquei mais animado por bem e no meu escrito também, senti idêntica viragem de ânimo. O virar de estado nem sempre é pacífico, muitas vezes é um revoltado mar com demasiados náufragos e uns parcos heróis que só uns quantos glorificam. No então deste enredo, houve confrontos verbais e exposições naturalmente previstas no antes, com distintos trocados vista de pontos, os quais entendeu minha pessoa que assim teria de ocorrer a bem de mudança pelo melhor social com baixas que não existissem. O pacifismo deve ter sempre lugar e nem aceito ismo outro para texto este. Também ninguém mais apareceu para redigir escrita em continuação pelo que sigamos apenas com as vigentes considerações. Debate houve e muito entre rainha nóveis interlocutores de poder que se pretendia diferente e plural a bem de todas as aves, todas elas no semblante de expectativa pelo que viria por seguir. Diverso e no bastante muitas anteviam, especialmente as seguidoras na recepção, talvez mesmo subtracção por travessos meios, de benesses sem fim. Este iria para outro estado, assim se esperava para se poder dizer que enfim, sociedade nova aí viria, onde aves por seu colectivo pleno, tudo poderiam construir e partilhar sem umas quaisquer hierarquias, ditadas sabe-se lá por quem, ou mesmo sabendo, não realçando no singular desvios que por ali se definiam e pior ainda, se desenvolviam, quando o tempo de mudança é que importava destacar. O citado mudar foi, na dúvida sem, pacífico e ainda por bem, pelo que tarefa minha estaria por quase terminada, faltando ainda registar através de caracteres por mim escolhidos, como a mudança ocorreu na direcção que mais se ansiava, sem baixa de aves nem o continuar de uma ou plural seguidista olhando de cima para outras em tarefas que apenas beneficiariam umas quantas. Era no aplaudido e festejado real que se via uma sociedade de aves finalmente irmã por colectivo, trabalhando todas elas em prol da sociedade e delas próprias, quando a soma das aves singulares resultava num plural numérico que era igual à efectiva soma, com ausência de discrepâncias que enviesassem a contabilização que toda a gente deveria fazer saber. Estava já eu de retirada para dar lugar de destaque a quem proporcionou o novo bem-estar social no aterro onde aves não faltavam e muito para festejos havia por justificação, quando elas mesmo em ave plural no designar meu, convite fizeram no repente para me juntar à festa da mudança para a sua nova sociedade.



Wilson Inacio

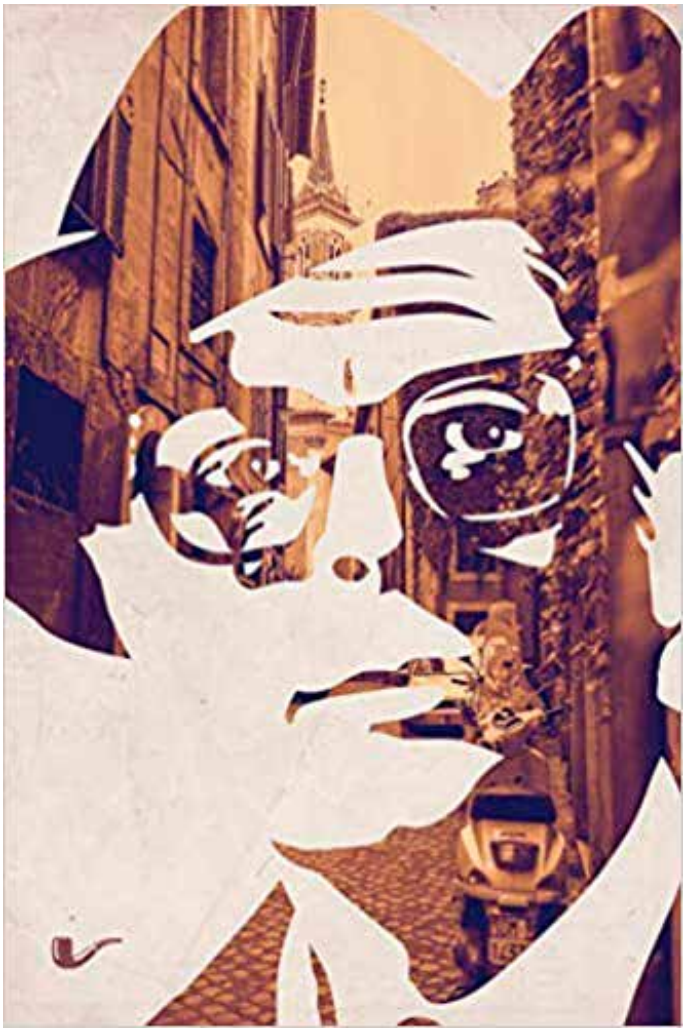
UTÓPICA PERFEIÇÃO

“Todos somos perfeitos imperfeitos em algum ou a todo momento. Somos admirados, admiradores... Contudo, muitas pessoas só exaltam o que qualifica-nos quando lhes convém. E, então, sobressair o que desqualifica o outro automaticamente causa uma “falsa boa” sensação comparativa do ser menos pior... Que, como o tempo continua a seguir, cada um cultiva consigo, em variados espaços de tempo, até mesmo o que não decide... Quer seja pelo amor quer pelo ódio... E no fim, tudo que sobra, e isto à todos, é Ser Humano: Nato mortal ultra egoísta”.

Leon Oliveira

Leon Santos Martins de Oliveira
Rua 2(dois) de Julho, 176
Indiaroba, SE – 49250-000
(79) 98172-6701
(79) 99844-9016
E-mail: leonsantosmartinsdeoliveira@gmail.com

Resenha – Brava Serena, de Eduardo Krause
https://papoliterario.com.br
Instagram: @carol.papoliterario



Roberto Bevilacqua se muda para Roma, após ser compulsoriamente aposentado. Matricula-se em uma escola de italiano, toma seus muitos remédios na hora certa, renuncia aos calóricos e gordurosos pratos italianos em nome da saúde já debilitada e começa a refazer os passeios de sua lua-de-mel, tentando recordar cada detalhe, em especial o rosto de sua amada esposa, que já começa a se esvair em sua mente. Até aí, tudo dentro dos planos daquele que sempre trabalhou com seguros. Só que Roberto não contava conhecer Serena, a jovem que impressiona a todos e não se impressiona com nada e que promete virar a vida desse senhor de cabeça para baixo. Aos poucos, uma belíssima amizade se constrói e uma jornada de descobertas, saudades, muita comida e muito vinho se inicia.

O livro traz questões muito pertinentes e de forma bastante sutil. Roberto é um idoso que não tem ninguém (vamos entender melhor o que aconteceu ao longo do livro), e que tem dificuldades com coisas simples, como ligar um cooktop, e fica carregando um aparelho de celular muito antigo como despertador. Anda devagar, causando irritação em pedestres impacientes, procura pelas comidas menos gordurosas, despertando olhares de desaprovação dos garçons italianos. As cenas de intolerância e desrespeito à pessoa idosa são diversas durante a narrativa, algumas não intencionais, outras mais duras, mas o que mais doeu de ler foi a solidão sentida pelo protagonista.

Claro que sua solidão não dura muito tempo, pois Roberto conhece Serena, um raio de Sol, que chega a ofuscar as vistas, por vezes. Mas quantos tem a chance de ter uma Serena em sua vida, que lhe dê atenção, carinho e uma amizade sincera?

Outras questões muito importantes são ainda levantadas: a idealização da pessoa amada, especialmente após a morte, relações familiares afetadas pela falta de diálogo, diria até uma tendência à autodestruição quando se imagina que nada mais falta acontecer na vida. E o mais incrível é que tudo é feito com muito bom-humor, nada pesado, embora também possa arrancar algumas lágrimas.

Brava Serena também é cheia de referências ao cinema italiano, em especial aos filmes estrelados por Marcello Mastroiani, de quem Roberto é um sósia perfeito. Pratos italianos e vinhos também não poderiam faltar a essa mistura. Aliás, já aviso que não é uma boa ideia ler esse livro com fome! Várias paisagens italianas estão belamente descritas por aqui, e por diversas vezes tive que parar a leitura para pesquisar os lugares, de tão curiosa que fiquei.

Esse é um livro incrível, que promete agradar todos os tipos de leitores: os cinéfilos, os românticos, os enófilos, os comilões, os que gostam de rir, os que gostam de chorar, enfim, não há contraindicações para essa obra! Apenas abra seu vinho, sente em sua melhor poltrona e deixe-se levar até a Itália!

Desmatada



Onde vamos parar?
Até quando vamos nos enganar?
O dinheiro não compra uma
vida, mas é capaz de destruir
milhares. Estamos perdidos
na ganância de poucos,
mas encontramos forças na
simplicidade de muitos.

Terra, choramos por ti e por
tudo que estão fazendo contigo.
Esse pobre animal, que se diz
racional, pode aprender que,
no final, era apenas só mais um
animal e que não tinha nada de
tão especial.

O homem queima, desmata e
destrói aquilo que deveria ser
cuidado, preservado e amado.
Sei que está difícil, mas oro para
que não seja tarde demais para
voltar e tentar restaurar o nosso
lar.

Gabriel Coutinho
Ator, poeta e bacharel em direito.
e-mail: gabriel.a.c.s@hotmail.com
Fone: (43) 99906-4468

Antipanfleto

Acordo pensando no que ainda vai acontecer
que notícias escabrosas nos aguardam
que absurdos ainda nos espantam
Durmo elaborando o que passou
sujeira atrás dos móveis
caneta que descobrimos atrás do sofá
quando fazemos mudança
poeira que fingimos não ver
quando ligamos o ventilador
Passo os dias fugindo da TV
das redes sociais
das mensagens dos amigos
dos comunicados do trabalho
Haverá espaço no corpo, na mente?
Como seguir em frente com tanto peso?
Com medo constante de tropeçar?
Solicitam-nos ideias positivas
gotinhas de sabedoria em plena pandemia
em um país que a nega
Exigem-nos criatividade
pensar em soluções para o pós
sem imaginar qualquer revolta
sem ser indócil nem reativa
(Peço perdão pelo pessimismo
mas se nem a literatura puder servir
para me desaguar
onde mais tentar me afinar com estes dias?)
Porque destas grades que me cercam
deste apartamento que me mantém
segura e ao mesmo tempo impotente
não consigo perceber bons frutos
sem que se remexa profundamente a terra
sem que nos refundemos em bases renovadas
Vejo com sutil e efêmera esperança
as tentativas esparsas, isoladas
condenadas mesmo por quem concorda
discurso intenso, prática limitada
Acordo, durmo e passo os dias
esbarrando no jeitinho de sempre:
o novo velho esquema
vestido inédito em corpo saturado
simuladas sementes

Maria Cristina Martins

Verão em Brno

Por Tássia Veríssimo

Radka desembarcou do trem em Brno após quase duas horas e meia de viagem a partir de Praga. Era um bonito dia de verão, com céu azul, nuvens branquinhas e uma temperatura agradável de 23 graus celsius. Bem diferente de sua terra natal, com temperaturas que batiam fácil na casa dos 40 graus e produziam bastante suor. Antes disso haviam sido 20 horas entre o Brasil e a capital da República Tcheca, contando os voos e as esperas em aeroportos. Mas, ao contrário do que se poderia esperar, ela não se sentia cansada, afinal foram muitos anos aguardando esse momento.
Apesar do nome, Radka nasceu no Rio de Janeiro, filha de descendentes de portugueses como grande parte dos brasileiros. Sua mãe, professora de literatura em uma universidade pública da cidade, escolheu seu nome inspirada em uma de suas alunas que havia emigrado da República Tcheca para o Brasil. Achou o nome lindo, diferente e a moça era uma das melhores da classe. Deveria dar sorte!
A menina descobriu a origem de seu nome aos oito anos e desde então virou uma entusiasta da cultura tcheca, o que surpreendeu positivamente os pais que a apoiaram na paixão pelo país distante. Radka estudou o idioma tcheco e, quando se formou em história resolveu fazer um mestrado cuja dissertação se debruçou sobre a cidade de Brno, única da região da Morávia a resistir ao cerco sueco durante a Guerra dos Trinta Anos, ocorrida no século XVII.
Dois anos e meio antes de seu desembarque em Brno, Radka havia ganhado uma bolsa para aprimorar suas habilidades no idioma local, mas uma pandemia fez com que seus planos fossem por água abaixo junto com o fechamento das fronteiras e a necessidade de isolamento social. A experiência lhe rendeu muitas noites insones e chorosas, com episódios de crise de ansiedade. Neste meio tempo também viu seu casamento acabar – com uma traição escandalosa do então marido com a colega de trabalho - e o desejo por recomeçar a vida em outro lugar nascer. Resolveu, então, pedir demissão da escola em que trabalhava, vender tudo que tinha no Brasil e comprar uma passagem apenas de ida para o país de seus sonhos infantis.
Chegou à cidade contratada por uma empresa de turismo que, de olho nos turistas lusófonos, se interessou em ter em seus quadros uma guia brasileira, com formação na história tcheca e que dominava o idioma. Era a funcionária dos sonhos! Radka estava empolgada com a nova empreitada e feliz por ter conseguido levar sua cachorrinha junto, o que a fazia se sentir muito mais segura emocionalmente. Sonhava inclusive em escrever um romance que se passasse no país. Pensou que a mãe ficaria feliz em ter uma filha artista das letras. Mas esses eram planos mais à frente. Por hora só queria chegar com suas malas no apartamento alugado, tomar um bom banho e dormir para tentar ajustar o fuso horário.
No dia seguinte acordou cedo, sem precisar do despertador, e aproveitou que ainda teria uns dias de férias antes de começar o treinamento no emprego novo para dar uma volta com sua cadelinha pelas ruas da cidade e começarem, juntas, a se familiarizar com seu novo lar. Riu sozinha pensando se Luna saberia latir em tcheco.
Chegou à Praça da Liberdade, por acaso, exatamente às 11 horas da manhã, horário no qual uma escultura-relógio feita de granito, que comemora a resistência tcheca ao cerco sueco de 1645, libera uma bolinha que serve de suvenir aos turistas atentos. Radka tinha ido morar em Brno, mas o coração ainda era de turista, então ficou muito animada quando conseguiu pegar o mimo para guardar de recordação de sua primeira manhã na cidade.
Passou pela Abadia Agostiniana de St. Thomas, famosa por ser o local que, no século XIX, o monge Gregor Mendel fez os famosos experimentos com ervilhas que acabaram por consagrá-lo como o "pai da genética", com suas três leis da hereditariedade. Anotou mentalmente que assim que os pais viessem visitá-la deveria levá-los ao Museu Mendel, já que seu pai médico se interessaria pelo assunto. Aliás, o que não faltava na cidade eram atrações que despertariam a alegria dos dois, pois Brno conseguia mesclar muito bem o lado mais apegado à história de sua mãe com o gosto por ciências do pai. Gostaria muito de levá-la ao Castelo Spilberk, que nasceu como fortaleza no século XIII, se tornou uma prisão e atualmente é o Museu da Cidade de Brno. E, claro que já sonhava também em provar as mais deliciosas cervejas, produzidas tanto nas cervejarias modernas quanto nas tradicionais como a Starobrno.
Dirigiu-se à uma praça próxima à Igreja St. James e sentou-se em um restaurante no qual pediu um Španělský ptáček, prato nada leve com carne, ovo e linguiça, além de uma cerveja para acompanhar. Enquanto saboreava a iguaria, olhando o movimento das pessoas na rua e pensando no quanto estava se sentindo feliz e ao mesmo tempo ansiosa com todas as novidades, esbarrou seus olhos em um homem que vestia uma camiseta da seleção brasileira – de vôlei! Achou um tanto quanto inusitado e deu um sorriso, também estimulada, claro, pelo fato de o ter achado bonito. Ele retribuiu. Radka falou um "oi" em português, pensando se tratar de um conterrâneo. Foi retribuída com um "boa tarde" cheio de sotaque.
Após o almoço, acabaram dividindo a mesa para um café com Palačinka, um tipo de crepe, e muitos papos sobre a coincidência de uma brasileira apaixonada pela cultura tcheca esbarrar por acaso com um tcheco apaixonado pela cultura brasileira. Radka ainda não sabia, mas naquele restaurante, às 15 horas e 34 minutos de seu segundo dia em Brno começava a ser escrito um romance que mudaria tudo.



Tâmaras

Leva-se tempo para desfrutar o sabor da tâmara
Tempo que consome a soma dos tempos
Contados por toda uma geração.
Mas há um ensinamento de paciência
Para aquele que espera o fruto da tamareira
E também há uma lição de altruísmo.
Não viverás um século para ver a semente
Metamorfoseando-se em árvore frutífera
Mas ninguém veria se o egoísmo imperasse
Nas consciências dos homens do passado.
Pode levar tempo, muitos anos, imensidão de horas
Mas se semearmos hoje o mundo que queremos
Alguém, que será a continuação de nós mesmos,
Como peregrinos na Terra, poderá usufruir
Do resultado do labor de nossas calejadas mãos.
O mundo de ontem não existe mais!
Porém o sol ainda se levanta todas as manhãs
Explodindo a casca da fria madrugada
Para bradar a todos os que querem ouvir
Que a vida ainda insiste e existe
E é preciso recriar o campo
Para que possa brotar novamente

14.05.2020

Carlos Carvalho Cavalheiro





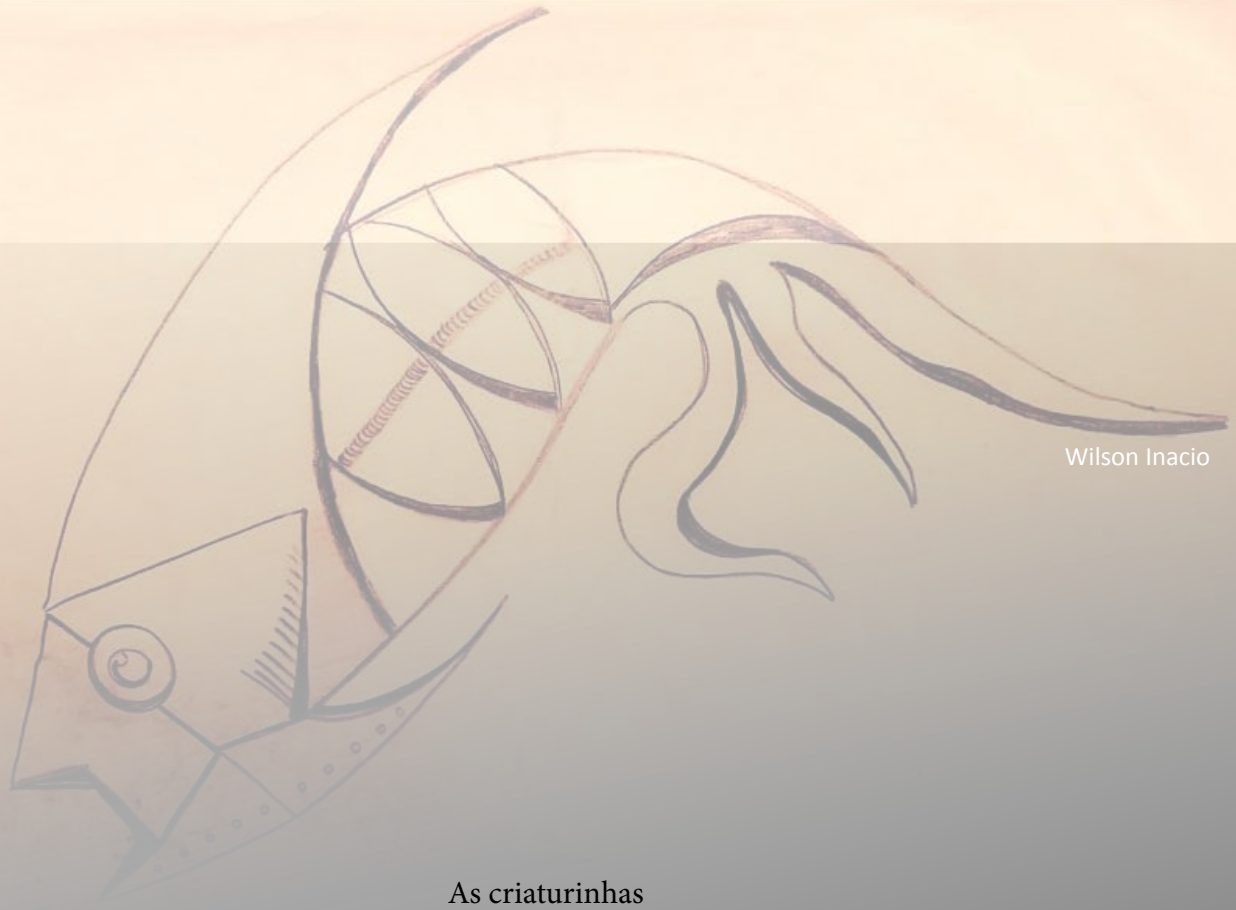


https://caiosilva.minestore.com.br @caionpoeta


Wilson Inacio

CACHORRO DE RUA - Larissa S. Souza

Casas vazias de si e cheias de pessoas
Avistei logo cedo um humano de focinheiras gerando aglomeração no meu banco
No banco da praça
Não vejo coleiras
Não vejo a carrocinha
Mundo paralelo
Estranho, as coisas estão de ponta cabeça e ninguém me avisou
Sigo aqui, com meu cubo ao quadrado tentando acertar a combinação
Não é Sudoku e nem mega sena
É só mais uma visão esteriopada de um cachorro de rua
Da rua para o mundo e do mundo que não é de ninguém
Do humano de focinheira que paga parcelado seus míseros pecados
Do mel ao sangue doce
Doce sangue humano
Ampulheta avisa que o tempo está se esgotando
E você ainda se alimenta do seu próprio sangue
Esquece-se que um humano é um milhão
Milhões de vidas
Uma vida
A sua, a minha e a nossa
Vidas negras importam, pois é a sua vida também.



Wilson Inacio

As criaturinhas

Ano 3200. Aquelas pequenas criaturas eram tidas, há séculos, como erradicadas da face da Terra. As gerações vindouras só as conheciam por fotografias e vídeos em sites da Internet ou, ainda, em livros de Ciências (que não foram extintos, felizmente). Mais raramente, exemplares mumificados da espécie poderiam ser encontrados em alguns museus, aqui e acolá.

Todavia, todos estavam redondamente enganados. Os bichinhos resistiram ao tempo, às inconsequentes ações humanas, ao aquecimento global e às centenas de desastres naturais que se sucederam.

Naquele ano, misteriosamente, todas os animais marinhos já haviam adquirido a capacidade de pensar e falar. Logo, passaram a ter comportamentos típicos da (ir) racionalidade humana. Aprenderam sobre o amor e o ódio, criaram suas próprias línguas e adotaram crenças. Eram, pois, seres culturais, de sentimentos dúbios, como os humanos.

O fundo do mar, que sempre fora diverso em quantidade de espécies, agora era, também, um ambiente marcado pela diversidade cultural. Conflitos, por óbvio, tornaram-se corriqueiros. A predação, inclusive, deixou de ser apenas uma questão de necessidade básica alimentar para se tornar um problema sociopolítico. Quando alguns grupos se perceberam geneticamente mais fortes que outros, logo trataram de se impor e a ditar as regras, a dizer o que é belo ou feio, certo ou errado.

No âmbito familiar, por exemplo, o conservadorismo imperava. Qualquer comportamento que fugisse aos ditames da família tradicional era fatalmente combatido. E foi nesse contexto que, num certo dia, as pequenas criaturinhas reapareceram. Um tubarão ultraconservador, durante o trabalho de caça, deparou-se com a cena mais repugnante de toda a sua vida: um lindo cavalo-marinho em trabalho de parto.

As criaturinhas, sábias, (re) aprenderam a resistir.

Autor: Marcos Nunes Loiola
Botuporã - Bahia



Wilson Inacio

PRÓXIMA EDIÇÃO #9

AGOSTO 2020

dartelondrina@gmail.com